

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
THIAGO FERREIRA MOREIRA D'AMATO

**O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR RUSSO: Do Fardo Econômico à
Reabilitação Militar.**

Rio de Janeiro

2020

Thiago Ferreira Moreira D'Amato

**O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR RUSSO: Do Fardo Econômico à
Reabilitação Militar.**

Thiago Ferreira Moreira D'Amato

**O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR RUSSO: Do Fardo Econômico à
Reabilitação Militar.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Mestre em Economia Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Numa Mazat

Rio de Janeiro

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

D155 D'Amato, Thiago Ferreira Moreira.
O complexo industrial militar russo: do fardo econômico à reabilitação militar /
Thiago Ferreira Moreira D'Amato. – 2020.
163 f.; 31 cm.

Orientador: Numa Mazat.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de
Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2020.
Bibliografia: f. 144 – 151.

1. Complexo militar-industrial. 2. Geopolítica. 3. Desenvolvimento econômico.
I. Mazat, Numa, orient. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de
Economia. III. Título.

CDD 338.476233

**O COMPLEXO INDUSTRIAL MILITAR RUSSO: Do Fardo Econômico à
Reabilitação Militar.**

Autor: Thiago Ferreira Moreira D'Amato

Orientador: Numa Mazat

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisitos parcial à obtenção do título de Mestre em Economia Política Internacional.

Aprovada por:

Prof. Numa Mazat

Prof. Javier Ghibaуди

Prof. Darc Costa

Rio de Janeiro

Dezembro, 2020

À Gláucia

Agradecimentos

Essa dissertação sobre o Complexo Industrial Militar da Rússia foi um passo importante na minha carreira. Estudar um tema tão complexo teve um efeito muito positivo no meu amadurecimento acadêmico. Foram dois anos de grandes dificuldades nos quais me deparei com novos conhecimentos e pude aprofundar outros trazidos da graduação. O programa da pós graduação em Economia Política Internacional foi o ambiente perfeito para que tudo isso acontecesse tendo um compromisso com amultidisciplinaridade característica da EPI.

No entanto, nada disso seria possível sem o apoio e conforto das pessoas mais próximas e queridas. Foram elas que, desde a graduação em Relações Internacionais, me apoiaram e incentivaram a melhorar. Dentre essas pessoas queridas estão três em especial. Minha mãe, Gláucia e meus padrinhos; Maria da Graça e Antônio Amado. Foram eles que estiveram, a todo momento, do meu lado e que me ensinaram a conviver com as dificuldades. Sempre me incentivaram para que eu pudesse ter a melhor educação possível acreditando, sempre no meu sucesso. Devo a essas três pessoas tudo meu carinho e amor.

Durante os dois anos que passei no mestrado pude conhecer várias pessoas, entre professores e colegas de turma. Posso dizer que a turma de 2018.1 foi a melhor turma da qual fiz parte durante toda minha vida acadêmica. Pude vivenciar bons momentos com as pessoas que fizeram parte desse processo. Levarei essa turma para sempre comigo lembrando das nossas confraternizações e amizade espontânea. Agradeço a eles também.

Não obstante, gostaria de lembrar de outro processo, do qual participei ativamente, durante o mestrado. A construção do Instituto da Brasilidade conduzida pelos professores Carlos Lessa e Darc Costa. Foi na cosarão do Cosme Velho onde tivemos grandes debates e onde pude amadurecer intelectualmente. O objetivo grandioso do Instituto, pensar os Brasil de forma soberana e independente, foi importante para que eu tivesse uma nova ideia de Brasil. Foi alí, também, que pude interagir com professores e amigos de outros programas de mestrado e doutorado. Nesse tempo pude fazer grandes amizades. Esse novo grupo me trouxe grandes amigos como Marcelo Nicolau, Daniel Kosinski, Fernando Azevedo e Vitor Sanchez. Nos tornamos muito amigos e serei sempre grato pela ajuda nos momentos complicados e pelos debates infundáveis. Nao

poderia deixar de citar dois grandes amigos que fiz durante a graduação; Felipe Carioni e Felipe Garcia. Grnades amigos com quem conto até os dias de hoje.

Gostaria de agradecer ao meu orientador Numa Mazat que teve um grande trabalho durante esses dois anos de mestrado. Não poderia ter terminado um trabalho tão complexo sem a sua ajuda. Quero agradecer ao coordenador do curso Raphael Padula que, durante a graduação, teve papel importante na minha formação e no incentivo à pesquisa. Por último, gostaria de agradecer à instituição da qual faço parte há dez anos; Universidade Federal do Rio de Janeiro. No momento que vivemos, em que as universidades públicas estão sobre constante ataque, a UFRJ continua sendo grandiosa, formando os melhores quadros e desenvolvendo pesquisas em busca de um Brasil soberano e desenvolvido.

“The first world war was a war of men and guns. This war is one of instruments and machines-bomb sights, submarine and plane detectors, superchargers. [...] our planes will

*fly higher and faster. Our guns will outshoot
any others and our tanks will be tougher.”*

(J. D. Ratcliff)

Resumo.

O tema que se propõe a discutir esse trabalho está dentro de uma área complexa e com muito pormenores. A análise de um complexo industrial-militar possibilita o encontro de vertentes do pensamento que há muito se separaram e que é base metodológica para a Economia Política Internacional. No primeiro tema podemos observar e destrinchar a questão econômica em sua totalidade.

Ao observar os efeitos para a indústria de um ciclo desenvolvimentista liderado por objetivos militares procuramos entender como essa instrumentalização funciona. Dentro dessa delimitação, se faz necessário entender o projeto de Estado que leva a uma preponderância de uma elite militarizada para executar esse projeto. Partindo do foco na construção desse projeto nacional com uma elite militarizada comandante, é necessário buscar como isso afeta outros níveis da economia.

Palavras Chave: Complexo Industrial Militar, Rússia, Geopolítica e desenvolvimento.

Abstract.

The topic that is proposed to discuss this work is within a complex area and with many details. The analysis of an industrial-military complex makes it possible to find strands of thought that have long since been separated and which is a methodological basis for International Political Economy. Within the first theme, we can observe and unravel the economic question in its entirety.

By observing the effects for the industry of a development cycle led by military objectives, we seek to understand how this instrumentation works. Within this delimitation, it is necessary to understand the State project that leads to a preponderance of a militarized elite to execute this project. Starting from the focus on building this national project with a commanding militarized elite, it is necessary to look at how it affects other levels of the economy.

Key Words: Military Industrial Complex, Russia, Geopolitics and Development

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB da federação Russa (1991-2019).....	85
Figura 2 – Evolução do gasto militar russo de 1992 até 2019.....	93
Figura 3 – Evolução do índice de produção industrial da Rússia (1991-2019).....	107
Figura 4 – Taxas de crescimento médio do PIB russo (1990-2019).....	111

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1. A Inter-relação entre o Estado, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e os Gastos Militares.....	5
1.1 Susan Strange: O Poder Estrutural como Teoria da Economia Política Internacional.....	13
1.2 A Centralidade do Estado no Desenvolvimento Econômico.....	28
1.2.1 Mazzucato: O Estado como Núcleo Central dos Sistemas de Inovação.	28
1.2.2 Peter Evans e o Estado à Serviço da Industrialização.	32
1.3 Progresso Técnico e Crescimento Econômico.	35
1.4 Gasto Militar e Crescimento Econômico.....	39
1.4.1 Demanda Efetiva e Gasto Militar: A Contribuição de Pivetti.	40
1.4.2 Ruttan: Guerra e Crescimento Econômico.	43
1.5 Estado, Complexo Militar e Economia: Uma Breve Análise dos Exemplos Chinês e Americano.	48
1.5.1 O Caso Americano: Inovação e Spillover.	48
1.5.2 A Experiência Chinesa.	53
Capítulo 2. O complexo militar industrial: da crise do modelo soviético ao colapso da transição para o capitalismo.....	57
2.1 O Modelo Soviético: Algumas considerações sobre seu funcionamento.....	57
2.2 Considerações sobre a geopolítica soviética durante a Guerra Fria.	60
2.3 A Economia Política da Rússia na década de 80: da Perestroika ao desmembramento da URSS.	64
2.4 O Complexo Militar Industrial Soviético.	68
2.5 A estagnação e a crise do modelo econômico soviético.....	76

2.6 A transição ao capitalismo e as consequências para o Complexo Industrial Militar.....	86
2.7 O avanço da OTAN e o início da reconstrução do Estado russo.....	97
Capítulo 3. A reconstrução do Estado e do complexo militar industrial russo	102
3.1. Os primeiros passos para a reconstrução: o breve período Primakov (1998-1999)	102
3.2. Putin e a reconstituição da capacidade de atuação do Estado russo (1999-).	105
3.3. A nova projeção externa russa durante a era Putin.....	113
3.4. A reconstrução do complexo industrial militar russo durante a era Putin.....	126
Observações finais.....	136
Referências	144

INTRODUÇÃO.

O tema que esse trabalho busca desenvolver está dentro de uma área complexa e com múltiplos vetores que acabam influenciando no seu desenvolvimento. A análise de um complexo industrial-militar possibilita o encontro de vertentes do pensamento que há muito se separaram e que são base metodológica para a Economia Política Internacional. O Complexo Industrial Militar (CIM), foi, e tem sido, cada vez mais relevante para a construção de países fortes e soberanos. Sua funcionalidade está ligada, não só a ao momento da guerra, mas também aos momentos de paz. O fato é que, a construção desse aparato econômico, militar, civil e acadêmico impulsionou os grandes avanços tecnológicos do século XX. Sua estrutura passou a ser integrada por agentes de diferentes áreas do conhecimento assim como da burocracia do Estado.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, era de se esperar que esses complexos industriais militares ligados aos objetivos da guerra fossem desmantelados. Em uma nova era de paz, não havia necessidade de se manter altos gastos militares. A realidade, no entanto, tomou a direção contrária. Por maiores que fossem as preocupações com o peso exagerado da estrutura econômica do complexo industrial militar na economia em geral, essa nova configuração já criara raízes. As palavras do presidente Eisenhower foram emblemáticas no sentido de alertar o povo americano para os perigos que o complexo industrial militar traziam para as liberdades individuais americanas. Para o presidente americano, a dinâmica criada com a formação dessa coalizão em torno de objetivos militares teria consequências negativas para a sociedade em sua totalidade.

Por outro lado, no entanto, já estava estabelecida a prioridade dada á nova estrutura econômica que levaria os Estados Unidos a vanguarda da tecnologia mundial tendo um retorno positivo no que diz respeito a luta contra os soviéticos. Entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o começo da Guerra Fria, o mundo viveu um período curto de paz, ou mais conveniente colocar, um período de preparação para um novo conflito. Agora, americanos e soviéticos lutavam pela hegemonia global em todas as esferas do poder, principalmente a política e econômica. A competição entre as duas super potências ditou o ritmo da inovação tecnológica durante o

século XX e reafirmou a dificuldade de se promover um projeto de desenvolvimento soberano. O hiato tecnológico que os países em desenvolvimento teriam de superar era de uma natureza diferente das experiências de desenvolvimento anteriores. Assim, a Guerra Fria se tornou um ponto de inflexão na relação entre a guerra e o desenvolvimento econômico.

A criação de uma base industrial nacional que fosse um pilar do poderio militar de um país sempre foi uma ideia comum nos círculos do pensamento estratégico nacional. A indústria, quanto mais desenvolvida, transforma a estrutura de poder, possibilitando que o Estado a promova seus interesses fora de seus limites territoriais e que busque expandir seu poder em outras regiões estratégicas para seu interesse nacional. Uma base industrial produtora de bens militares estava aquém das necessidades modernas da guerra. Era necessário que as inovações e descobertas fossem feitas enquanto o conflito estava acontecendo. O ciclo de inovações foi encurtado de forma significativa e demandava uma abundância de insumos, cientistas, capital e um ambiente que proporcionasse a interação entre esses agentes.

Vannevar Bush foi um dos principais agentes dessa nova era. Sua crença estava na continuidade da guerra e conseqüente rivalidade com os soviéticos. Seu trabalho foi importante para manter um equilíbrio entre os militares e cientistas no complexo industrial militar acadêmico americano. Era importante que a dinâmica desse complexo fosse mantida através do financiamento público desse sistema de inovação. Seus pares na União Soviética tinham desafios similares, embora tivessem um sistema afeito à interação, devido à centralidade do planejamento estatal, não tiveram maiores vantagens em relação aos americanos. O conflito tecnológico entre as duas Super potências foi relativamente equilibrado até o fim dos anos 70.

A proposta soviética de mudança radical em relação ao sistema capitalista trouxe grandes benefícios para o bem-estar da sociedade soviética. A capacidade de promover o desenvolvimento econômico e tecnológico superou a de muitos países industrializados. Seu planejamento centralizado foi importante para alocar os recursos nos setores da economia que tinham papel estratégico na defesa do território, assim como foram importantes no aumento do nível de vida dos soviéticos. No decorrer do tempo, no entanto, essa visão ligada diretamente à condição de se preparar para uma guerra iminente foi prejudicial para os propósitos soviéticos na perspectiva de longo prazo. Muitas de suas idiossincrasias econômicas internas foram responsáveis, também, pela diminuição da produtividade e conseqüentes dificuldades para competir com os americanos.

O novo ambiente competitivo gerado pelo conflito entre as duas super potências demandava, mais do que nunca, uma capacidade de articulação econômica e política do Estado. Afinal, eram os objetivos militares relacionados a defesa de seus interesses que promoviam a dinâmica de inovação nesses países. Não há razão para crer que a competição via mercado fosse capaz de incentivar o capital privado a manter altos níveis de investimento em pesquisa e desenvolvimento. Portanto, podemos compreender que a competição interestatal foi a responsável por incentivar esses grandes investimentos. Existe, no entanto, uma diferença grande entre os projetos de sistema de inovação dessas duas potências. Os americanos propuseram um sistema que começou de forma centralizada nos objetivos militares, aglutinando outros setores da sociedade que tinham um papel decisivo na hora de agregar valor as tecnologias produzidas. Nesse sentido, era possível aumentar a produtividade da economia em um espectro mais abrangente. Em relação aos soviéticos, a centralização das decisões em hierarquias burocráticas diminuiu a possibilidade de se criar um efeito de transbordamento dessas novas tecnologias para o uso civil.

Ao observar os efeitos para a soberania de um país que um ciclo desenvolvimentista, liderado por objetivos militares, pode trazer procuramos entender como essa fase do *State-Building* funciona. Dentro dessa delimitação, se faz necessário entender o projeto de Estado que leva a uma preponderância de uma elite militarizada em executar esse projeto. Partindo do foco na construção desse projeto nacional com uma elite militarizada comandante, é necessário buscar como isso afeta outros níveis da economia.

De fato, o objetivo militar liderando a economia traz uma eficiência muito maior para o ciclo de investimento e para o desenvolvimento tecnológico de uma economia industrial. Assim, a liderança do Estado no crescimento de sua economia se mostra, não só fundamental, mas também estratégico. Muitas facilidades encontradas hoje em dia são desdobramentos dessa relação entre o objetivo militar liderando um ciclo de desenvolvimento. É importante entender também como se dá a relação entre o mercado e o Estado dentro desse projeto.

À parte do industrial, o militar pretende, em primeiro lugar, a defesa da nação e de seus interesses. Portanto, não podemos analisar essa estrutura sem a situar no Sistema Internacional de Estados Moderno. Com isso alguns conceitos são colocados em primeiro plano. Dentro de uma visão realista das relações internacionais, o Estado está inserido em um jogo de poder em que não há a possibilidade de se confiar em outro Estado para garantir a sua segurança. Como

o sistema é de autoajuda, cada nação deve procurar, pelas suas próprias forças sua própria sobrevivência. Embora tenha um cunho generalista, entende-se que cada Estado possui suas especificidades por isso devemos analisar o entorno estratégico do país estudado.

Porém, considerando que durante a guerra o comércio pode ser interrompido ou seu fornecedor pode se tornar seu inimigo, montar um complexo industrial-militar se transforma em uma questão estratégica não podendo ser delimitada pura e simplesmente pelo seu lado econômico. Em última instância, a construção desse complexo é uma necessidade para poder competir, também, pelos novos mercados criados pelo transbordamento dessas novas tecnologias para a sociedade civil.

Assim como na guerra convencional, a economia internacional é uma área em que as relações entre países é mediada pelo poder que cada uma exerce sobre a outra. Esse poder está calcado na capacidade produtiva e na sua capacidade militar de se impôr. Esse trabalho busca analisar, dentro de uma visão realista das relações internacionais, as relações entre a guerra e o desenvolvimento econômico tecnológico da União Soviética como base histórica. Seu objetivo é proporcionar uma compreensão sobre a importância que tem essa estrutura econômica para a recente restauração do prestígio russo como potência mundial.

O primeiro capítulo da dissertação trata da Inter-relação entre o Estado, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Gastos Militares. Nesse capítulo apresentar-se-á contribuições teóricas permitindo entender a influência exercida por esses elementos sobre a formação e a expansão do Complexo Industrial Militar. O Segundo capítulo, no que lhe concerne, explora a evolução do Complexo Industrial Militar no final do período soviético e durante a década de transição para o capitalismo. Esse segundo capítulo busca entender as especificidades históricas, econômicas e político/militares que antecederam a reorganização do Estado russo. Por último, o terceiro capítulo analisa a reconstrução do Estado e do Complexo Industrial Militar russo a partir do final da década de 1990. Nesse capítulo, o impacto das reformulações do CIM russo no novo projeto de Estado promovido pela ascensão de Putin será examinado.

CAPÍTULO 1. A INTER-RELAÇÃO ENTRE O ESTADO, TECNOLOGIA, DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E OS GASTOS MILITARES.

Esse capítulo tem a intenção de fazer um apanhado teórico que embase, nos limites possíveis, os outros dois capítulos que terão maior ênfase na construção do Complexo Industrial Militar soviético e russo. Como foi apresentado na introdução do trabalho, a relação entre o desenvolvimento econômico e a guerra não é uma novidade do século. O que mudou foi a natureza da relação entre esses objetivos.

Enquanto a indústria e as guerras evoluíam de forma constante, porém compassada, no século XX, as duas grandes guerras mundiais promoviam uma mudança paradigmática. As mudanças de natureza econômica foram bem assimiladas pelos países envolvidos. A necessidade de manter um esforço de guerra durante um período longo de tempo não estava no horizonte dos Estadistas da época. Muitos julgavam que os conflitos seriam resolvidos em poucos meses. O uso de velhas formas de combate foram sendo descartadas conforme a guerra foi se estendendo. A busca por formas mais eficientes de combate abriu o caminho para o uso da ciência e da tecnologia. Não bastava produzir mais do mesmo, era fundamental que novas armas dominassem os campos de batalha para, conseqüentemente, assegurar vitórias rápidas e acachapantes sobre os inimigos.

Estava claro que a dinâmica do acúmulo de poder havia mudado. A hierarquia militar e econômica agora se juntava o acúmulo de conhecimento na figura da ciência de base e seu transbordamento para a ciência aplicada. A riqueza e o poder tinham se transformado em tributários dessa nova relação da política com a tecnologia e com a economia. Em seu livro, *Endless Frontier* (1997), Pascal Zachary narra a biografia de Vannevar Bush. Para o autor, o fim da Segunda Guerra Mundial trouxe apenas um sentimento de insegurança total. Em vista das novas técnicas aplicadas à guerra, a vitória trouxe a aceleração da corrida armamentista em níveis nunca vistos anteriormente. A resposta para a nova realidade é, segundo Zachary,

Make no mistake: the outcome of war was now decided, as much as anything, by a nation's scientific and engineering wizards. This was the lesson of World War II. The laboratory, as much as the factory, proved to be the great arsenal of democracy. [...] Never had a nation at war harvested the knowledge and inventiveness of its people on such a grand scale. Never had scientists and engineers so altered the face of battle. (PASCAL, Zachary. 1997, Pg. 2)

Este é o Sistema Internacional que Susan Strange analisa. Seu ponto de vista foi muito importante para resgatar e aprofundar a interdisciplinaridade capaz de apresentar análises mais satisfatórias para os desafios enfrentados pelos Estados durante a Guerra Fria. A autora de *States and Markets* buscava reforçar o que, para ela, estava sendo repetido como teoria de política internacional embora não o fosse. Por isso, era importante para Strange que se colocasse as complexidades do sistema internacional de forma realista e não só utilizando-se de analogias ou simplificando termos e conceitos caros para outras disciplinas, conceitos esses que não conseguem dar a profundidade que as relações políticas e econômicas internacionais demandam.

Susan Strange acredita que grande parte do simplismo teórico está ligado à dificuldade de se justificar as idiosincrasias do poder no sistema internacional. As ações dos países dentro desse sistema estão ligadas aos interesses nacionais e só perseguem objetivos “Globais” quando estes são benéficos para seus projetos de expansão de poder. Por isso, Strange propõe analisar as relações entre os países do sistema internacional de acordo com o Poder Estrutural.

Para Susan Strange, era necessário encontrar explicações para as mudanças que estavam acontecendo no cenário internacional de forma inovadora. Esse método inovador de olhar o sistema internacional através de suas estruturas econômicas e políticas e sua dinâmica para o desenvolvimento da ciência e tecnologia foi o escolhido para fazer a análise do Complexo Industrial Militar soviético e russo. A crítica que Susan Strange faz à corrente de pensamento principal na academia estava na sua incapacidade de prover respostas robustas para compreender como essas novas instituições estavam moldando o poder dos Estados tanto dentro como fora de seus territórios. É importante lembrar maneira que se referiu Dwight Eisenhower em relação ao Complexo Industrial Militar. Eisenhower infere que a democracia estaria em perigo em vista da importância que a guerra tomou para o complexo industrial militar.

Strange contraria essa categoria de análise e busca compreender as funções que essas estruturas de poder desempenham no reordenamento interno da produção e dos objetivos estratégicos dos países. A mudança paradigmática em que os ciclos de acumulação de poder e riqueza estavam centrados no desenvolvimento de novas tecnologias. Adicionando, portanto, uma nova característica material do poder dos Estados. O Complexo Industrial Militar reestruturou e dinamizou a economia dos países. A análise estrutural de Susan Strange reforça o conhecimento como um dos pilares da dinâmica de acumulação de poder no Sistema Internacional no Pós-Guerra.

Por isso encaixa tão bem em um projeto que se propõe a analisar o Complexo Industrial Militar soviético/russo. O caso soviético tem um componente que o distancia do modelo americano que é a inexistência de mercados para seus produtos. Strange, no que lhe concerne, busca analisar os “Estados e Mercados”. Para a autora, é importante reconhecer e compreender as relações entre esses dois sujeitos da geopolítica e geoeconomia. A pouca interação com o mercado, não só o interno como o internacional, teve um impacto negativo a indústria soviética e o desenvolvimento de sua capacidade de produção. A maior interação entre Estado e Mercado é central no projeto de resgate do projeto de desenvolvimento russo desde a chegada de Putin ao poder.

Portanto, a teoria do Poder Estrutural de Susan Strange possibilita uma análise com maior profundidade e percepção das interações entre a política e a economia de forma estratégica. As quatro estruturas de poder que Strange propõe são fundamentais para compreender o funcionamento do Complexo Industrial Militar soviético/russo. Desde a estrutura da segurança passando pelas estruturas de produção e financeira e culminando na estrutura do conhecimento. Essas quatro estruturas são fundamentais para a criação desse complexo.

Assim como o papel do Estado como “empreendedor”, ideia de Mariana Mazzucato, também tem centralidade na promoção do desenvolvimento econômico e tecnológico de uma nação. Seu livro seminal, “O Estado Empreendedor” tem como subtítulo o propósito de “Desmascarar o mito do Setor Público vs o Setor Privado”. Portanto, a autora está alinhada aos outros autores que compõem esse trabalho no que ela julga ser central para o desenvolvimento de uma economia soberana e capaz de enfrentar os desafios do mercado global.

O Estado, para Mazzucato, tem um papel central no desenvolvimento de novas capacidades produtivas e na criação e liderança de novos mercados. Seu papel, diferente de Susan Strange e Peter Evans está na função de “empreendedor” que o Estado deve manter, ou seja, este deve

ter um papel limitado e central nos setores que demandam grandes tomadas de risco para o capital privado. Diferente de Evans, Strange e Ruttan, o Estado “empreendedor” não busca criar um projeto nacional de desenvolvimento no qual a geopolítica e geoeconomia são objetos de grande preocupação.

No entanto, seu ponto de vista nos é caro para compreender a relação que o Estado tem com o desenvolvimento de novas tecnologias e novos produtos. Mazzucato compreende ser importante que o Estado não seja mistificado, principalmente da forma pejorativa como observado em diferentes ocasiões e por diferentes atores políticos e econômicos, para que possa exercer um papel central na promoção de um ambiente positivo para a inovação e criação de novos mercados. Embora não tenha uma perspectiva internacionalista e realista das relações internacionais, Estados que buscam garantir sua soberania através de políticas de poder e que se hierarquizam de acordo com suas capacidades materiais, o conceito de “Estado Empreendedor” descreve muito bem a eficiência e o dinamismo econômico que se cria com a intervenção do Estado em mercados que a iniciativa privada levaria décadas para desenvolver ou não teria interesse em investir devido aos riscos.

O argumento que nos apresenta Mariana Mazzucato quando diferencia os setores privado do público tem grande valor explicativo para a análise do Complexo Industrial Militar. Para a autora, *“It was the visible hand of the State which made these innovations happen. Innovation that would no have come about had we waited for the ‘market’ and business to do it alone – or government to simply stand aside and provide the basics.”* (Mazzucato, 2014). Logo, podemos creditar aos Estados e a dinâmica criada pela luta pelo poder no sistema internacional pelo ambiente propício para a inovação tecnológica. Com isso, o Estado se torna a liderança no processo de desenvolvimento de novas tecnologias, utilizando sua capacidade financeira e as compras governamentais para incentivar o crescimento de empresas nesse setor dando estrutura e mostrando o rumo a ser seguido.

Peter Evans, contudo, nos permite analisar essa relação entre Estados e Mercados dentro de uma lógica internalizada. Enquanto Strange buscava compreender a lógica internacional, Evans discorre sobre a importância do Estado na criação das estruturas econômicas situadas dentro do território nacional. Evans percebe a centralidade do Estado para a promoção de uma economia industrializada. Para o autor, o Estado é o único instrumento com capacidade e legitimidade para concentrar poder político e econômico suficiente para promover a criação de bens comuns. No entanto, diz Evans *“My boundaries are narrow and clear. I have focused*

on only one of the state's tasks—promoting industrial growth.” Esse é foco de seu trabalho e um complemento de fundamental para o quadro teórico da Economia Política Internacional de Susan Strange.

O papel do Estado como instrumento de promoção do desenvolvimento econômico está ligado à crescente complexidade da sociedade. Com o avanço tecnológico e o crescimento da necessidade prover mais bens públicos, o Estado passou a ter maiores responsabilidades. Para Peter Evans (1995) a manutenção de níveis aceitáveis de bem-estar e a promoção do desenvolvimento econômico e social estão entre as prioridades dos Estados Modernos. Essa perspectiva da criação de novos bens públicos e da satisfação de ne novas vontades da sociedade está ligada ao surgimento do Complexo Industrial Militar, tanto nos Estados Unidos quanto na União Soviética. Foi durante seu desenvolvimento que novos paradigmas científicos e novas tecnologias surgiram e promoveram o crescimento do bem-estar nesses países.

Desenvolver uma estrutura econômica interna robusta e diversificada se tornou prioridade para Estados que pretendem ser soberanos. A legitimidade do Estado está ligada à sua capacidade de promover o progresso material de seu povo para, a partir disso, manter a estabilidade interna. Como instrumento do desenvolvimento econômico, o Estado Nacional deve ser capaz de atuar como transformador das estruturas econômicas vigentes.

Parte de seu “papel transformador” é promover coalizões de poder que sustentem as políticas desenvolvimentistas, principalmente quando os interesses de alguns setores sobressaem em relação aos outros. A interação do Estado nos mercados é fundamental para o projeto de país. O Complexo Industrial Militar tem atuado de forma eficiente para promover um entendimento entre as variadas posições e grupos de poder no interior do Estado. Como trata-se de um complexo de indústrias que promove o crescimento econômico produzindo novas tecnologias e gerando muitos empregos é possível manter em cheque a relação capital-trabalho. A utilização dos gastos governamentais, e da guerra e o patriotismo como fator ideológico, promovem um comprometimento entre os blocos de poder para manter a estabilidade interna. A atuação do Estado promovendo a compra da produção desse complexo é um pilar fundamental para a continuidade para a continuação do desenvolvimento econômico.

Massimo Pivetti, no que lhe concerne, descreve o impacto econômico do Complexo Industrial Militar na economia como sendo positivo. Sua contribuição está ligada ao fator econômico dos gastos militares e como esses gastos impactam o crescimento da economia em geral. Segundo Pivetti, o campo de estudo sobre gastos militares foi bastante prolífico embora

produzisse com dificuldade em razão das diferentes formas de mensurar os gastos dos diferentes países. Essa dificuldade em coletar dados de qualidade e coerentes teve um impacto na condução dos estudos que levaram ao entendimento de que os gastos militares seriam um “fardo” para uma economia e que impediria o crescimento dos outros setores da indústria.

Seguindo uma linha Sraffiana da economia, Pivetti analisa os gastos militares e seu impacto na economia pelo lado da demanda. O autor esclarece que não é correto propor, ao seguir a linha Sraffiana, que a demanda é uma função da produção. Na verdade, a produção é uma função da demanda. Por isso, não há nenhuma relação entre o que ele chama de debate “guns vs butter”. A perspectiva de Pivetti, é mais importante para analisar o caso da Rússia da década de noventa até os dias atuais que propriamente a União Soviética. Na União Soviética a estrutura de produção socialista não obedecia ao mercado, mas sim, aos projetos e demandas das forças armadas tendo que produzir para o esforço de guerra deixando as satisfações do consumo interno em último plano. No caso da Rússia, sua dinâmica econômica interna, embora não chegue aos níveis americanos, funciona de forma semelhante. No caso da URSS, temos que lembrar que sua economia era centralizada e planejada para utilização plena dos recursos produtivos.

Portanto, nesse caso, o aumento dos gastos em materiais para as forças armadas pressupunha a diminuição da produção de outros bens para o setor civil. Para compreender a mudança estrutural pela qual passou a Rússia depois do fim da União Soviética, a análise de Pivetti será muito importante. Não obstante, assim como Mazzucato, as considerações geopolíticas e geoeconômicas cumprem apenas um papel secundário. Dessa forma as considerações de Pivetti serão importantes para compreender os impactos negativos causados pela retração dos gastos militares durante a década de 90 na Rússia, assim como os impactos da retomada desses gastos com a renovação da capacidade de investimento do Estado russo durante a década de 2000.

Vernon Ruttan, no que lhe concerne, nos permite compreender a interrelação entre o desenvolvimento científico-tecnológico e a guerra. Partindo da história, Ruttan percebe que a dinâmica da guerra, o incentivo de ganhar a qualquer custo, impulsiona a produção de produtos já existentes, mas promove, também, a criação de novos produtos e novas tecnologias que serão utilizadas na guerra e, nos tempos de paz, serão úteis para a produção de bens civis que serão produzidos para o mercado.

Um dos seus argumentos centrais para compreender a inter-relação das guerras com o desenvolvimento econômico parte da política interna e como ela se articula com a produção nacional no território. Para Vernon Ruttan,

I find it very doubtful, in the absence of at least a threat of major war, that the U.S. political system could be induced to mobilize the very large scientific, technical, and fiscal resources comparable to those required to initiate and sustain the development of major military and defense-related general-purpose commercial technologies of the past. (RUTTAN, Vernon. 2006. Pg. 184)

Para Ruttan, as novas indústrias não teriam se desenvolvido, ou teriam se desenvolvido muito devagar, se não fosse pela intervenção do Estado. A centralidade da guerra para a ciência está na razão principal que é a vitória. A vitória como objetivo principal em um conflito transforma qualquer questão orçamentária e ética em uma questão secundária. Essa liberdade das amarras éticas e econômicas possibilita a criação de um ambiente favorável à alocação de recursos em áreas que a iniciativa privada não teria interesse ou que não são viáveis economicamente. No entanto, como a inovação liderada pelo setor privado difere diametralmente da inovação liderada pelo Estado, é possível que a relação entre o setor público e o setor privado seja tensionada com o decorrer do tempo. A manutenção da estabilidade interna é central para a manutenção desse arranjo de poder com a centralidade do Complexo Industrial Militar. Enquanto se promove o desenvolvimento de novas tecnologias que, a partir de um certo momento, passam para o estágio de produção de bens para o mercado, o equilíbrio de poder interno tem sido mantido. A dúvida que resta, no entanto, é quais as consequências para a dinâmica de um sistema de inovação que promove a inovação e que depois passa para o setor militar. Como se estruturaria o Estado a partir desse movimento em que a doutrina militar e a própria capacidade de fazer a guerra dependeria de parâmetros e novas tecnologias desenvolvidas sem a guerra como objetivo principal.

Ruttan acredita que ao seguir dentro de uma linha evolutiva da inovação acaba-se criando uma dependência de trajetória que pode desacelerar a criação de novas tecnologias de uso geral. Como consequência, a produtividade da indústria tenderia a diminuir assim como a capacidade que da economia em manter o crescimento. Ruttan nos explica que todas as tecnologias de uso geral, que se tornaram a base da nova economia, foram desenvolvidas a partir da lógica da

segurança e defesa do território. Foram os blocos de capital investidos pelo Estado que promoveram essas novas tecnologias e encurtaram suas curvas de aprendizado.

Em último lugar, o capítulo introdutório fará uma breve consideração sobre dois casos específicos de complexos industriais militares. Esses casos serviram de contraponto para o restante do trabalho que procura analisar a fundo o Complexo Industrial Militar da Rússia. No primeiro caso que será utilizado como contraponto, será feito uma revisão do complexo industrial militar americano. O caso americano foi um caso de sucesso. A inter-relação entre indústria, os militares e a academia criou um sistema de inovação que foi se desenvolvendo de forma rápida e dinâmica, promovendo um impacto positivo para o restante da economia.

A geopolítica foi uma questão central na hora de estruturar o Complexo Industrial Militar americano. O fim da Segunda Guerra Mundial não trouxe a paz esperada dividindo o mundo em dois polos: o capitalista/ocidental liderado pelos americanos e o socialista/oriental liderado pelos soviéticos. A Guerra fria, desta maneira, incentivou a corrida armamentista entre esses dois blocos e suas potências. O processo de criação desse sistema de inovação americano teve um viés diferente do sistema de inovação soviético. A descentralização e a constante interação entre os componentes do sistema foram de suma importância para que os processos trouxessem maior eficiência para a economia americana em geral. Diferente dos soviéticos, as tecnologias produzidas pelo sistema de inovação do Complexo Industrial Militar americano, tinham probabilidades maiores de chegar ao mercado consumidor. O que se produzia na União Soviética, no entanto, pecava por estar envolto em segredos de Estado que impediam a difusão dessas novas tecnologias para a produção voltada ao mercado consumidor. A liderança desse setor, portanto, foi menor do que poderia ter sido para a economia soviética em geral. Outra inovação institucional que elevou a complexidade da indústria americana foi a coordenação entre os objetivos militares, a indústria e, principalmente, as universidades. Carlos Medeiros (2004) chama essa estrutura de Complexo Industrial Militar Acadêmico. Essa estrutura produtiva liderada pelo complexo industrial militar americano colocou a economia americana na posição de liderança mundial. Possibilitou o surgimento de indústrias de alta tecnologia que dão suporte econômico ao poder americano.

O caso chinês tem suas peculiaridades. A China vem tentando encurtar a diferença entre seu sistema produtivo e o dos países ricos. No entanto, a busca por mudança no *Status Quo* abriu um novo conflito entre americanos e chineses. Para competir com os americanos e com outros países desenvolvidos, a China criou seu próprio sistema de inovação. Para tanto se viu

obrigada a promover a estruturação de seu próprio Complexo Industrial Militar. A ajuda dos russos foi importante no começo. China e Rússia desenvolveram um novo entendimento geopolítico que tinha como inimigo em comum os americanos. A partir disso, conseguiram alinhar alguns de seus interesses nacionais mais urgentes.

A evolução dessa nova aliança estratégica, proporcionou aos chineses acesso a tecnologias militares russas desenvolvidas durante os anos da URSS. Esse primeiro passo foi dado no âmbito dessa nova relação entre os países e com o objetivo de ganhar maior espaço no mercado de alta tecnologia para os russos. No entanto, o processo que foi desenvolvido com a tecnologia russa foi espelhado na institucionalidade do Complexo Militar Industrial americano. A inter-relação entre os setores que contituem o complexo chinês, busca emular aquelas que os americanos desenvolveram no seu sistema de inovação. Nesse ponto, o Complexo Industrial Militar chinês preza muito pela troca de tecnologias entre o setor militar e civil. A busca por tecnologias de uso-dual ou tecnologias que tenham transbordamento para outros setores da economia são priorizados pelos chineses. Esse novo projeto de desenvolvimento busca, sem dúvida, alavancar a China e sua capacidade de competir nos mercados de alta tecnologia assim como dar suporte aos anseios chineses de mudança no sistema internacional.

1.1 Susan Strange: O Poder Estrutural como Teoria da Economia Política Internacional.

Susan Strange se coloca na posição de crítica da ciência econômica e política. Para a autora, não é possível que os dois campos estejam separados em uma análise que pretende ser profunda e que busca esclarecer as complexidades das relações internacionais e de seus conflitos. A divisão entre as duas “ciências” não permite que se criem teorias e que se apresente algo novo no campo de estudos da Economia Política Internacional. Em vista desse desafio, a autora busca desenvolver um conjunto de estruturas que, ao seu ver, seriam representativos dessa interconexão entre a política e a economia.

O retorno que se faz a economia política pretende, também, ampliar o horizonte teórico para além das três “teorias” que para a autora são dogmas impenetráveis. Tanto a visão realista quanto a liberal e marxista são, para Strange (1994, p. 16), “competing doctrines - sets of normative ideas about the goals to which state policy should be directed and how politics and economics (or, more accurately, states and markets) ought to be related to one another.” As

relações internacionais, tanto econômicas quanto políticas, se desenvolvem de forma complexa e invariavelmente interconectadas a ponto de coibirem qualquer espécie de explicação absoluta ou generalista.

Empresas que buscam novos mercados, por exemplo, buscam a ajuda de seus respectivos Estados, que, através da diplomacia ou das armas, procuram garantir uma fatia do mercado para suas empresas nacionais. Os Estados, no que lhes toca, se beneficiam de empresas fortes capazes de competir no mercado internacional e contribuir com a riqueza da nação. Essas empresas se tornam a base industrial do país e promovem, não somente, a riqueza, mas permitem que o Estado promova a defesa e segurança de seu território produzindo armamentos nacionais.

Strange continua, em seu texto, a construir uma crítica em relação à análise fechada em uma teoria ou “dogma”. A multiplicidade de Estados e, conseqüentemente, de sociedades, nos impõe que existam diferentes visões de mundo que serão conflituosas entre si. As diferentes sociedades atuam no sistema de acordo com o que sua dinâmica interna, provenientes da sua história e política, definem como estratégico e prioritário para seu desenvolvimento e acúmulo de poder. Essas diferentes visões dificilmente confluirão em uma visão única de mundo. Em seu livro *States and Markets*, a autora questiona:

What values, we can ask, do these arrangements rate the highest? And which do they rate the lowest? Secondary to that, there are the old questions of all political analysis, 'Who gets what out of it? Who benefits, who loses? Who carries the risks and who is spared from risk? Who gets the opportunities and who is denied an opportunity - whether for goods and services or more fundamentally a share of all the values, not only wealth, but also security, the freedom to choose for themselves, some measure of justice from the rest of society?' (STRANGE, 1994, P. 18)

Podemos perceber que as diferentes visões e valores não possuem uma contrapartida universal. O que se vê, portanto, no sistema internacional é uma estrutura em que os Estados devem criar capacidades para defender seu próprio modo de vida. Os dilemas ao qual a autora se refere na passagem acima mostram um sistema em que as relações político/econômico e culturais criam assimetrias entre os atores. Os conflitos gerados pelas diferentes visões e valores desses Estados geram um incentivo para o acúmulo de poder e criação de capacidades materiais para fazer valer seus interesses e defender-se de outros que tentem se impor.

A economia e a política mundial funcionam de acordo com as relações de poder que se manifestam principalmente nos conflitos entre visões de mundo. Strange define quatro valores básicos¹ em cada sociedade e que, para a autora, teriam pesos diferentes na construção de sua visão de mundo. O poder seria necessário para, então, definir a composição dessa mistura de valores.

O conceito de poder é importante para se ter um entendimento claro das relações entre Estados e mercados. No entanto, é preciso entender de onde vem o poder, ou como se acumula poder. Para pensar o poder, segundo o pensamento de Strange, é necessário separá-lo em duas categorias de poder. O “Poder Relacional” é um conceito muito usado por analistas de relações internacionais para medir a capacidade de um país “a” influenciar um país “b” a tomar decisões em que os interesses de “a” estejam contemplados (Strange, 1994). Pode-se inferir que esta forma de avaliar o conceito de poder, embora seja razoável, não abarca toda a complexidade do poder nas relações entre Estados hodiernamente.

Outra questão que se revela é a facilidade de perceber o poder relacional quando se analisa países com assimetrias muito acentuadas. Porém, há uma dificuldade no momento de analisar essa relação entre países com assimetrias menores. Portanto, para compreender como as relações de poder se desenvolveram entre eles é necessário desenvolver um conceito de poder mais profundo. O conceito de poder estrutural é criado com o objetivo de compreender os instrumentos materiais do poder. Enquanto o Poder Relacional tem como função construir uma agenda internacional e impor regimes e regras, o poder relacional serve como ideologia para a manutenção do *status quo*.

Strange, no entanto, nos revela que o poder estrutural está além dessa iniciativa de criar um consenso em torno de um ideal ou de valores colocados como universais. Para a autora o verdadeiro poder está em criar as estruturas que governam as relações entre os Estados. O poder político e o poder econômico, em última instância, devem ser vistos como poderes que se complementam e não como partes diferentes. Strange percebe que esse tipo de divisão cria problemas, principalmente, em relação ao estudo da Economia Política Internacional. Para a autora, “*The trouble with this distinction, however, is that when it comes to particular situations*

¹ Os quatro valores sociais básicos que Susan Strange se refere são: Ordem, Justiça, liberdade e riqueza. A autora entende que todas as sociedades buscam esses quatro valores, embora o façam de forma distinta uma da outra dando maior ênfase em alguns valores em detrimento de outros.

-particularly in the international political economy - it is very difficult (as some later examples will show) to draw a clear distinction between political and economic power.” (Strange, 1994). Seu conceito de “Poder Estrutural”² é formado por quatro estruturas que se inter-relacionam. Nesse ponto, existe uma tentativa de se destacar de outros teóricos. O pensamento marxista ou neomarxista, como se refere Susan Strange, seria limitado por ter como foco apenas a estrutura produtiva como ponto relevante para as relações entre a sociedade e o Estado, assim como dentro do próprio Estado. Considerando somente a estrutura produtiva, a análise fica restrita à instrumentalização da estrutura estatal pela classe dominante. Estruturar um pensamento dessa forma impede, portanto, que os outros fatores sejam considerados. Strange, portanto, procura explicar processos complexos através de um olhar multifacetado. As quatro estruturas base de sua teoria se relacionam a partir do sistema internacional anárquico e criam, conseqüentemente, a dinâmica próprio do acúmulo de poder. Ela explica que as relações entre os atores se desenvolvem dentro de uma pirâmide de quatro lados em que cada lado sustenta o outro e nenhum é mais importante que o outro. (Strange, 1994)

A Estrutura de Segurança:

Poder se defender dos perigos que fazem parte do jogo no sistema internacional é um dos fundamentos da teoria realista. Na economia política internacional, prover segurança e defesa vai além de buscar maior capacidade bélica. Como a política e a economia são integradas, a estrutura de segurança acaba limitando os ganhos daquele que não consegue se defender. As estruturas do comércio mundial refletem as do poder político em certa medida.

A segurança é parte fundamental do sistema de Estados. A área internacional tem como atores principais os Estados nacionais. Esses atores se relacionam, seja política ou economicamente, através de relações de poder em que não existe a possibilidade de todos se beneficiarem, ou seja, as relações se dão dentro de um sistema de “soma zero”. O que se constrói com esse tipo de atitude é uma relação com a guerra e a conquista que se torna positiva incentivando a resolução de conflitos e tensões através do conflito militar. Os motivos subjacentes para deflagrar um conflito estão na natureza do sistema, e como um Estado “a” se sente em relação

² As quatro estruturas são, respectivamente, as de Segurança, de Produção, estrutura Financeira e A estrutura do Conhecimento

aos outros ao seu redor o que explicita um ponto importante da teoria realista que é a insegurança sistêmica do sistema internacional.

As ameaças à sobrevivência do Estado têm origens diferentes. Os fenômenos naturais, por exemplo, podem causar grandes estragos, no entanto, esse tipo de ameaça natural tem efeitos desiguais. Furacões e vulcões não estão em todo o mundo e, mesmo assim, alguns Estados conseguem lidar com essas ameaças e outros não. O mais importante, nesse caso, são as ameaças promovidas por “conflitos de autoridade” como chama Susan Strange. Esses conflitos não seriam causados pela multiplicidade de atores no sistema internacional, mas pela sua incapacidade de manter um entendimento sobre os limites da soberania de cada um. Por ser uma estrutura em que a conquista e o acúmulo, conseqüente, de poder é bem visto e, as vezes necessário, os Estados tendem a responder aos conflitos de forma agressiva, tentando, sempre que possível, aumentar a assimetria de poder entre um Estado e outro.

Segurança no Sistema de Estados:

O fato de Estados nacionais com projetos e objetivos soberanos conviverem juntos, não causa o aumento do número de conflitos no sistema. A razão de não haver um conflito de todos contra todos, ou Estados que não entram em guerra, é a assimetria de poder entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Enquanto os países desenvolvidos buscam de forma ativa seus interesses, os Estados menos poderosos e ricos acabam tendo que se associar às potências, não raramente, tendo algum benefício pelo alinhamento direto. Retirar o poder dos Estados, segundo teóricos institucionalistas das relações internacionais, pouco a pouco, seria o suficiente para fazer com que decisões políticas e econômicas fossem tomadas observando preceitos técnicos. As instituições internacionais seriam, dessa forma, uma resposta à anarquia do Sistema Internacional, transformando sua natureza individualista. A insegurança vivida pelos atores estatais seria substituída pelo incentivo à cooperação. Instituições e atores não estatais, como ONG's movimentos transnacionais poderiam, em tese, propor um sistema global sem interesses nacionais, mas com interesses globais.

Os Estados guiam suas políticas de acordo com seus interesses nacionais e seus objetivos estratégicos. O único interesse compartilhado pelos atores estatais é a segurança de seu território a qualquer custo. A busca por segurança, à revelia dos interesses da comunidade de Estados, acaba gerando um dilema de segurança. Quanto mais se busca sua segurança, mais inseguro se torna o Sistema Internacional. Pesa no imaginário dos analistas como foi

malsucedida as experiências com a Liga das Nações e a própria ONU ao evitar guerras ou, no caso da última, se tornar instrumento de poder de Estados hegemônicos como diz Susan Strange:

The fear that either the world organization would merely be the tool of one or other great power (as indeed it was the tool The Security Structure 53 of the United States in the early 1950s) or that it would be ineffectual - as both the League and the UN have proved to be in the face of repeated grave threats to international peace and order - have been enough to kill any realistic hopes of managing a transition from the present security structure to a multilateral or confederal one.(STRANGE, 1994, pg. 53)

O medo e a insegurança são reações que levam em conta questões materiais. Embora a ideologia tenha um papel importante na construção da narrativa contra o inimigo, o conflito se dará com base em um objetivo estratégico. As guerras e conflitos do século passado ensinam que não há país pacífico por natureza. O contrário, no entanto, foi amplamente visto no decorrer do último século em todos os cantos do mundo.

A Estrutura de Produção:

Susan Strange coloca em questão a possibilidade de se manter a paz, ou um sistema internacional mais pacífico, através do investimento na estrutura de produção. A estabilidade internacional seria uma consequência das novas transações e de uma economia globalizada. Com a maior interdependência entre os atores, uma guerra de proporções mundiais, como foi a de 1914, não teria incentivo nenhum para acontecer. A estrutura de produção, no entanto, serve como instrumento de acumulação de poder quando auxilia o Estado a se manter soberano e autônomo. Ao nacionalizar a produção de bens que são estratégicos, o Estado investe em sua base produtiva se tornando menos vulnerável e passa a ter uma capacidade dissuasória.

A estrutura de produção é definida por Strange como *“the sum of all the arrangements determining what is produced, by whom and for whom, by what method and on what terms.”* (Strange, 1994). A economia política se encontra no centro da análise de poder da autora. A capacidade de dispor de recursos para desenvolver uma base industrial é uma vantagem que poucos Estados nacionais possuem, já que sua construção envolve o acesso a insumos, capital e trabalho e a relação entre eles de forma a construir capacidades produtivas com extensão suficiente para prover bens de consumo e bens para a defesa do Estado. A economia nacional,

fruto do desenvolvimento do Estado e de sua ação direta, cria setores mais dinâmicos e protegidos de concorrência. A partir desse momento, os países europeus ocidentais conseguem obter uma vantagem em relação ao restante e passam a expandir seu poder dentro da economia global. A criação de uma economia dinâmica dependeu da criação de uma estrutura concentradora de poder que é o Estado. A partir desse instrumento, foi possível criar uma economia nacional através da proteção e o incentivo à indústria nascente.

Strange acredita que a economia com foco nos preceitos de mercado superou as economias que tinham uma atuação mais forte do poder político através da eficiência da alocação dos fatores de produção. Isso aconteceu com a mudança na estrutura de produção em que o eixo produtivo foi deslocado para a economia internacional. A economia globalizou-se e quem mudou para uma estrutura orientada para o mercado teve uma vantagem. Essa mudança para uma economia voltada para o mercado, no entanto, não deve ser confundida com uma economia liberal que pregue a redução do papel do Estado, mas uma economia que se utilizava de alguns mecanismos de mercado para operar. A diferença estava na estrutura econômica soviética que utilizava preceitos socialistas. Operar no mercado global, mesmo com a intervenção direta do Estado nos países desenvolvidos, foi consequência de um rearranjo político que beneficiou um grupo social, afinal, mudanças na estrutura de produção promovem novas relações de poder entre os atores sociais. Strange afirma que esses tipos de mudanças, em que há reformulação da estrutura do poder em uma sociedade, pode reorganizar as relações entre a autoridade do Estado e o mercado (Strange, 1994).

Surge, para a Strange, a questão do porquê a Europa Ocidental se destacou enquanto o resto do mundo continuou estagnado. Strange usa como argumento a capacidade que os países europeus tiveram em diminuir a pressão social expandindo seu poder para outras regiões do globo. A pressão competitiva que a diminuição da produtividade dos campos exerceu na sociedade foi importante para que o deslocamento populacional para as Américas surtisse efeito no abastecimento dos principais países europeus. Através do comércio, foi possível suprir as necessidades básicas desses Estados gerando uma fonte de estabilidade interna. Essa estabilidade possibilitou, a partir desse momento, a expansão do poder assim como alimentou o delírio de segurança. Essa nova dinâmica, portanto, possibilitou que os Estados desenvolvessem suas indústrias sem muitos conflitos internos e desequilíbrios.

A globalização da economia mundial, junto com o aprofundamento da divisão internacional do trabalho, teve consequências para a produção nacional em vários países. Seus

desdobramentos foram, acima de tudo, geopolíticos. A escolha dos países que seriam receptadores das velhas tecnologias e investimentos positivamente influenciada pela geopolítica da Guerra Fria. A liderança americana só se fez sentir de fato no Pós-Segunda Guerra quando a Europa estava destruída. Os americanos reconstruíram o continente europeu criando demanda para as suas empresas. Através do Plano Marshall, foi possível financiar a nova Europa. Como, então, os americanos tomaram a frente nesse processo e por quê as empresas transnacionais foram a ponta de lança desse processo? Susan Strange responde à primeira pergunta descrevendo três fatores que impulsionaram a produção nos Estados Unidos, a dívida, a demanda e a dominação americana foram responsáveis por estruturar a produção americana.

O desenvolvimento de uma economia pujante, antes de questionar o *Status Quo* internacional, teve papel importante do capital inglês. A ascensão americana não foi posta em cheque pelas potências da época e acabou ajudando a formar o país que comandaria o Sistema Internacional no Pós-Guerra. Enquanto a dominação, os americanos não sofriam nenhum risco sério para sua segurança em seu território. O isolamento alcançado pelos americanos foi central para que suas indústrias mantivessem o nível de produção enquanto o mundo estava em guerra. (Strange, 1998). A distribuição de renda foi um fator positivo na economia americana em relação à europeia, segundo Strange. Enquanto nos Estados Unidos se promoveu a produção em massa os europeus tinham a produção de classes. Essa estrutura europeia tinha como alvo as classes mais abastadas da sociedade, e gerava uma maior concentração de renda. Strange define assim:

This contrast between a mass market and a class Market reflected the different income distributions of the two continents, so that it was not so much - as Chandler (1977) and other business historians have pointed out - the innovation of the mass *production* system (vilified by the Marxists as 'Fordism') that accounted for rapid American economic growth, as the innovation of mass *distribution* systems, making sure that what was produced in quantity could be sold in quantity. (STRANGE, 1998, pg. 74)

As duas guerras mundiais foram positivas para a economia americana. A competição entre as grandes potências europeias e os Estados Unidos foi vencida pelos últimos, já que conseguiram manter-se isolados entre os dois fossos oceânicos. A manutenção da integridade territorial proporcionou um mercado consumidor coeso enquanto os mercados europeus estavam sendo destruídos.

A guerra teve um papel importante pelo lado da demanda. Os gastos militares com a segunda guerra mundial ajudaram as indústrias a manterem um nível alto de funcionamento assim como um alto nível de emprego. Ao mesmo tempo, os contratos com o governo americano incentivavam o desenvolvimento de novas técnicas administrativas e a inovação em técnicas produtivas. A estrutura produtiva americana foi, a partir do pós-guerra, desenvolvida pela junção dos objetivos militares com a base industrial desse país. Esse Complexo Industrial Militar foi o responsável por aumentar a produtividade da indústria americana e colocar, conseqüentemente, essa mesma indústria na vanguarda da tecnologia.

A EPI de Susan Strange, no que concerne a estrutura da produção, dá um valor alto à condicionalidades como mercado consumidor interno e mão de obra qualificada. Como o eixo produtivo migrou para o mercado mundial, é necessário ser capaz de competir com empresas multinacionais. O mercado nacional desenvolve seu papel quando ajuda a construir empresas eficientes e produtivas. O sistema capitalista foi se modificando com o passar do tempo e à medida que esse processo se desenvolveu, as multinacionais foram passando de fornecedoras de capital produtivo para fornecedoras de serviços. Strange percebe que essa mudança trouxe novos desafios para a estrutura da produção. O papel da tecnologia para a manutenção da capacidade de competir no mercado global se torna preponderante. Essa mudança de paradigmas cria um desafio maior para as economias que tentavam alcançar as economias mais desenvolvidas. O financiamento dessas novas indústrias de alta tecnologia demanda grande quantidade de capital e de políticas industriais fomentadas pelo Estado.

Durante a década de setenta, acontecia o debate sobre o declínio do poder americano. Tanto historiadores e economistas quanto cientistas políticos entendiam, de formas diferentes, o porquê. Os americanos, no entanto, foram reconhecidos como criadores de uma estrutura econômica global que pregava a liberdade econômica e o fim da centralidade do Estado. No entanto, a promoção desse novo ideal econômico tinha como foco o desmantelamento das políticas de desenvolvimento promovidas pelos outros países. Essa nova estrutura, todavia, teria um efeito positivo para todos as economias mesmo sem o policiamento efetivo do Estado hegemônico o que, no entanto, não promoveu a igualdade entre as nações muito menos garantiu a paz no Sistema Internacional. A hierarquização dos Estados foi mantida e aprofundada de acordo com a abertura dos mercados e a diminuição do papel dos Estados no desenvolvimento de suas economias. Strange concorda em parte com essa afirmação. Assim diz a professora em seu livro *Estados e Mercados*: “*A necessary condition for so rapid a spread*

of international production was the political acquiescence of other industrialized countries with the open world economy objective so actively pursued and promoted by the United States.” (Strange, 1998)

Aqui se encontra o ponto central da estrutura da produção nos dias de hoje. A abertura dos mercados passou a operar para promover a interdependência econômica entre as nações. A ideologia do desenvolvimento foi se tornando obsoleta e sendo substituída pela ideologia liberal que pregava a ineficiência dos Estados em contraponto com a eficiência dos mercados para aumentar a produção. Os Estados que mantiveram um projeto nacional de desenvolvimento liderado pela autoridade estatal tiveram maior estabilidade para enfrentar os desafios de um Sistema Internacional em que há somente um hegemon. Os Estados criam mercados e os regulam pensando nos impactos positivos para sua própria acumulação de poder, seja na forma de riqueza, ou de poder político. Se a economia global segue cada vez mais especializada em produtos de alto teor tecnológico não foi por uma escolha racional de mercado, mas por objetivos estranhos a ela. O conflito entre as duas grandes potências na última metade do século vinte, criou uma pressão competitiva que deu impulso ao investimento em técnicas e produtos que deveriam ajudar na capacidade de fazer a guerra.

A Estrutura Financeira:

O poder é um conceito central na EPI. Todas as relações entre atores na esfera nacional e internacional estão permeadas pela hierarquização de acordo com suas capacidades materiais. As estruturas de poder, portanto, são formas de solidificar as posições hierárquicas apesar das mudanças conjunturais. Nesse sentido, a estrutura de segurança compreende a natureza hierarquizada e anárquica do sistema. Essa estrutura está ligada à sobrevivência dos Estado no sistema.

Enquanto isso, a estrutura de produção viabiliza a produção material da segurança desses Estados. O conceito de segurança, no entanto, acaba abrangendo o setor militar, mas também, a sociedade civil. A vulnerabilidade econômica é um problema que deve ser resolvido partindo da ideia que as estruturas de segurança e produção são simbióticas por natureza. O poder estrutural cria mecanismos mais rígidos que dependem de ruptura muito acentuada para mudar. Quem possui poder estrutural passa a ser capaz, não só de promover sua própria segurança e

bem-estar social, como, o mais importante, pode negar aos seus inimigos, e enquadrar seus aliados, o acesso a bens estratégicos.

O poder financeiro tem características semelhantes. Por um lado, existe a capacidade de criar crédito e aumentar a demanda e, por outro lado, é possível restringi-lo para diminuir a dinâmica de uma economia, principalmente de um Estado que não possui soberania financeira. Essa estrutura não alcança somente a política econômica do crédito, mas incorpora, também, o sistema monetário. Enquanto a criação de crédito é compartilhada pelo Estado e por bancos credenciados, o sistema monetário é determinado por governos e mercados. Os países mais suscetíveis sentem um peso maior das decisões do mercado e Estados mais fortes operam de forma mais estratégica, ou seja, tem maior poder estrutural. Strange define a estrutura financeira assim:

A financial structure, therefore, can be defined as the sum of all the arrangements governing the availability of credit plus all the factors determining the terms on which currencies are exchanged for one another. (STRANGE, 1998, pg. 90)

O mercado global depende de financiamentos cada vez maiores para fazer acompanhar as crescentes somas de capital necessários para manter o ritmo que as novas tecnologias demandam. Ao aumentar o fluxo monetário na economia mundial, em razão da abertura econômica, os sistemas monetários nacionais construíram uma “interdependência complexa”. Essa nova dinâmica fez com que esses sistemas nacionais respondessem de forma cada vez mais rápida as mudanças em outros mercados de créditos. Embora não se negue a possibilidade de desequilíbrios e crises econômicas criadas por razões de mercado, esse tipo de ação se tornou comum no sistema internacional. Pautado por uma lógica de poder, a manipulação do câmbio e ataques especulativos contra a moeda utiliza essa interconectividade dos sistemas para atingir fins geopolíticos. Pode se dizer que os mercados são globais, enquanto as autoridades são nacionais (Strange 1998).

Para Susan Strange, no entanto, a criação de crédito tem como função irrigar a economia. Os bancos privados teriam maior dinamismo para esse setor já que estariam mais dispostos a incorrer em riscos. Os bancos estatais, por sua vez, seriam menos eficientes em irrigar a economia já que suas decisões seriam tomadas por planejadores estatais. Normalmente as decisões sobre crédito beneficiariam as grandes empresas estatais ao invés de pequenos produtores ou empreendimentos novos. Somente quando questões relacionadas à segurança estavam à tona que:

Only when the security of the state required that the defence forces should be equipped with the most advanced technology or when there was some major change of development strategy - as when Khrushchev called for the modernization and expansion of Soviet agriculture - was capital on a large scale created by the state banks for new borrowers. (STRANGE, 1998, pg.92)

A estrutura financeira criada no pós-guerra foi benéfico para os americanos. O regime de Bretton-Woods foi responsável por impôr condições macroeconômicas que estabilizaram a economia global. Esse acordo foi assentado com o regime do Dólar-ouro como moeda internacional garantindo uma vantagem para os americanos. Strange, no entanto, discorda dessa visão e argumenta que o que criou a “era de ouro” foi a “estrutura de criação de crédito”. Os problemas econômicos do final dos anos 70/80, segundo Strange, não poderiam ser creditados aos japoneses e alemães. O problema foi causado pela busca por interesses nacionais de curto prazo ao invés de se buscar os interesses de longo prazo.

A estabilidade monetária de Bretton-Woods durou até o momento em que o presidente americano, Richard Nixon, destituiu a paridade entre o dólar e o ouro. A partir desse momento, as taxas de câmbio passaram a flutuar de acordo com o mercado. O fim da paridade entre o ouro e o dólar acarretaram em uma vantagem estratégica para os americanos. A partir desse momento, o balanço de pagamentos americano poderia financiar seus déficits através da emissão de mais títulos da dívida. A consequência foi a maior utilização do dólar como moeda de troca entre os países.

Não só o comércio global era denominado em dólar, como insumos estratégicos, por exemplo o petróleo, tinha seu preço denominado na moeda americana. O lucro da venda do petróleo era posteriormente investido em mercados financeiros europeus conhecidos como euromercados. Esses mercados foram saturados com os petrodólares árabes. A estrutura financeira americana se fortaleceu através do *status* internacional de sua moeda e a consequente capacidade de expandir ou restringir o crédito. Os americanos, em seguida, promoveram a desregulamentação do mercado de crédito. Países como Japão e Inglaterra tiveram que acompanhar o processo ou ficar em desvantagem em relação aos bancos americanos.

O argumento usado para o fim da regulação foi que os bancos seriam mais eficientes se pudessem competir sem a intervenção do Estado. Strange discorda. Em sua concepção, os bancos vendem o mesmo serviço e um ganho de produtividade para um banco demandaria a tomada de riscos que poderiam inviabilizar o negócio. (Strange, 1998)

A Estrutura do Conhecimento:

A estrutura do conhecimento é o último pilar do poder estrutural dos Estados. Embora seja tão importante quanto os outros, essa estrutura é a menos conhecida. A dificuldade em se delimitar o conhecimento está na raiz da sua pouca utilização nas análises de poder para o sistema internacional. O conhecimento é composto por três formas de compreender o mundo: as crenças e seus princípios, o meio pelo qual essas crenças são comunicadas e aquilo que se percebe como conhecimento (Strange, 1998). Essas diferentes formas de compreensão teriam, segundo Strange, criado problemas de comunicação entre os atores centrais de um Estado. Não obstante, construir e acumular conhecimento define os rumos de uma economia. O teor tecnológico da produção de uma economia nacional cria uma base estável e se relaciona com a estrutura de produção para garantir a soberania econômica e militar.

O conhecimento, desenvolvido nas universidades e centros de pesquisa, definem a estrutura do conhecimento. Acumular conhecimento nesse nível de complexidade, de fato, compreende todas as outras estruturas de poder anterior. No caso dos Complexos Industriais Militares, o conhecimento adquirido pode determinar a vitória em uma guerra e elevar um Estado à um patamar de potência. Dessa forma, Strange percebe que parte da natureza da estrutura do conhecimento está na capacidade de negar que outro ator consiga alcançar o mesmo conhecimento.

Definindo a Estrutura do Conhecimento:

A estrutura do conhecimento tem uma dinâmica similar as outras enquanto a distribuição de poder. O conhecimento se distribui de forma desigual entre os atores tendo, aqueles com maior conhecimento, posições de maior destaque na hierarquia de poder. Essa prática passa pelo investimento sistemático na pesquisa em várias áreas e é, por natureza, cooperativa. O acúmulo desse conhecimento precisa da colaboração entre pares para ter uma capacidade maior de enfrentar desafios crescentes. Portanto, o acúmulo de conhecimento faz parte da base estrutural do poder de uma nação.

O acúmulo de conhecimento interligado com as outras estruturas cria condições materiais para os Estados Nacionais. O Complexo Industrial Militar deu maior velocidade ao acúmulo e criação de conhecimento nos mais variados campos. Ao conseguir juntar todos os quatro pilares do poder, a construção desses complexos se tornou um ativo muito importante para os países. Por ter uma natureza diferente dos mercados civis, o mercado voltado para artefatos militares

procura desenvolver seus produtos para suplantar em qualidade os produtos do inimigo, sem se preocupar muito com os custos financeiros para desenvolver esses artefatos.

Strange (1998), por sua vez, contrapõe a estrutura do conhecimento na época em que a igreja católica possuía a legitimidade do poder, através do monopólio da salvação, com o que ela chama de “Estado Científico”.

O Estado Científico:

A transformação de um sistema de crenças, uma das bases do sistema do conhecimento, baseado no monopólio do conhecimento da Igreja para um sistema de crenças com base na ciência, teve começo com a Guerra dos Trinta Anos. O tratado resultante beneficiou os Estados em relação à Igreja delimitando seus poderes. A partir desse momento, os Estados eram soberanos em seus territórios assim como as figuras políticas, que passavam a ter maior legitimidade dentro de seus próprios territórios. A mudança estrutural está na troca de guarda entre a Igreja e o Estado (Strange, 1998).

Essa mudança de paradigmas ajudou o Estado mais que os outros atores internacionais da época. Com a maior autoridade, e priorizando o desenvolvimento de novas tecnologias, da ciência, os mercados se desenvolveram de forma acelerada. Constatando, no entanto, com o incentivo direto do Estado. Susan Strange diz em seu livro *Estados e Mercados*:

Science was the servant of both. Each of the major technical advances of the nineteenth century served both to expand the market and to enlarge the possibilities of enhanced power for the state. Each wave of technical innovation, it is now fashionable to think, acted as booster to another upswing in Kondratiev long waves of rising prosperity. (STRANGE, 1998, Pg. 126)

As novas tecnologias possibilitaram uma concentração maior de poder nas mãos da classe política. A correlação entre os interesses da classe política e mercantil criam novas economias nacionais. Essas novas tecnologias foram importantes na profissionalização do Estado, criando uma burocracia profissional capaz de administrar o território. Portanto, as novas técnicas possibilitaram uma maior coesão do Estado Nacional dando suporte na ampliação dos serviços públicos.

Sistemas de Crenças:

O fim do monopólio da Igreja sobre o conhecimento trouxe impulsionado estudo da ciência. Promovendo o conhecimento científico, o Estado foi capaz de aumentar a rapidez com que as novas tecnologias se desenvolviam. No entanto, as mudanças tecnológicas não se desenvolveram de forma positiva e em linha reta, como se estivessem dentro de uma flecha do tempo evolutiva. Essas novas tecnologias dependem de um planejamento estratégico que, em grande medida, é papel do Estado e de suas burocracias.

A mudança de paradigmas se processa somente com novas crenças, regras e normas, que influenciarão de forma determinante as novas tecnologias. A guerra, normalmente, cria um grande incentivo para inovar. Strange pondera em seu texto que o monopólio do Estado sobre o conhecimento científico não pode ser assegurado em sua totalidade. Embora os investimentos em pesquisa, principalmente em assuntos estratégicos que requerem sigilo, seja feito pelo Estado, há a possibilidade de vazamento dessas informações. (Strange, 1998) O desenvolvimento da ciência, no sentido das pesquisas de base, e da tecnologia, nas pesquisas aplicadas, fez surgir um ambiente de inovação. Os Sistemas de Inovação Nacionais agregam, cada qual a sua maneira, políticas públicas, empresas e universidades no esforço de promover avanços tecnológicos nos temas de maior importância, dentro dos paradigmas propostos, em princípio, pela ação estratégica do Estado. Em um segundo movimento, esse conhecimento transborda para o mercado de bens de consumo civil através das empresas privadas que participam do Sistema de inovação.

Este movimento seria complementado por um olhar técnico sobre as relações entre o conhecimento científico e o poder dos Estados. Para a autora, os cientistas são conscientes sobre a prioridade que o desenvolvimento da ciência possui acima de qualquer interesse nacional (STRANGE, 1998). Embora esse tipo de pensamento seja real, não se pode diminuir a importância do Estado, como a própria autora reconhece no texto. O Estado Nacional continua sendo um ator central no funcionamento da estrutura do conhecimento, principalmente por sua capacidade única de definir os desafios que servirão de impulso para o desenvolvimento tecnológico. Susan Strange conclui que, *“It is by no means clear that all states have lost structural power to other sources of authority - to the transnational corporations or to some amorphous international network of scientists.”* (STRANGE, 1998, Pg. 130).

1.2 A Centralidade do Estado no Desenvolvimento Econômico.

1.2.1 Mazzucato: O Estado como Núcleo Central dos Sistemas de Inovação.

Existe uma dicotomia impulsionada por setores da sociedade entre o Estado ineficiente, lento e corrupto e a iniciativa privada que seria o exato oposto, sendo dinâmico, competitivo e inovador. Esse falso discurso se intensificou com a crise de 2007 que transformou acabou se transformando em uma crise global. Porém, podemos ver o mesmo discurso sendo aplicado em diferentes momentos da história com objetivos políticos. O papel do Estado, seguindo os parâmetros desse discurso, seria a administração de algumas regras de mercado. Essas regras teriam a função de criar ganhos econômicos através da maior liberdade econômica, assim como, de incentivar a criação de condições próprias para um ambiente de negócios.

A questão da relação entre endividamento e crescimento tem tomado a dianteira do debate sobre desenvolvimento. O investimento direcionado pelo Estado pode ser perdulário e não ter um impacto positivo se não for feito de acordo com os princípios estratégicos necessários para criar condições de crescer. Olhar para a qualidade do investimento é mais importante do que a relação entre a dívida e o PIB. Mazzucato (2014) entende que, *“The key issue was not the amount of public sector spending, but the type of spending.”*

O endividamento público teria efeitos negativos para a capacidade da economia de um país de sustentar um crescimento à longo prazo. Para os liberais das “falhas de mercado”, o Estado deveria investir em educação, segurança pública e investimento em infraestrutura. Esses investimentos são de alto risco com baixos retornos, portanto não são atraentes para a iniciativa privada. Nesse cenário, o Estado seria apenas um administrador formal de assuntos básicos enquanto a iniciativa privada teria uma dinâmica própria que a transforma em visionária e eficiente.

O Estado tem uma importância crucial dentro da estrutura econômica e possui capacidade de ser “empreendedor”. Sua visão à longo prazo possibilita/impõe a procura por inovações e respostas para perguntas que a iniciativa privada não tem incentivo para buscar. Portanto, pensar o Estado e suas capacidades é crucial para promover o crescimento da economia e promover, com isso, o fortalecimento desse instrumento dentro das novas relações econômicas no globo.

Essa nova forma de interagir no globo se relaciona com a mudança promovida durante a Guerra Fria pelas grandes potências. Os resultados das últimas duas guerras mundiais deixaram cada vez mais claro a necessidade da descoberta de novas tecnologias que pudessem ser usadas nos conflitos. Outra consequência da guerra foi a capacidade destrutiva proveniente do uso dessas tecnologias. A expectativa de que uma nova guerra pudesse ter consequências ainda mais devastadoras transformou o ambiente internacional.

A geoeconomia passou a ser utilizada com mais frequência, enquanto o conflito armado se tornou um recurso de última instância. O papel do Estado, nesse meio termo, tomou maiores proporções. Em razão da nova forma de agir no sistema internacional, a atuação do Estado em relação aos mercados se tornou mais intensa. Glenn Diesen (2018), por sua vez, entende que *“Economic interdependence is not a liberal source of Peace, but a realist tool for power as autonomy and influence derive from constructing uneven and asymmetrical economic interdependence.”*

Estabelecer assimetrias econômicas, e assegurar o próprio bem-estar, depende da capacidade do Estado em promover o controle de indústrias estratégicas, corredores econômicos e mecanismos de financiamento e cooperação internacionais (DIESEN, 2018, Pg. 96).

O setor de P&D, por exemplo, pode trazer mais dinamismo para a economia quando induz inovações ou invenções. Dessa forma, novos mercados são criados pela oferta de novos produtos. Esse ciclo deve ser alimentado pelo investimento em educação e capital humano que, geralmente, são feitos pelo Estado. As experiências em que o Estado serve como financiador de projetos de base deve estar mais no foco do debate para que, enfim, a natureza dessas duas dinâmicas seja entendida. Como funcionam o Estado e o Mercado de forma separadas, mas o mais importante, como funcionam seus entrelaçamentos.

“What we have instead is a case for a targeted, proactive, entrepreneurial State, one able to take risks and create a highly networked system of actors that harness the best of the private sector for the national good over a medium- to long-term time horizon. It is the State acting as lead investor and catalyst which sparks the network to act and spread knowledge. The State can and does act as creator, not just facilitator of the knowledge economy.” (MAZZUCATO, 2014)

Economistas da inovação ligados à tradição “evolutiva” defendem a necessidade de se criar “Sistemas de Inovação” para acumular e difundir o conhecimento gerado pelo esforço em P&D. Esses sistemas precisam, no entanto, de grande integração entre os atores que o compõe.

Quando o debate se torna puramente econômico, a legitimidade da atuação do Estado é prontamente questionada. Como mencionado anteriormente, alguns setores dependem do Estado para se desenvolverem de forma plena. Essas áreas não poderiam ficar dependentes do investimento privado já que normalmente não são atrativas financeiramente. Ademais, áreas da vanguarda da tecnologia, por exemplo, se desenvolvem a partir de necessidades vinculadas ao Estado. O financiamento das pesquisas de base foi central para o aparecimento de mercados como o da informática e o aeroespacial.

A crítica recorrente sobre a incapacidade do Estado de promover processos positivos gera consequências para a economia como um todo. A própria burocracia estatal aceita e promove a diminuição de sua própria influência. Mazzucato discorda dessa visão simples sobre a ineficácia da intervenção estatal e seus desdobramentos positivos. Para a autora, é a partir das pesquisas de base financiadas pelo poder público que as outras empresas, vistas como líderes desse processo, puderam crescer e desenvolver outras mercadorias (Mazzucato, 2014). Nas palavras de Mariana Mazzucato,

In all these cases, the State dared to think – against all odds – about the ‘impossible’: creating a new technological opportunity; making the initial large necessary investments; enabling a decentralized network of actors to carry out the risky research; and then allowing the development and commercialization process to occur in a dynamic way. (MAZZUCATO, 2014, Pg. 44)

Sistemas de inovação simbióticos vs parasitas.

Os sistemas de inovação criam ambientes importantes para a reestruturação da produção adicionando novas tecnologias. As relações entre Estado e mercado são promovidas através dessa configuração. Sua eficácia, no entanto, está ligada à natureza dessas relações. A atuação do Estado nos sistemas de inovação tem uma centralidade muito grande. A partir das decisões estratégicas do Estado, decisões que chegam ao nível micro, as empresas podem se organizar com os centros produtores de conhecimento para desenvolver novas tecnologias. As decisões relativas às normas e requisitos que cada produto deve atender são prerrogativas do Estado. Além de assegurar a demanda pelas novas tecnologias criando um sistema que diminuiu os riscos do investimento para o capital privado.

Mazzucato (2014) destaca que o problema, de acordo com os críticos do Estado, seria a falta de espaço para que o investimento privado florescesse pois seria empurrado para fora pelo investimento público. Pensar o investimento privado como sendo um substituto do investimento

público pode gerar distorções. Primeiro que os investimentos estatais, por natureza, são feitos em áreas em que o investimento privado não alcança, geralmente por uma falta de perspectiva de lucro. Em segundo lugar, o investimento público gera demanda por bens e serviços privados que se beneficiariam da demanda efetiva. A natureza da relação entre o privado e o público é a questão prioritária para entender a criação de sistemas de inovação que sejam simbióticos, nas palavras de Mariana Mazzucato. Em suas palavras,

The problem is not that the State has financed too much innovation, making the private sector less ambitious. It is that policymakers have not been ambitious enough to demand that such support be part of a more collaborative effort in which the private sector also steps up to the challenge. (MAZZUCATO, 2014, Pg. 46-47)

Há uma grande diferença no que concerne a atuação das empresas privadas nos setores de alta tecnologia. Essas empresas não encontram incentivo individual para manterem um alto nível de investimento em pesquisa e, portanto, acabam se concentrando na parte com maiores realizações de lucros que são a publicidade e na imitação de produtos. O desenvolvimento de novas tecnologias está sendo cada vez mais empurrado para o financiamento público. Mazzucato (2014) acredita que esse movimento está ligado com a crescente financeirização das empresas que atuam nesses sistemas.

Com a crescente financeirização, as empresas privadas diminuem sua atuação no processo de desenvolvimento tecnológico. O ambiente criado em consequência disso é "parasítico", usando os termos de Mariana Mazzucato. Embora seja o Estado que financie a pesquisa e desenvolvimento nos sistemas de inovação, é o próprio Estado quem menos usufrui desse investimento. Esse processo cria uma distribuição desigual da renda em que o público financia o que mais tarde será entregue à iniciativa privada e gerará lucros para o investimento privado. Antes de entender as projeções estratégicas das novas tecnologias, o que se vê é uma relação desigual entre dois segmentos que sozinhos não conseguem cooperar.

A resposta dada por Mazzucato, embora deficiente, ajuda a esclarecer alguns pontos importantes que devem ser levantados sobre a relação entre Estado e Mercado. A autora, por sua vez, acredita que os processos que criam os sistemas de inovação são cruciais para a estruturação de novas parcerias. Nesse sentido, o Estado deve buscar uma maior participação da iniciativa privada diminuir o fardo dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento. De acordo com a própria autora.

While some have focused on the need for different types of private–public partnerships that can foster innovation and economic growth, what I’m arguing here is that we need to be more careful to build the type of partnerships which increase the stakes of all involved, and which do not lead to similar problems that the financialization of the economy led to: socialization of risk, privatization of rewards. (MAZZUCATO, 2014, Pg. 49)

Embora Mazzucato descreva a atuação importante do Estado na criação e incentivo da inovação tecnológica, ela acaba não incluindo o aspecto estratégico da relação entre o público e o privado no desenvolvimento da ciência e tecnologia. Percebendo somente o aspecto da distribuição, relevante sem nenhuma dúvida, perde-se a compreensão da totalidade da dinâmica que o Complexo Industrial Militar tem para o desenvolvimento. Os projetos nacionais não podem ser colocados de lado de forma a acomodar interesses privados que não possuem a mesma dinâmica inovadora que os interesses do Estado, em especial os interesses em segurança externa e soberania. Para tanto, é necessário a formulação de uma estrutura estatal capaz de entender os desafios e propor soluções. O trabalho de Peter Evans, *Embedded Autonomy*, apresenta o Estado de forma mais robusta, complementando Mariana Mazzucato.

1.2.2 Peter Evans e o Estado à Serviço da Industrialização.

Evans busca, dentro de seu trabalho, defender a necessidade de um aparato estatal que esteja em plenas condições de levar a frente uma política de industrialização. O autor começa seu argumento demonstrando que um Estado é necessário e que “*Without the state, markets, the other master institution of modern society, cannot function.*” (Evans, 1995). Com isso ele busca resgatar o que vinha sendo destruído com o fim da Guerra Fria, que era o Estado como ator social e instrumento que mantinha, através de sua intervenção, a coesão nacional. Seu trabalho se enche de importância pois acaba encontrando respostas que não estavam, *a priori*, dentro do escopo da pesquisa. Ao final, Evans alcançou entender algumas relações entre o Estado e aquilo que o cerca, principalmente a relação do Estado e a promoção do desenvolvimento econômico. O Estado tem prerrogativas clássicas que foram, por sua vez, diminuídas em benefício de políticas liberais pró mercado. As políticas liberais promoveram privatizações e a liderança de interesses privados nos assuntos do Estado. A crescente influência dos interesses privados, confundindo-se com os interesses do Estado, promovem uma mudança qualitativa na relação do Complexo Industrial Militar e o desenvolvimento econômica. Com a criação de novas

tecnologias de “uso-dual” a relação entre objetivos de guerra e produção de novas tecnologias, que em um dado momento transbordariam para o mercado civil, passa a ter a direção inversa. As duas prerrogativas clássicas do Estado são exemplos claros para Peter Evans (1995) do funcionamento da soberania, embora o autor reconheça que dentro dessas duas medidas, fazer a guerra e manter a ordem interna, a segunda seja a mais difícil de qualificar como política de interesse nacional e não de interesses de classes. A evolução da soberania e da ordem interna evoluiu para englobar novas formas de soberania. Alcançar esse objetivo, depende de outras formas de controle que não seja a utilização do monopólio da força. Evans (1995), por exemplo, acredita que *“As political survival and internal peace are more often defined in economic terms, states have become responsible for economic transformation”*.

Os pilares que o estruturam, no entanto, vão além. A intervenção nos assuntos econômicos é vista como parte de políticas ideológicas que criam ineficiências para a economia e impossibilitam, por sua vez, um crescimento que se sustenta à longo prazo. A autonomia do Estado, no entanto, depende de seu envolvimento na criação e distribuição da renda dentro da economia. A transformação estrutural da economia é necessária devida ao acirramento da competição por mercados no cenário internacional.

Portanto, é necessário que se crie capacidades que permitam maior autonomia política e maior crescimento em vista das dificuldades internas relacionadas às políticas distributivas. Evans, portanto, acredita que o Estado deve criar suas capacidades dentro de dois parâmetros que seriam a acumulação de capital e alocar a economia dentro da divisão de trabalho internacional. A princípio, a inserção de uma economia na divisão internacional do trabalho depende das qualidades que um país possui. O que um país produz e troca define seu lugar na divisão internacional do trabalho. Dentro dessa estrutura uma hierarquia acaba surgindo entre os países que estão inseridos nessa divisão. Claramente, a capacidade de um país se desenvolver está ligada à sua posição dentro dessa divisão.

O desenvolvimento econômico de um país deve contemplar a maior distribuição das riquezas entre seus cidadãos. É um processo que gera conflitos distributivos dentro do próprio Estado e que podem levar a disputas instabilizadoras. Buscar redirecionar a produção dentro dessa divisão do trabalho é um processo natural para uma economia que está inserida na economia global e pretende aumentar sua riqueza e segurança.

Evans (1995) deixa claro quando cita Hamilton, List e Prebisch, que a hierarquia da divisão do trabalho não é um processo natural que avalia somente as capacidades de produção dos países.

As assimetrias acontecem por razões históricas em que o poder político/econômico está em jogo. Enquanto as relações políticas remetem diretamente às relações de poder, as econômicas tendem a serem vistas como se não escondessem nenhuma disputa de poder. Essa visão é contestada ao longo do texto. Em seu lugar, busca-se um olhar sobre a economia e a política de forma complementar em que o poder seja determinante para construção e desenvolvimento das duas estruturas.

Portanto, perceber a necessidade de se colocar de forma estratégica na divisão internacional do trabalho é fundamental para construir as capacidades do Estado em termos econômicos e soberanos. Seguindo com o argumento, é preciso lembrar que a estrutura estatal deve ofertar bens públicos que dependem dessa capacidade material do Estado. Pensar uma inserção estratégica na economia global tem suas dificuldades inerentes. Alguns setores da economia são mais propensos que outros a se desenvolverem e trazer retornos maiores para a economia capacidade que outros setores.

Muitos setores, principalmente com alto teor tecnológico, são de difícil acesso para países que estão em busca de desenvolvimento. As novas tecnologias dependem de altos investimentos que se sustentem à longo prazo e estão dentro de um ciclo de validade. Portanto, a grande dificuldade de se criar uma política de desenvolvimento que suporte tantos desafios. Alcançando um novo patamar pode ajudar no primeiro dos novos objetivos do Estado que é a acumulação de capital. No entanto, parte da dificuldade está no que diz Peter Evans:

The country that catches them on their upswing will reap different rewards from one that inherits them on their downswing. Textiles offered eighteenth-century England a “multidimensional conspiracy,” but they are unlikely to do the same for late-twentieth-century India. Autos and steel supported a “multidimensional conspiracy” in the United States during the first half of this century, but not in Brazil during the second half. One era’s multidimensional conspiracy may become another’s “lagging sector.” (EVANS, 1995, Pg. 8)

A importância de uma estrutura estatal para o desenvolvimento de uma economia trouxe à tona questionamentos sobre qual deveria ser a extensão das atividades do Estado no planejamento de sua economia. No entanto, limitar a ação do Estado não é uma alternativa real em vista do que realmente importa nesse caso. Peter Evans propõe um ponto mais interessante para entender a natureza dessa relação. O autor entende ser mais importante indagar sobre “o tipo” de intervenção ao invés de “o quanto” se intervém (Evans, 1995).

Diferenciar esses dois níveis de análise é importante por que se abre uma outra oportunidade para entender que os Estados, de fato, são diferentes em sua composição social, política e econômica. O processo de criação de um projeto de desenvolvimento econômico depende das idiosincrasias do aparato estatal, principalmente no que se refere a possibilidade de uma mudança na composição dos grupos de poder que incetivem a construção desse projeto. Nesse sentido, a categorização dos Estados em “predatórios” e “desenvolvimentistas” cria tipos ideais mais afeitos a realidade. Peter Evans em *Embedded Autonomy*, descreve Estados predatórios como sendo aqueles que retiram da sociedade, minando o desenvolvimento econômico, inclusive no sentido estreito da acumulação de capital. (Evans, 1995).

Ao contrário do predatório existe o desenvolvimentista. Seu papel é crucial dentro da transformação da economia, agindo de forma direta para que o desenvolvimento se materialize. O Estado desenvolvimentista, no entanto, depende de estruturas mais densas como, por exemplo, laços mais interligados entre sociedade e Estado. A burocracia é uma peça fundamental para que esses laços sejam criados e se mantenham fortes. A partir da estrutura profissional do Estado que as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento serão adotadas e executadas.

Portanto, a burocracia cria, segundo Evans, um Estado autônomo que não funcionaria se essa mesma burocracia não estivesse em contato direto, os laços sociais, com a sociedade. Essa dinâmica promove a capacidade para agir de acordo com o bem comum. Evans acredita que sem essa dinâmica não existe a possibilidade de um Estado se tornar exitoso na transformação industrial. Em suas próprias palavras:

Only when embeddedness and autonomy are joined together can a state be called developmental. This apparently contradictory combination of corporate coherence and connectedness, which I call “embedded autonomy,” provides the underlying structural basis for successful state involvement in industrial transformation. (EVANS, 1995, Pg. 12)

1.3 Progresso Técnico e Crescimento Econômico.

A intervenção do Estado no campo econômico tem uma relevância fundamental para o desenvolvimento da economia. A centralidade do Estado na promoção no desenvolvimento de novas estruturas produtivas e novos mercados é, muitas vezes, diminuída e colocada de forma caricatural. A partir da leitura superficial dos liberais, o Estado deveria se distanciar o máximo possível da economia deixando que o mercado se auto-regulasse. Há, portanto, uma capacidade

inerente do “livre mercado” em corrigir as distorções criadas pelo indivíduo mantendo se em relativo equilíbrio. Essa perspectiva ignora que as relações entre os seres humanos dentro de uma sociedade são extremamente complexas e não se definem apenas por motivos de utilidade econômica. Acabam por utilizar o filtro mercadológico em todas as esferas dessas relações criando mitos como o “Homem econômico”.

A visão liberal sobre o Estado e sua atuação na economia teve em Polanyi um crítico bem didático. Seu trabalho sobre economia buscou entender as relações do Estado com os mercados. Para Polanyi, os mercados não existiriam sem a prévia anuência do Estado. Os mercados seriam criações do próprio Estado através da intervenção em setores que são de seu interesse. A natureza, portanto, dos mercados seria um entrelaçamento entre a intervenção e a livre alocação dos recursos. Polanyi resgata a verdadeira substância do poder estatal que consiste em criar as condições para o acúmulo de seu próprio poder tendo o mercado como um instrumento.

Outro crítico do mercado foi Keynes. Para Keynes o investimento privado estava relacionado diretamente com o espírito animal dos investidores e não era uma função das taxas de juros ou impostos. O desdobramento dessa volatilidade do “espírito animal” estaria no cerne da volatilidade do capitalismo em si. O papel do Estado, na visão de Keynes, estaria na necessidade de manter o equilíbrio da economia através da manutenção dos gastos públicos e manter a demanda.

O Desenvolvimento puxado pela Ciência e Tecnologia.

A inovação dentro da economia capitalista depende da competição dos agentes. Alguns teóricos neo-schumpeterianos, acreditam que esse processo está vinculado à competição entre firmas. Essa motivação se encarregaria de criar novas tecnologias e novas formas de organização justamente pela diferença interna das próprias empresas (Mazzucato, 2014). A consequência lógica dessa visão “evolutiva” é que não há como saber qual firma sairá ganhadora desse processo. As dificuldades de entrada em uma nova indústria podem gerar problemas que não são contemplados pela ótica da competição empresarial. As barreiras de entrada, por exemplo, geram distorções que dão maior vantagem às empresas pioneiras em detrimento das outras. De qualquer forma, as inovações geradas pelas diferenças organizacionais das firmas não garantem o sucesso dessas novas técnicas. Outro problema aparente é o fato de depender da inserção das firmas em qualquer tipo de sistema de inovação para que a competição dê

incentivos positivos para a inovação. Partindo dessa visão, o acúmulo de conhecimento necessário para que o processo de inovação tecnológica seja bem-sucedido, depende de uma aposta do Estado em financiar algumas pesquisas em detrimento de outras pesquisas. Mazzucato (2014) explica que: *“Schumpeterian economists criticize endogenous growth theory because of its assumption that R&D can be modelled as a lottery where a certain amount of R&D investment will create a certain probability for successful innovation”*.

As experiências de desenvolvimento econômico recentes, tem como ator central o Estado e a implementação de políticas industriais. A competição capitalista entre os Estados do sistema internacional impulsionou a competição por novos mercados. A geopolítica global teve papel importante também na definição de estratégias de desenvolvimento “à convite”, nesse sentido, possibilitou a inserção na divisão internacional do trabalho para alguns países de maior valor estratégico. O florescimento das indústrias com alto teor tecnológico foi um processo que incluiu políticas de incentivo a inovação, políticas comerciais e financeiras. Para Mazzucato:

There is a whole literature devoted to the role of the so-called ‘Developmental State’, where the State is active not only in Keynesian demand management but also in leading the process of industrialization. [...] In states that were late to industrialize, the State itself led the industrialization drive. It took on developmental functions, for example by targeting certain sectors for investment, placed barriers to foreign competition until such time as companies in the targeted sectors were ready to export, and then provided assistance finding new export markets for companies. (MAZZUCATO, 2014, 60)

O desenvolvimento econômico tem como uma de suas funções a constante inovação. Novos produtos são uma forma de aumentar a acumulação de riqueza e de poder. O processo, no entanto, tem sido debatido por várias visões econômicas diferentes em que o Estado tem um papel mais importante em uma e menos importante em outras. Embora seja importante para os países inovarem, o crescimento econômico não fica restrito a esse único fator. É necessário que se realize uma estratégia de longo prazo caracterizando os objetivos que deverão ser alcançados pelo Estado. A partir desse momento, uma política de inovação ligada a esses objetivos pode prosperar.

Duas perspectivas sobre a causalidade entre o desenvolvimento de pesquisa e o crescimento econômico são importantes destacar. O modelo linear, que defende uma relação de causa e consequência direta entre pesquisa, inovação e crescimento econômico e o modelo de sistemas de inovação. No modelo de sistema de inovação, o conhecimento não se transfere de forma direta e em fluxo constante. Para que o crescimento surja como consequência do processo de

inovação, é necessário que o sistema tenha complementariedade entre os atores. Portanto, é preciso que as empresas entejam sob pressão competitiva durante o processo de inovação.

O impacto que a inovação tem no crescimento das empresas varia conforme suas especificidades. As pequenas empresas, por exemplo, são comumente vistas como importantes para o processo de desenvolvimento e inovação. O crescimento de uma economia não vem necessariamente do incentivo às pequenas empresas nem são elas a resposta para o desemprego e inovação. Ao contrário, o que importa para uma economia é a capacidade de crescimento que uma empresa possui. Em muitos casos, as pequenas empresas têm uma grande capacidade de crescimento, porém, muitas outras não conseguem alcançar um patamar de crescimento rápido. Muitas empresas que chegam nesse patamar de rápido crescimento possuem anos de experiência. Essa experiência e robustez ajuda no momento de se manter competitivo e o conhecimento acumulado durante os anos permite mudanças estruturais. O próximo passo necessário para crescer é o investimento em inovação, nesse caso, seria mais importante olhar para empresas que já demonstraram maior eficiência.

O capital privado tem desfrutado de grande prestígio em relação ao financiamento de pequenas empresas com grandes chances de crescimento. A natureza desse investimento é criar um crescimento rápido. Seja criando uma empresa para competir com outras já estabelecidas ou para que uma pequena empresa possa atingir um patamar elevado. O aproveitamento desse tipo de investimento precisa ser levado em consideração. Por ser um setor de alta instabilidade, as empresas menores têm grandes chances de sumirem antes do processo de maturação das tecnologias. Os investimentos privados, por sua vez, têm preferência por maior liquidez e não suportam tempos longos de maturação.

O número de patentes não tem uma relação de causalidade direta com o crescimento em setores de alta tecnologia. Muitas patentes têm pouco ou nenhum valor agregado e por isso são pouco citadas em outros estudos. O uso de patentes pode ser benéfico no sentido em que protege o direito de remuneração. Por outro lado, patentear em alguns setores como o de ferramentas para pesquisa pode diminuir ou dificultar o ritmo de inovação. A dificuldade se impõe principalmente para pesquisadores de países em desenvolvimento que não conseguem replicar as pesquisas sem essas máquinas e insumos dificultando o desenvolvimento de novos conhecimentos e tecnologias em países periféricos.

Socialização do risco e Privatização dos Ganhos.

Dentro da dinâmica de inovação os riscos estão, cada vez mais, pulverizados pela sociedade enquanto os lucros são retidos por empresários. Entender mais sobre os riscos que compõe o investimento nos setores de alta tecnologia de uma economia nos esclarece muito sobre a relação entre o privado e o público. Os investimentos feitos em tecnologia e na ciência básica são feitos, principalmente, pelo Estado. O processo de inovação na indústria depende de fatores que não estão ao alcance dos investidores privados. Os projetos que alcançam êxito fazem parte de um grupo seleto de projetos que foram financiados e prosperaram em um universo muito maior de projetos que foram descartados. Outros produtos são decorrentes de projetos que não foram desenvolvidos dentro de sua concepção inicial, porém tiveram algumas partes aproveitadas em outros segmentos ou tiveram suas funções aproveitadas em outros segmentos da indústria. Portanto, o ciclo de inovação depende de grande foco e capacidade de investimento a longo prazo sem expectativa de grandes retornos. O Estado é um ator que tem esse tipo de capacidade de planejamento estratégico à longo prazo. As necessidades do Estado são de uma grandeza mais geral do que as necessidades dos investidores privados. A guerra, por exemplo, é um problema específico em que o Estado deve buscar soluções.

O desenvolvimento de um país pode ser levado a frente de muitas formas diferentes. Os efeitos positivos ou negativos das diferentes estratégias de desenvolvimento dependerão, em grande medida, dos fatores da economia política desse país em questão. Os países industrializados têm uma maior capacidade de prover para seus cidadãos empregos de maior qualidade com salários maiores que terão impacto positivo na economia criando um ciclo virtuoso de demanda para os produtos nacionais.

A competição no mercado internacional, por outro lado, tende a se acirrar cada vez mais e dificultar a criação de um parque industrial em países que ainda não o fizeram. Para diminuir o hiato produtivo e tecnológico entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento é importante que os atores internos alcancem organizar um bloco de poder capaz de projetar estrategicamente as ações do Estado. O desafio de alcançar os novos parâmetros de desenvolvimento é muito maior hoje do que eram no começo do século passado. O Estado Nacional retoma seu lugar de prestígio como maior articulador de um projeto nacional assim como maior incentivador do processo de inovação.

1.4 Gasto Militar e Crescimento Econômico.

1.4.1 Demanda Efetiva e Gasto Militar: A Contribuição de Pivetti.

Pivetti é um autor da tradição Sraffiana e segue, portanto, a teoria da demanda efetiva. O princípio da demanda efetiva, desenvolvido por Keynes e Kalecki, estabelece que a demanda monetária aos preços de oferta normais determina o produto agregado (Medeiros, Serrano 2004). Pivetti desenvolveu uma reflexão original sobre a relação entre gasto militar e demanda efetiva, através de uma série de textos (Pivetti, 1989; 1992). Dentro dessa contribuição encontramos uma crítica ao pensamento de Paul Dunne e Ron Smith (Pivetti, 1992). O debate se desenvolveu ao redor da pergunta sobre a importância dos gastos militares para a economia dos países capitalistas. Tanto Dunne como Smith colocam o gasto militar como um fardo para o crescimento dessas economias já que, em tese, diminuiriam o nível de investimento. Eles acreditam, mesmo assim, que os gastos são estratégicos, embora só consigam perceber os efeitos econômicos do investimento militar. O “fardo” seria contraposto por uma visão “subconsumista” em que os gastos militares dariam suporte para um nível maior de emprego e demanda efetiva.

Para Smith, os Estados Unidos tinham um crescimento econômico muito menor em relação aos outros países desenvolvidos mesmo tendo um gasto militar maior que esses países. A tentativa de criar uma causalidade negativa foi alvo de crítica de Pivetti. O Autor, no que lhe concerne, relembra que esse argumento não era uma novidade e que Samuelson já interpretava o crescimento desses outros países relacionando os com menores gastos militares. A guerra, para Samuelson, não era necessária para o crescimento econômico. Olhando de forma crítica para a economia americana, vemos que ela cresceu de forma sustentável por 40 anos pós-segunda guerra.

In an overview of the US experience in the 40 years following 1947-1948, it is appropriate to start by mentioning that the first half of that period is unanimously considered to have seen the best performance of American capitalism since the end of World War II. The average rate of growth of GDP was 4%, whereas in the following 14 years, from 1969 to 1982 (that is, before Reagan's military buildup gained momentum), the rate of growth averaged 2- 3%, and was less stable.² The average annual rate of increase in non residential fixed investment fell from 5% during the 1950s and 1960s to 3% during the 1970s and the first years of the 1980s. The average rate of unemployment rose from 4-5% and 4-7% for the 1950s and 1960s, respectively, to over 8% at the beginning of the 1980s. (PIVETTI, 1992, Pg.374)

Os gastos governamentais foram a base da demanda efetiva até o fim da década de sessenta. A partir desse momento o orçamento tem uma queda em termos reais. O recorte de tempo que vai de 47-69 teve como característica principal o aumento nos gastos do governo de forma

crecente. Este incremento orçamentário foi majoritariamente investido em assuntos militares e espaciais. O orçamento americano passa por uma tendência de estagnação nos anos setenta voltando a aumentar com a chegada de Reagan a presidência dos Estados Unidos. Com o programa da “Guerra nas Estrelas”, os gastos militares chegaram a 4/5 das compras governamentais. Pivetti, portanto, chega à conclusão de que é difícil argumentar contra a centralidade dos gastos militares em uma economia em expansão mantendo um nível de desemprego baixo.

Em comparação com outros países capitalistas desenvolvidos os gastos militares podem parecer secundários quanto a sua importância para sustentar baixos níveis de desemprego além de maior competitividade e eficiência industrial. Os exemplos do Japão e da Alemanha são claros em relação ao pequeno investimento direcionado aos gastos militares e, mesmo assim, desenvolveram uma indústria altamente tecnológica e eficiente com capacidade de competir com os americanos.

A questão posta por Pivetti é entender a relação entre o Dólar e a sua posição como moeda internacional e os gastos militares americanos. A reafirmação do poder do dólar no começo da década de oitenta faz parte de uma política americana para enquadrar seus aliados e inimigos. Nos anos oitenta o dólar havia perdido seu monopólio como moeda de reserva, as importações americanas estavam aumentando de forma substancial e a produção interna e demanda interna estavam em baixa. A resposta americana foi aumentar os juros básicos fortalecendo o dólar. A consequência dessa política de juros foi, como diz Pivetti:

This led to large foreign capital inflows which both financed and, through the strengthening of the dollar,² cheapened the rapidly rising volume of US imports. A weak dollar would have exacerbated the burden of imports in the U S balance of payments and its impact on domestic costs and prices. (PIVETTI, 1992, Pg. 377)

O efeito dos juros altos e o fortalecimento do dólar perante a outras moedas foi o aumento dos preços internos. O rearmamento de Reagan foi usado como força motora para aumentar a demanda interna. Essa demanda ajudou a puxar o crescimento do bloco da OCDE. Esse crescimento foi caracterizado por *“marked growth differentials, in terms of domestic demand rather than in terms of output, between the United States and the rest of the OECD area.”* (PIVETTI, 1992)

Para Smith há um mecanismo de compensação implementado na dinâmica dos recursos da produção. Seria necessário, portanto, um estudo mais qualificado para saber qual categoria de gastos seria mais benéfico para o crescimento econômico; o militar ou o civil. A explicação

dada parte do princípio que o mecanismo de compensação seria um fator da capacidade de produção instalada e de sua utilização ou da taxa de desemprego. Ambos seriam variáveis exógenas. Em síntese, o que Smith propunha era que a produção era estrangida em recursos. Seguindo adiante, a visão de Dunne e de Smith buscam explicar o porquê de a taxa de desemprego ser uma variável exógena. O que justificaria o argumento é que, para os autores, a demanda por investimentos e poupança estaria em sintonia perfeita com o mercado ou com as políticas do Estado.

O Estado usaria sua capacidade de fazer políticas econômicas para manter o equilíbrio entre os fatores. Os recursos para os investimentos estariam sempre em equilíbrio com a taxa de desemprego. Dentro dessa lógica o agregado da produção seria menor com os gastos militares do que seria com os investimentos nos outros componentes da demanda.

Os investimentos militares seriam nocivos para a economia. Esta tese é compartilhada por autores que acreditam na importância do investimento público, assim como nos que não acreditam. O argumento principal é que os investimentos militares impedem os investimentos em outros setores civis que poderiam se beneficiar da genialidade e da inovação dos trabalhadores do campo militar.

Os investimentos no setor militar possuem uma natureza diferente dos outros setores do investimento público como educação ou saúde. Essa categoria de investimento não cria capacidade produtiva e não tem uma preocupação principal com bens para o mercado privado. Porém, os gastos militares não impedem o investimento privado em nenhum setor da economia, são gastos que aumentam o montante na sua totalidade. Essa dinâmica beneficia a construção de nova capacidade produtiva. Em segundo lugar, a demanda por produtos militares difere da demanda por produtos de outros setores. Não há problemas como o tamanho da população ou do território que possam impedir a renovação desse investimento. Os problemas de produção em excesso dos fatores são mais comuns em setores da economia. Por último, o investimento militar está entrelaçado com a indústria da tecnologia.

First and foremost, it is noteworthy that when a problem was solved in the military sphere, this fact of itself created a new problem. The point is that there seems to have been no other sphere so quick-acting as the military one, with regard to the pace at which new technological problems were created that must perforce be resolved—in order to maintain strategic superiority or so as not to lose ground with respect to one's adversary. (PIVETTI, 1992, Pg. 380.)

Pivetti, então, procura criar uma nova perspectiva sobre os gastos militares que ele chama de visão da “demanda efetiva”. Essa nova perspectiva coloca esse conceito no centro da análise. Diferente de Smith e Dunne, o autor entende que o investimento é independente das decisões de poupar. Embora isso crie um problema, este seria resolvido através do gasto militar que ofereceria a capacidade de manter uma taxa alta de emprego e de crescimento econômico. De fato, como afirma Pivetti:

“A few characteristics of military spending [...] make it a growth factor which, in the long run, is not easily replaceable by other kinds of public spending. In the first place, the very fact that it does not itself create productive capacity and does not concern consumer goods and services already produced (or that could be produced) for the private market, military spending does not displace private expenditures but represents additional spending. It helps to maintain high utilisation rates of available capacity and in this way stimulates private investment. Secondly, it should be borne in mind that military spending is continuously renewable; in the case of armaments, there is no problem of production in excess of factors such as population size or the size of territory. [...] finally, account must be taken of the technological progress brought about by military and space programmes and of the importance of this for growth in productivity and support for investments. We shall now take a closer look at this last point. (pivetti, 1989, p. 61)”

1.4.2 Ruttan: Guerra e Crescimento Econômico.

Vernon Ruttan, em seu livro *“Is war necessary for economic growth?”* Comenta sobre a relevância do aparato militar para o crescimento da tecnologia. Diz ele que o conhecimento adquirido na manufatura das armas foi essencial para o desenvolvimento da revolução industrial.

A relação entre o desenvolvimento e a guerra sempre foi alvo de críticas e debates. As instituições capitalistas e seu modo de produção foram moldados pela guerra assim como pela preparação para a guerra. O outro lado do debate procura argumentar que essa relação é somente uma aparência, em vista da intensificação dos aprovisionamentos militares em tempo de guerra. A demanda militar por armamentos abriria um momento histórico em que o desenvolvimento estaria ligado ao desenvolvimento tecnológico militar.

Outro debate acerca dos investimentos militares em ciência e tecnologia é o fardo que esses investimentos seriam para o avanço tecnológico em longo prazo para a economia. Em resumo, o investimento em produtos militares estaria desviando recursos que poderiam ser melhor aproveitados em outros setores da indústria. A consequência disso seria o menor crescimento da produtividade na indústria civil e sua menor utilização no setor comercial. Outra crítica ao maior uso de investimento militar é a menor velocidade em que as tecnologias passam do setor

militar para o civil. As pesquisas normalmente eram separadas, diminuindo sensivelmente a interlocução entre os dois meios.

Ruttan pretende delinear a importância da demanda militar no desenvolvimento de novas tecnologias que se espalharam por todo o espectro industrial. Ele tem como exemplo os EUA.

Rate and Direction of Technical Change.

Algumas interpretações sobre como e qual as taxas médias de desenvolvimento das novas tecnologias são interpretadas como sendo motivadas pelas vontades individuais de cientistas e engenheiros. Esquecem, portanto, as mudanças políticas, orçamentárias e sociais que precisam ser interpretadas. Essas interpretações, certas ou erradas, constroem um objetivo a ser seguido, a partir disso, perguntas e respostas se transformarão nas bases de um novo conhecimento que será aplicado posteriormente.

O conhecimento base que se transformou em novas tecnologias e que, posteriormente, foram lançados como produtos comerciais, teve seu processo embrionário em laboratórios do governo ou fazem parte de investimentos governamentais em laboratórios privados.

Mudança Técnica Induzida:

A mudança técnica induzida parte de estudos de Schmookler em que se averigua a importância da demanda na alocação dos recursos para a pesquisa científica mais do que o acúmulo de conhecimento. (*Posição de Schmookler*). O desenrolar desse debate seguiu com propostas sobre o desenvolvimento liderado pela demanda e, por outro lado, o liderado pela oferta. Porém, Ruttan argumenta que ambos tiveram impacto no desenvolvimento de indústrias. O crescimento da demanda, no entanto, tem um incentivo muito positivo na alocação dos recursos necessários para a ciência e tecnologia.

It is hard to believe that the enormous rise in the price of labor compared to the price of capital equipment in the U.S. economy has not played a significant role in inducing the capital intensity of U.S. military technology. Only an economy that places an extremely high value on human capital could devote resources to producing a tool as expensive as stealth aircraft. (RUTTAN, 2006 Pg. 11)

Teoria Evolutiva:

A teoria evolutiva do desenvolvimento tecnológico tem dois expoentes de maior peso. Richard Nelson e Sidney Winter, foram os precursores nos anos setenta. Essa teoria retirava o que seus

autores consideravam ser pesos extras da teoria neoclássica como, por exemplo, o comportamento de maximização do lucro das firmas. Esse pressuposto foi substituído pelo conceito de “rotina”

a term that includes characteristics ranging from wellspecified technical procedures for producing things and for managing practices, research, and development, to business strategies about product diversification, investment, and marketing (NELSON and WINTER, Apud RUTTAN, 1982, p. 14).

Não obstante, seus argumentos continuam tendo como perspectiva teórica o liberalismo econômico. O desenvolvimento tecnológico seria promovido pelo mercado através da livre concorrência. As empresas buscariam desenvolver novas tecnologias para manter-se competitivas. Para isso, em primeiro lugar, as firmas buscariam novas tecnologias que seriam copiadas por seus competidores que, por último, satisfariam as necessidades econômicas do mercado. Somente com um impulso gerado pela diminuição das taxas de lucro seria possível pôr em prática uma mudança tecnológica.

Mudanças nos preços dos fatores de produção impediriam uma nova tecnologia de ter êxito dentro dessa teoria. Portanto, um olhar histórico é muito importante para a compreensão da teoria evolutiva da tecnologia, em vista que os preços desses fatores não são estáveis, as condições da indústria em um dado momento condicionarão o próximo ciclo de desenvolvimento.

Path Dependency:

Essa teoria tem um olhar voltado para o desenvolvimento tecnológico que ocorre através de estruturas que forçam os novos avanços técnicos de um setor. Para isso, seus expoentes partem do pressuposto que existe uma taxa crescente de retorno em escala que resultaria na criação de estruturas que direcionariam as formas de criação tecnológicas. Como exemplo, Ruttan cita a energia nuclear para fins comerciais. A agência de energia atômica americana buscava um modelo de usina que fosse viável para o uso comercial. A marinha, no entanto, havia desenvolvido um reator de água leve que serviria em seus submarinos sendo uma tecnologia já viável. Em seguida vieram razões mais ligadas ao tempo necessário para que se dispusesse no mercado essa tecnologia. Tanto GE quanto a Westinghouse receberam subsídios do governo e escolheram os reatores de água leve, pois isso traria uma vantagem em relação aos seus competidores no mercado mundial. Em terceiro, era necessário que a comercialização de

energia nuclear fosse rápida em vista do projeto político de Dwight Eisenhower que pretendia usar essa nova tecnologia como demonstração da viabilidade de seu projeto “Átomos pela Paz”. As tecnologias são chamadas de radicais em vista do grande salto tecnológico necessário para seu desenvolvimento. Para que sejam descobertas, é necessária uma mudança no paradigma de uma tecnologia existente. O conhecimento popular sobre o funcionamento do processo de pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias acredita que as ideias são criadas ou surgem através do exercício da genialidade do indivíduo e não percebem que existe uma estrutura pensada e estruturada para criar um ambiente propício para a inovação.

É necessária a Guerra?

Os investimentos militares tiveram um grande impacto no processo de desenvolvimento tecnológico. Sem o incentivo do Estado e da guerra, esses investimentos dificilmente se transformariam em realidade já que não havia, no horizonte, uma perspectiva de retorno financeiro. Tecnologias como a energia nuclear e os propulsores a jato não possuem atrativo comercial nenhum e mesmo em caso de intensa competição os incentivos a criação de uma tecnologia radical seriam muito pequenos. Os novos meios de propulsão e de energia precisam de um investimento muito alto que, em muitos casos, não gera retorno econômico para seu financiador. O tempo necessário para o desenvolvimento dessas novas tecnologias também se transforma em um empecilho para que o setor privado seja instigado a investir nesse processo. Os processos de pesquisa e desenvolvimento se tornam mais atraentes para o setor privado quando a tecnologia amadurece e tem seu objetivo definido de forma clara. O investimento privado, então, busca transformar a produção desse bem criando economias de escala e barateando o processo.

O Estado atua de forma essencial no processo de pesquisa e desenvolvimento. Sem o aporte financeiro para as pesquisas básicas esse processo demoraria muito mais para se desenvolver. Os efeitos dos gastos militares, portanto, devem ser avaliados, em um primeiro momento, por seus impactos na segurança nacional. Os objetivos militares fazem parte dos problemas a serem solucionados pela criação das novas tecnologias. O financiamento é somente uma parte do impacto dos militares na ciência e tecnologia de um país. Os cientistas e engenheiros encarregados de desenvolver novos produtos para ao aperfeiçoamento da segurança nacional o fazem considerando parâmetros estipulados pelas forças armadas. Como diz Ruttan:

I do insist, however, that the American, and the global, technological landscape in which we live today would be vastly different in the absence of military and defense-related contributions to commercial technology development. (RUTTAN, 2006, Pg. 162)

Maturidade tecnológica:

As novas tecnologias precisam de tempo para amadurecer. Enquanto estão em suas fases iniciais, a tarefa de averiguar seu impacto econômico é muito difícil. Com o passar do tempo, essas novas criações vão amadurecendo de acordo com o processo de desenvolvimento tecnológico. No entanto, é possível que sua linha de desenvolvimento se torne obsoleta e a partir desse ponto, seus próximos desenvolvimentos poderão seguir por uma outra trajetória, ou seja, um novo paradigma. Os efeitos do rompimento de um paradigma podem se fazer sentir em outros setores. Novos paradigmas na química e na física foram importantes para o desenvolvimento do setor aeronáutico e aeroespacial.

In the case of the general-purpose technologies that emerged as important sources of growth in the U.S. economy during the last half of the twentieth century, it was primarily military and defense related demand that drove these emerging technologies rapidly down their learning curves. (RUTTAN, 2006, Pg. 165)

Spin off:

O transbordamento de técnicas e tecnologias de um setor para outro, chamado de Spin-Off, era visto como algo natural de se acontecer. Não havia a necessidade de manter políticas de incentivo para que as tecnologias se transferissem do setor militar para o privado. Essas tecnologias duais deveriam satisfazer parâmetros comerciais e de defesa. O processo pelo qual as novas tecnologias se desenvolvem depende da natureza do setor em que estão sendo desenvolvidas. Os investimentos privados em novas tecnologias são feitos em processos e novos produtos que aumentem a taxa de lucro e sua produtividade ou que promovam a diminuição do custo de cada objeto. O setor militar, no que lhe toca, procura por tecnologias que lhe garantam superioridade no campo de batalha e na capacidade de dissuasão sobre seu inimigo recebendo retorno estratégico ao invés de retorno financeiro. Desenvolver novas tecnologias militares demanda uma quantidade considerável de financiamento e tempo que somente o Estado possui.

O uso de uma tecnologia dual depende da integração produtiva entre as bases industriais militares e civis. Essa foi a solução para o problema do encarecimento dos provisionamentos militares e sua crescente baixa qualidade no pós-guerra. A construção de um processo de integração entre setores foi alvo de questionamentos no que se refere às consequências de misturar os processos de aprovisionamento militar com os processos de aquisição comercial. Em outras palavras, ao adotar os procedimentos comerciais de empresas privadas os contratos militares diminuiriam de valor. A diminuição do valor dos novos contratos teria um efeito negativo tanto na qualidade dos novos armamentos assim como no potencial de desenvolvimento de novas tecnologias.

Advocates believed that there were extensive dual-use opportunities in defense and commercial technologies, processes, and practices, and that U.S. Department of Defense (DOD) adoption of commercial acquisition practices could result in substantially lower procurement costs. Critics were skeptical about the extent of potential overlap between commercial and military products and processes. (RUTTAN, 2006, Pg.172)

A reestruturação do processo de aquisição militar tinha como objetivo facilitar a entrada de novas empresas do setor civil com tecnologias que pudessem ser utilizadas no setor militar. Para isso, as especificações militares deveriam ser mudadas para incluir tecnologias que estivessem disponíveis no mercado.

1.5 Estado, Complexo Militar e Economia: Uma Breve Análise dos Exemplos Chinês e Americano.

1.5.1 O Caso Americano: Inovação e Spillover.

As políticas voltadas para a industrialização e para o incentivo à inovação, tem diferentes impactos dependendo do país. Alguns países buscam tecnologias mais voltadas para o mercado enquanto outras dependem do ciclo virtuoso da inovação para garantir sua própria segurança. O complexo industrial militar americano, no entanto, se desenvolveu com o propósito de criar uma dinâmica inovadora que acabou beneficiando a economia americana. Por outro lado, os princípios norteadores desse sistema foram as questões geopolíticas que se apresentavam para os Estados Unidos durante a Guerra Fria. Daí surgiram grandes inovações ligadas à tecnologia da informação, aeroespacial e na aviação.

A geopolítica americana do pós-guerra estava envolvida, prioritariamente com a União Soviética. O duelo entre as duas grandes potências criou no sistema um impulso inovador. Medeiros (2004) destaca que,

A doutrina de que a superioridade tecnológica nas armas é fator decisivo na vitória militar, afirmou-se como visão dominante dos militares americanos desde o pós-guerra e manteve-se inalterada mesmo quando essa visão revelou-se totalmente inadequada às guerras locais, como eloquentemente demonstrada pela guerra do Vietnã. (MEDEIROS, 2004, Pg. 226)

A criação desse sistema impulsionou a inovação na economia americana. Os militares, no que lhes toca, tiveram um papel central na construção desse complexo. Eles agiam de forma a comandar o processo na sua totalidade criando condições de manter a dinâmica da inovação tecnológica. A descentralização das tomadas de decisão foi um passo importante que ajudou nas escolhas das novas tecnologias que deveriam ser desenvolvidas. Outra questão de grande importância é a maneira que os militares promoviam o complexo militar. Os pedidos do departamento de defesa americano impulsionaram o lado, tanto da demanda quanto da oferta. Medeiros (2004), entende que a diferença e causa do sucesso do complexo industrial militar americano, foi exatamente focar no desenvolvimento de novas tecnologias que estavam na vanguarda da fronteira tecnológica. Enquanto isso, os outros países buscavam desenvolver produtos com menor teor tecnológico. Podemos deduzir o porquê dessa vantagem das procurações militares no desenvolvimento de novas tecnologias.

O progresso técnico, para alguns economistas, tem sua dinâmica própria e seu desenvolvimento se daria de forma endógena. O que importaria, portanto, seria o nível da renda que condicionaria o investimento e, em consequência, impulsionaria o desenvolvimento de novas tecnologias. Carlos Medeiros (2004) destaca que esse pensamento produz uma distorção, pois entende que o acúmulo de conhecimento pode ser utilizado para desenvolver tecnologia em qualquer setor da economia. O mercado e suas instituições não conseguem proporcionar os desafios científicos necessários para a construção de sistemas nacionais de inovação de forma autônoma, sendo necessário que a demanda seja garantida pelo investimento público, no caso, na figura das compras governamentais vinculadas às forças armadas. Nesse sentido, as inovações tecnológicas desenvolvidas a partir de parâmetros da demanda do mercado seriam instrumentais, tendo apelo somente para a redução de custos da produção. As inovações que deslocam paradigmas científicos dependem de formulações teóricas e projetos eficientes que são impulsionados por motivos superiores à demanda do mercado. Normalmente, sistemas de

inovação desenvolvidos são vistos em países que competem no sistema internacional por mudanças no *Status Quo*.

O confronto na esfera internacional criou o ambiente competitivo que serviu de incubadora para as inovações tecnológicas do século XX. O impulso dado pela guerra teve impacto positivo inclusive quando se pensa no curto espaço de tempo que essas novas tecnologias foram desenvolvidas e implementadas. Esse cenário foi benéfico, ou mais aproveitado, pelas duas grandes potências mundiais. Tanto Rússia quanto os Estados Unidos foram os pioneiros em uma gama variada de novas tecnologias e produtos.

A Segunda Guerra Mundial, foi decisiva para a construção de novas estruturas de desenvolvimento do conhecimento que levariam a indústria americana a vanguarda tecnológica. As diferentes doutrinas entraram em choque e geraram a grande violência da guerra. Com o passar do tempo, no entanto, as transformações no campo de batalha deram margem para as mudanças institucionais necessárias para o desenvolvimento de novas armas.

Com os mísseis alemães e com a bomba atômica, a penalidade decorrente de um atraso na corrida armamentista poderia ter consequências devastadoras. Para obter superioridade na busca de uma arma superior era necessário estender a fronteira tecnológica através do alargamento das comunidades científicas numa velocidade, dimensão e direção distintas da que decorreria da competição industrial. (MEDEIROS, 2004. Pg. 232)

O sistema americano se mostrou mais eficiente no longo prazo. Com o fim da guerra, uma nova rivalidade nasceria no sistema internacional. O sistema de inovação americano prevaleceu sobre o soviético e ajudou na construção da hegemonia americana. Nos Estados Unidos as instituições militares e de pesquisa se juntaram às universidades no esforço de manter a liderança tecnológica. Universidades como o Instituto de tecnologia de Massachusetts (MIT), assim como o Instituto de Tecnologia de Califórnia (CALTECH), foram os principais centros de pesquisas relacionados aos esforços de guerra. Outras instituições relevantes no processo de inovação eram as agências do governo norte-americano que ajustavam os parâmetros das pesquisas e financiavam o avanço da tecnologia. Por último, as empresas beneficiadas pela expansão da demanda proveniente do Estado fizeram parte do eixo produtivo dessa cadeia. Lockheed e General Electric são exemplos dessa simbiose.

Pensar o sistema de inovação americano a partir do complexo industrial-militar-acadêmico é importante para esclarecer algumas questões relacionadas ao desenvolvimento dessas mesmas estruturas em outros países diferentes. A partir desse caso de sucesso, podemos entender os

erros e acertos dos outros sistemas. A partir do estabelecimento desse complexo, não havia mais um problema de ordem orçamentária. Medeiros (2004), esclarece que as taxas de crescimento do orçamento estão divididas em quatro momentos distintos, as duas primeiras décadas do pós- guerra, em que houve crescimento das taxas e as de setenta, oitenta e noventa.

O fato de não haver problemas de financiamento das agências governamentais é explicativo. O que importava para a economia americana e para sua estrutura de segurança nacional era o desenvolvimento de novas tecnologias. Portanto, buscava-se o aperfeiçoamento do sistema de inovação para que a União Soviética não tomassem a dianteira do processo e construíssem armas mais eficientes que desequilibrassem a balança a seu favor. Os militares se tornaram nesse ponto os maiores incentivadores da ciência nos Estados Unidos. Carlos Medeiros aponta que:

A percepção de que os EUA estavam tecnologicamente atrasados na concorrência armamentista foi usada como argumento para favorecer o orçamento militar e criar as coalizões políticas favorecedoras das inovações e da ruptura da inércia burocrática, aspectos decisivos para a construção de instituições adequadas ao esforço científico e tecnológico. (MEDEIROS. 2004, Pg. 234)

As crises políticas que surgiam no sistema internacional tinham como resposta o aumento do financiamento das estruturas de inovação nos Estado Unidos. O sistema de inovação americano, no que lhe toca, foi altamente financiado pelas agências de pesquisa americanas e serviam projetos militares. Assim, essas pesquisas de base serviriam para aumentar a capacidade da economia americana em concorrer nos novos mercados criados por essas inovações. A difusão das tecnologias para os mercados se deu através dos próprios formuladores de políticas de inovação que criavam empresas para explorar esses mercados (Medeiros, 2004).

Esse processo foi ganhando maior rapidez em vista das novas necessidades criadas pelo conflito entre as duas superpotências. O conhecimento adquirido por esses profissionais foi sendo difundido para as empresas do setor de alta tecnologia que tinham se estabelecido no complexo industrial militar saindo da academia. É importante ressaltar que, mesmo depois da difusão tecnológica pela contratação de especialistas, os contratos militares com essas empresas garantiram o sucesso das mesmas. Com a garantia de demanda, foram capazes de assegurar a sobrevivência durante as incertezas do mercado.

O orçamento de defesa americano caiu de forma sensível em vista das dificuldades enfrentadas pelos americanos. O fracasso na Guerra do Vietnã e em casa com o escândalo do *Watergate*, minaram o apoio popular aos grandes investimentos feitos pelos militares para manter as pesquisas e o desenvolvimento de novas tecnologias. Esse paradigma militarista, no que lhe concerne, foi se reformulando para que o projeto baseado na “arma superior” fosse trocado lentamente. No decorrer do desenvolvimento do sistema de inovação americano, as tecnologias menores foram mudando de patamar mais rápido do que os grandes sistemas de armamentos.

O mercado que foi criado a partir das novas tecnologias, tomou uma dinâmica própria e as empresas de tecnologia que surgiram com os financiamentos militares já conseguiam sobreviver sozinhas. A partir desse momento, a demanda por tecnologia acirrou a competição entre as empresas que desenvolviam seus próprios setores tecnológicos de pesquisa. O uso dual das novas tecnologias substituiu, lentamente, a centralidade dos objetivos militares no desenvolvimento de novas tecnologias.

O fim da Guerra Fria foi positivo para os americanos, pois se tornaram hegemônicos no sistema internacional. Esse poder unilateral sem precedentes contrastou com a derrocada soviética e seu desmantelamento, motivo da disparidade de poder entre os americanos e todos os outros Estado no Sistema Internacional. A Rússia, país que comandava a URSS, passou por crises e implementou uma política liberal que introduziu o capitalismo de mercado em seu território e, que causou o rebaixamento desse país na hierarquia do sistema. O descolamento entre as novas tecnologias e sua utilidade no campo de batalha teve consequências para essa mudança sistêmica nas inovações americanas. O principal desafio se tornou a definição de um novo concorrente com o potencial que a União Soviética tinha para competir com os americanos.

Somente no governo Reagan, precursor da queda soviética, o orçamento militar aumentou de forma a traduzir o conceito de “arma superior” em novas tecnologias. Nas próximas duas décadas, os americanos encontrariam dificuldades em definir seus novos adversários de forma clara e objetiva. Sem adversários palpáveis, as novas doutrinas se tornaram progressivamente mais abrangentes abrindo margem para mudanças paradigmáticas. Segundo Carlos Medeiros (2004), a diferença tem sua raiz na maior capacidade americana de se impor no mundo e que sem rivais à altura, seria necessário considerar um novo cenário de guerra. Este, no que lhe toca, seria disperso e difuso definindo a necessidade de novas tecnologias que aumentassem a vantagem militar americana no campo das informações e logística.

1.5.2 A Experiência Chinesa.

A China tem seu processo de desenvolvimento interligado à política da Guerra Fria tanto quanto as duas potências. Os chineses procuravam desenvolver sua economia preparando-se para enfrentar os desafios colocados pelo sistema internacional.

Seu projeto de desenvolvimento esteve voltado para a construção do Estado e de suas capacidades de implementar uma política objetiva e clara de crescimento econômico robusto e que garantisse sua soberania. A economia chinesa, mesmo com altas taxas de crescimento, continuava atrasada em termos tecnológicos de acordo com Trebat e Medeiros (2014). Os efeitos da competição estatal levaram ao redirecionamento da estratégia chinesa na qual procuraram focar na construção de uma indústria com maior teor tecnológico e o desenvolvimento conjunto de sua defesa nacional.

A transformação da política de crescimento teve que lidar com desafios de ordem estrutural para tentar alcançar uma maior interligação entre tecnologia militar e seu uso no setor civil. O complexo industrial militar chinês nessa época trazia consigo muitas semelhanças com o modelo soviético, principalmente em razão de sua maior autonomia em relação aos outros setores. A integração do setor de defesa na economia em geral foi essencial para os americanos tomarem a dianteira do processo de inovação, esse fator de dinamização foi percebido pelos chineses que esbarraram em problemas macroeconômicos.

O fim da Guerra Fria proporcionou grandes mudanças na política internacional e principalmente na hierarquia de poder. Com a grande assimetria de poder dos americanos foi necessário a criação de uma nova doutrina que possibilitasse ao menos uma defesa de seu território e de suas áreas de influência mais próximas. O que se sugere aqui nesse texto é que o setor militar tem uma maior capacidade, por sua própria natureza, para desenvolver novas tecnologias. Tanto Medeiros (2004), quanto Medeiros e Trebat (2014) deixam claro que o caráter dos problemas que a competição geopolítica proporciona problemas que exigem soluções inovadoras. O exercício de responder à problemas complexos com respostas igualmente complexas gera efeitos positivos para a criação de novas tecnologias.

Para que se alcance uma mudança de patamar na hierarquia do sistema internacional é preciso que o setor industrial nacional esteja na vanguarda do conhecimento técnico. O complexo industrial militar tem, como princípio, criar armas e componentes com maior que sejam mais

efetivas que as dos outros países. Portanto, o Complexo Industrial Militar, é o representante material, em último caso, dos efeitos da competição criada pela guerra. O objetivo da segurança nacional cria uma facilidade maior em relação ao direcionamento de verbas para o setor da indústria militar. Segundo Medeiros e Trebat,

Since one of the main goals of Soviet and American military planners was to push the limits of what was technically feasible, the demand for new techniques, products, and ideas in the military-related sectors was high even when uncertainty existed as to whether they would generate useful advances. (TREBAT; MEDEIROS, 2014, Pg.306)

A relação entre os setores civil e militar foi colocado como prioridade pelos chineses. Para que isso se tornasse realidade, as empresas do setor militar passaram as técnicas absorvidas para as empresas civis. Essa nova abordagem possibilitou, às empresas chinesas, maior flexibilidade para encontrar financiamento e poder comercializar sua produção. A mudança principal foi feita na integração desses setores buscando trazer a conexão entre os militares os civis e os centros de pesquisa. A maior liberdade de promover conexões aumentou a eficiência da indústria militar na China. Dentro desse novo paradigma, foi criado o programa 836. Seu objetivo era impulsionar a pesquisa relacionada ao campo da defesa. Seu processo de avaliação é similar ao ao processo da agência DARPA, que consiste em promover a competição entre os atores do complexo industrial militar.

A rigidez do sistema soviético foi prontamente descartada pelos chineses. A nova formulação da indústria e os novos objetivos da política de desenvolvimento chinesa tinham como propósito dar uma resposta àquilo que estava sendo feito nos Estados Unidos. A busca por maior protagonismo da indústria de alto teor tecnológico elevou o patamar da indústria chinesa. Os desafios geopolíticos que a China tinha em seu horizonte foi de grande influência para repensar sua estratégia desenvolvimentista. Foi a partir da definição objetiva das potencialidades do inimigo e de uma releitura sobre a essência da guerra, que os chineses puderam planejar sua estratégia.

É importante ressaltar que a avaliação estratégica não impediu que o setor civil fosse cada vez mais integrado com os setores acadêmicos e militares. O maior foco, no entanto, era em tecnologias que pudessem ser comercializadas e tivessem aplicações mais práticas.

Embora o sistema de inovação chinês tenha evoluído bastante, ainda não foi o suficiente para chegar perto de países como os Estados Unidos ou países europeus. No caso das tecnologias voltadas para a segurança e defesa nacional, ainda há uma distância a ser percorrida para chegar

à vanguarda. Com isso, esse setor continua importando e reutilizando tecnologia de países mais avançados. Esse fato impõe aos chineses uma maior utilização de produtos de uso dual para fortalecer suas forças armadas (Medeiros; Trebat, 2014).

As tecnologias de uso dual têm capacitado cada vez mais a indústria de defesa chinesa. Com o protagonismo de suas indústrias crescendo no mercado mundial, novas tecnologias são assimiladas pelos militares aumentado, com isso, sua potência e aprofundando a expansão de seu poder para a região de seu interesse imediato. Embora continue atrás dos americanos, japoneses e coreanos, a China tem encurtado a distância em relação às suas capacidades de construir circuitos integrados. O motivo principal do sucesso chinês é a capacidade de planejamento do Estado e suas estratégias que guiam esse processo. A relação entre as empresas privadas e o Estado são construídas de forma a agregar o mais dinâmico dos dois mundos. Essas empresas que são frutos de institutos de pesquisas estatais têm um papel muito importante no desenvolvimento de tecnologias duais. Esse ambiente, portanto, cria maior dinâmica e capacidade de inovação tecnológica na China. O outro aspecto da estratégia chinesa é promover seus produtos e sua estrutura produtiva como centro nas cadeias globais de valor. Esse processo tem como consequência o efeito de “spin-on” em que as tecnologias concebidas para o mercado privado acabam tendo aplicações militares.

Para os autores, a China construiu um complexo industrial militar que vem paulatinamente, diminuindo a diferença tecnológica para os demais países desenvolvidos. A variável responsável por isso é a atuação mais intensa do Estado nesse complexo. Sua presença cria um ambiente favorável para a integração entre os atores do sistema. Além de incentivar a integração, o Estado atua como garantidor da demanda, comprando e financiando a produção das empresas do setor de defesa.

Através do exemplo dado pelos americanos e pelos chineses mais recentemente, podemos afirmar a importância de se construir um complexo industrial militar. A estrutura desse complexo e sua natureza voltada para a guerra e para a defesa do país trazem maior dinâmica para o setor industrial. Medeiros e Trebat, por sua vez, afirmam que

This discussion merits a brief comment on the role of CMI in technical change. As argued in the Introduction, a certain level of CMI is necessary for diffusion to take place between military and civilian sectors; authorities cannot isolate military enterprises as occurred in the Soviet Union and hope to generate broad technical change. Integration assumes even greater importance in countries such as China that are interested in dual-use technologies and in adapting commercial technologies for military use. (TREBAT; MEDEIROS, 2014, Pg.313)

A orientação para o mercado pode ser uma estratégia que desenvolva novas tecnologias com uso para o setor militar de defesa. Porém, como ressaltam os autores, foi o complexo americano, que não era orientado pelo mercado, que liderou o desenvolvimento de novas tecnologias e quebra de paradigmas científicos (Treat, Medeiros, 2014). Foram, portanto, os desafios criados pela competição no sistema pela hegemonia global a busca estratégica pela assimetria militar que garantiria a defesa do território e capacitaria os americanos a expandir seu poder para o globo a responsável pelo impulso inovador.

CAPÍTULO 2. O COMPLEXO MILITAR INDUSTRIAL: DA CRISE DO MODELO SOVIÉTICO AO COLAPSO DA TRANSIÇÃO PARA O CAPITALISMO.

A regulação da economia soviética não era realizada pelo mercado. Tratava-se de uma economia centralmente planejada onde as prioridades produtivas eram estabelecidas pelo Estado. A alocação dos meios de produção era decidida pelo GOSPLAN³, comitê de planejamento da economia soviética, em função dessas prioridades, que eram na ordem: 1. Investimento, 2. Gasto militar, 3. O consumo pessoal de subsistência (moradia, alimentos, etc), 4. O fornecimento de bens públicos (serviços de bem estar social, educação e saúde, infraestrutura de transporte, bens culturais etc) (mazat e serrano 2013.) No modelo soviético, a diversificação do padrão de consumo da população, que seja através do fornecimento de bens de consumo e de bens de consumo duráveis, não constituía uma prioridade para o regime. Como será mostrado mais adiante, o Complexo Industrial Militar aparece como o setor mais estratégico, tanto em termos de esforço de integração do progresso técnico como em termos de concentração do investimento produtivo. O modelo econômico de planejamento centralizado foi bem-sucedido ao garantir taxas elevadas de crescimento econômico até o início da década de 1970. Desta forma, observa-se na União Soviética, por conta do modelo de planejamento centralizado, uma mudança estrutural aprofundada, com o desenvolvimento de uma indústria diversificada e, em particular, de um Complexo Militar Industrial muito amplo (o maior e mais avançado das nações do pós- guerra, depois dos Estados Unidos, como será analisado mais a frente no capítulo).

2.1 O Modelo Soviético: Algumas considerações sobre seu funcionamento.

Através da centralização das decisões foi possível mudar, não só, a economia como a própria cultura. Nasceu o que alguns chamaram de “Homem Soviético”⁴. A tentativa de criar um novo “Homem” esbarrou em certas dificuldades estruturais e históricas que impediram a realização

³ Para maiores detalhes sobre o funcionamento da economia planejada soviética, ver Allen (2003) para uma análise do início da experiência de planejamento centralizado e Mazat, Serrano, (2013) para uma análise da fase madura (posterior a 1950)

⁴ A escolha foi feita aqui para o uso do termo “Homem soviético” e não do conceito “Homo Soviéticus”. De fato, a expressão Homo Sovieticus”, popularizada por Alexander Zinoviev, tem um forte conteúdo irônico e depreciativo.

de uma revolução cultural completa. Como a mudança de uma economia nos moldes capitalistas para uma economia socialista tinha uma importância central para o projeto soviético, a constituição de um novo entendimento cultural e político também era necessário. Lenina Pomeranz em seu livro, *Do socialismo Soviético ao Capitalismo Russo* (2018), descreve quatro características dessa nova identidade soviética.

Em primeiro lugar, o sentimento desse novo personagem em relação aos outros, era de superioridade, principalmente superioridade moral. Para atingir tal feito, foi implementado um novo sistema de valores através da educação pública. A segunda característica a centralidade que o Estado tem para a construção dessa identidade. Lenina Pomeranz descreve como,

“[...] o senso de Estado era de uma superinstituição englobando tudo, universal tanto em suas funções como em sua atividade. ” Esses fatores moldavam as experiências e vontades desses cidadãos em conjunto com as mudanças econômicas necessárias para a construção do socialismo. (POMERANZ, Lenina. 2018, Pg. 97)

Em terceiro lugar, o “Homem Soviético” aceitava alguma forma de hierarquia complexa. Sua ideia de igualdade não excluía a hierarquização da sociedade. Embora pareça conflitante, essa característica demonstra que houve uma assimilação da importância do Estado no planejamento das sociedade e economia soviética. Aceitava-se uma estrutura hierárquica de acordo com os cargos e privilégios que esses cargos ensejavam. Em quarto lugar, Lenina apresenta uma característica herdada da identidade nacional russa. A organização do estado em seu sentido imperial era uma característica muito forte dos russos que foi passada para os soviéticos. Pelo caráter multinacional, a integração dessas novas nacionalidades à nova identidade soviética ficou prejudicada já que a “russificação” do alto escalão soviético era uma política implementada desde o começo da revolução.

A formação desse novo estilo de vida contrastava com a visão de mundo ocidental. Em uma conjuntura de Guerra fria, os valores de uma nova identidade foram cristalizados dando mais coerência social. O caminho para uma economia socialista passavam pela construção de uma nova forma de viver. Apresentar essa nova identidade se torna importante em vista dos grandes desafios que foram colocados para a realização de uma experiência única em termos econômicos e sociais. Lenina conduz sua crítica de forma a alertar sobre a diferença desse novo Homem que surge da mudança de visão de mundo.

A nova formação teve maior impacto no pós-guerra quando as velhas autoridades e heróis da revolução estavam saindo de cena. Já nesse momento é possível identificar as raízes dos problemas que culminarão no desmantelamento da União soviética em 91. Pomeranz identifica que

“Com efeito, após o processo vitorioso de reconstrução do país depois do fim da Segunda Guerra Mundial e, após a morte de Stálin, sucederam-se as crises na liderança política e a burocratização crescente da administração estatal. Com isso, tornaram-se inoperantes as tentativas de reforma econômica e houve um isolamento gradativo do cidadão soviético dos organismos estatais, conseqüentemente também dos organismos partidários.” (POMERANZ, Lenina. 2018, Pg. 99)

O funcionamento da economia soviética era caracterizado por uma regulação inteiramente realizada pelas autoridades de planejamento central. Todas as decisões tomadas sobre a alocação dos recursos produtivos obedeciam às prioridades estipuladas pelo Estado soviético. Seguindo a interpretação de Serrano e Mazat (2013) identificam-se características estruturais de funcionamento do modelo econômico soviético que permanecem inalteradas até o início da década de 70.

Para compreender melhor as mudanças ocorridas, utilizou-se a divisão da economia soviética e russa do texto de Serrano e Mazat (2013). Essa formulação encontra paralelos nos textos de Lenina Pomeranz (2018) e Philip Hanson (2003). Quando o modelo econômico soviético atingiu sua maturidade, do pós-guerra até meados da década de 70, é possível qualificar ele como uma economia de comando associada a um padrão de acumulação de capital extensivo. O modelo econômico soviético era caracterizado por uma série de elementos associados. Havia propriedade estatal do aparelho produtivo (inclusive as terras cultivadas). A produção era orientada para o valor de uso e não para o valor de troca. O sistema de preço era administrado pelo GOSPLAN. A produção, realizada em grande escala, era extremamente padronizada, e seguindo os princípios organizacionais do *Taylorismo*. As empresas soviéticas tinham uma organização interna vertical orientada pelo cumprimento dos objetivos quantitativos estabelecidos pelos planejadores centrais. A garantia do pleno emprego era inscrita na constituição da URSS, e era associada a uma forte disciplina, garantida pelo sistema coercitivo. O sistema soviético tendia para uma baixíssima desigualdade na distribuição de renda. A inserção comercial da URSS era caracterizada por uma quase autarquia em relação às economias capitalistas, sendo que o esforço comercial era concentrado no intercâmbio benevolente com os países satélites do CAEM (COMECON).

O modelo de acumulação extensiva era associado a um uso do excedente para realizar investimentos no setor produtivo (em particular nas indústrias pesadas e de bens de capital) e no setor bélico. Havia uma ênfase na transformação estrutural da economia através da transferência de mão de obra do setor agrícola para os setores econômicos urbanos e, em particular, a indústria. Desta forma, era garantido o aumento da produtividade da economia no geral, além de taxas elevadas de crescimento da produção industrial. A grande abundância de recursos naturais com baixos custos (GAIDAR, 2007) de exploração associada a um grande reservatório de mão de obra nas atividades agrícolas, garantiram que o modelo de acumulação extensiva fosse capaz de oferecer um rápido crescimento do produto e do PIB per capita. Nesse período, o limite para o crescimento econômico era a capacidade de investimento. A economia soviética entraria numa fase de estagnação na década de 70 e de crise durante a *Perestroika*., passando por dificuldades nas décadas seguintes. Os ciclos de crescimento econômico foram chegando ao fim e deixando expostos os problemas estruturais que impediam retomar um crescimento robusto da economia soviética.

2.2 Considerações sobre a geopolítica soviética durante a Guerra Fria.

Pensar a Rússia, por mais complexo que seja o tópico, implica conhecer sua história pregressa. A dificuldade que o país líder da União Soviética enfrentava no seu território em relação às tentativas de reestruturar sua economia era acompanhada de desafios geopolíticos. Durante grande parte de sua existência, a Rússia teve seu território invadido por inimigos em todas as suas frentes. A formação territorial russa traz elementos que são simultaneamente, positivos e negativos. Sua grande extensão, por exemplo, dificulta a defesa do seu próprio território que, não obstante, faz fronteira com quatorze países⁵. O lado positivo está nos recursos naturais que este país possui em razão de sua extensão. Esses recursos naturais possibilitaram um avanço no desenvolvimento econômico no final do século XIX.

As invasões ao território russo moldaram sua cosmovisão. A adaptação cultural fez surgir uma identidade nacional forte e centralizadora com hierarquias rígidas que se mantiveram na União

⁵ São eles: Noruega, Finlândia, Estônia, Letônia, Bielorrússia, Lituânia, Polônia, Ucrânia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, China, Mongólia e Coreia do Norte. Esses países contabilizam 19 mil quilômetros de fronteiras.

Soviética. Uma das características criadas pela instabilidade das fronteiras e das invasões foi uma crescente necessidade de autopreservação e uma busca incessante por segurança. Assim sendo, a União Soviética herdou essas identidades e interpretações sobre segurança dos russos. Ken Booth (1984) acredita que se criou uma “paranoia” em torno da questão.

Em última instância, os russos tiveram vantagem numérica. Seus inimigos, principalmente da Europa, eram mais avançados tecnologicamente do que os próprios russos. Booth (1984, Pg. 219), por sua vez, corrobora deixando claro que “*Objective and subjective requirements have dictated massive military manpower and equipment*”. A ideologia da revolução foi algo novo no mundo naquele momento. Colocar em prática um modelo socialista teve suas dificuldades, principalmente econômicas, mas as questões de segurança e defesa se impuseram de forma objetiva. Havia a necessidade de modernizar e industrializar a União Soviética para enfrentar os futuros desafios.

A percepção que havia um atraso relativo em questão de novos armamentos foi crucial para a mudança de paradigma nas forças armadas soviéticas. O fim da Guerra Patriótica deixou a impressão do real estado das forças armadas soviéticas e quais seriam os próximos desafios a serem enfrentados. A velocidade do desenvolvimento das forças americanas e as perdas, significativamente, menores durante a guerra qualificaram os Estados Unidos ao patamar de grande potência do sistema e concorrente direto dos soviéticos. Estava nítida a necessidade de impulsionar o desenvolvimento de novas armas com capacidade de fazer frente, principalmente, aos americanos.

As prioridades soviéticas estão ligadas às necessidades da guerra. Durante o trabalho veremos de forma mais clara que a composição hierárquica institucionalizada pelos soviéticos alocava os recursos de acordo com as demandas das forças armadas e suas doutrinas. Um exemplo bem claro é a mudança feita por Khrushchev. A ênfase que se dava às forças terrestres foi modificada. Em seu lugar, as forças nucleares tiveram seu prestígio aumentado assim como seus recursos. Para Booth, a relação entre Khrushchev e os militares era bem estremecida não só pelos cortes nas forças armadas como pela forma que ele conduzia sua política externa.

Esses cortes nas forças terrestres foram um efeito da mudança de doutrina implementada nas forças armadas pela conjuntura internacional, porém, como assinala Booth, Khrushchev tinha claro que os problemas estruturais que a economia soviética passaria nos anos seguintes já vinha dando seus sinais. Assim, Ken Booth (1984, Pg. 223) explica que “*Other forces could be*

reduced, because of their secondary military role and because Manpower and other shortages in the economy placed a premium on cutting labour-intensive services and “metal-eaters”.

Nas décadas seguintes, o desequilíbrio de poder entre as duas superpotências aumentaria em favor dos americanos. A mudança de doutrina que enfatizava a guerra nuclear e, conseqüentemente seus mecanismos, teve conseqüências negativas para a economia russa. Para alcançar o desenvolvimento tecnológico necessário para manter a paridade com os americanos era importante que se investisse em tecnologia e inovação. Aumentar a produtividade e criar um ambiente de inovação com crescente interação entre universidade, forças armadas e mercado consumidor demandava tempo e grandes somas de capital. Enquanto o modelo americano se desenvolvia de forma dinâmica utilizando-se de uma simbiose entre Estado e mercados, o complexo industrial militar soviético mantinha-se rígido em suas premissas.

Passado o período da Segunda Guerra Mundial, russos e americanos disputavam a hegemonia global no que ficou conhecido como Guerra Fria⁶. Segundo o historiador Eric Hobsbawm (2011), a rivalidade entre os dois países tinha um viés mais objetivo. A realidade do conflito era bem diferente do que se propagandeava com as duas superpotências aceitando o “equilíbrio de poder desigual”.

Com o desenvolvimento de suas capacidades militares em níveis proibitivos para um enfrentamento real, o embate migrou para o lado ideológico do conflito. Dessa forma, era importante mostrar ao mundo os benefícios e os avanços materiais que cada sistema poderia prover. O poderio econômico, nesse sentido, se tornou central para manter, de um lado, as guerras nas fímbrias da Eurásia, já que alguns países do sudeste asiático foram “convidados” a se desenvolverem. Países como Japão e Coreia do Sul aliaram-se aos americanos e tiveram facilidades como financiamento externo e abertura de mercados para seus produtos no que seria uma demonstração da superioridade do sistema capitalista.

O conflito entre as duas ideologias era algo novo no cenário geopolítico internacional. As propostas, tanto capitalistas como socialistas, tinham como elemento fundamental a sua universalidade. E durante as primeiras décadas do conflito, foi possível viver de forma

⁶ Para Hobsbawm, a Guerra fria também poderia ter sido considerada como uma terceira Guerra Mundial. Embora não existisse a possibilidade de confronto direto entre as duas nações em vista da grande capacidade destrutiva de seus armamentos, podia-se compreender essa rivalidade como pertencente ao conceito de guerra utilizado por Hobbes. (HOBSBAWN, Eric. 2011, Pg. 224)

relativamente estável. Tanto Hobsbawwn (2011) quanto Brzezinski (1998) concordam enquanto a capacidade destrutiva dos arsenais nucleares de ambos. Esse foi um dos motivos principais para que o equilíbrio entre as duas super-potências, visto no sistema internacional, fosse mantido até o final da década de 70.

No final da década de 1960, a chamada *Ostpolitik*⁷ foi intrpretada como um sinal de uma queda da tensão na Guerra Fria. A aproximação entre os dois blocos durante a década de 1970, conhecida como *Détente*, parece mais um sinal de diminuição do antagonismo da Guerra Fria. Os Estados Unidos, enfraquecidos pela Guerra do Vietnã e pelo fim do padrão Ouro Dólar, adotaram uma atitude mais conciliadora com a União Soviética. A URSS aproveitou a *Détente* e o aumento brutal do preço do petróleo depois da crise de 1973 para mudar radicalmente seu modelo de inserção comercial. As exportações soviéticas de petróleo aumentaram em proporções consideráveis, trazendo as divisas necessárias para financiar importações de alimentos, bens de consumo e tecnologias civis (Mazat & Serrano, 2013; Sanchez-Sibony, 2015). Desta forma, criou-se rapidamente uma grande dependência externa para o fornecimento de bens básicos. Essa estratégia era perigosa porque gerou uma grande vulnerabilidade externa, algo curioso para uma superpotência engajada num conflito como a Guerra Fria.

Quando os Estados Unidos mudaram sua estratégia monetária, financeira, econômica e geopolítica a partir de 1979, o erro estratégico cometido pelos dirigentes soviéticos ficou claro. Os Estados Unidos passaram a utilizar todo o potencial oferecido pelo chamado padrão dólar flexível (Serrano, 2004), simbolizado pela decisão tomada pelo FED (banco central americano) e seu presidente Paul Volker de aumentar consideravelmente a taxa de juros. Da mesma forma, uma estratégia geopolítica muito mais assertiva foi adotada em relação ao bloco socialista e à URSS em particular, como ficou ilustrado através da ingerência no conflito do Afeganistão.

Para tanto, na década de oitenta os americanos se voltam para a tentativa de tomar a dianteira em relação à URSS através de uma nova corrida armamentista. O objetivo era pressionar o orçamento soviético a ponto de que o adversário se rendesse à supremacia militar americana. Para Hobsbawm (2011), não era crível que os americanos tivessem conhecimento sobre as

⁷ Política de aproximação da Alemanha com a União Soviética.

grandes dificuldades estruturais que os soviéticos estavam enfrentando para modernizar sua economia, portanto, não esperavam que a Guerra nas Estrelas fossem fazer ruir a União soviética.

2.3 A Economia Política da Rússia na década de 80: da Perestroika ao desmembramento da URSS.

Os ciclos de crescimento econômico foram chegando ao fim e deixando expostos os problemas estruturais que impediam retomar um crescimento robusto da economia soviética. A segunda metade da década de 70 marcou o fim do ciclo de crescimento extensivo. Com importantes decisões a serem tomadas, os americanos, a partir da década de 80, buscaram promover ativamente o enquadramento de seus aliados e inimigos. Era o momento em que os soviéticos buscavam promover mudanças que os capacitassem a manter o equilíbrio relativo que tinham em relação aos americanos. Como foi dito anteriormente, esse frágil equilíbrio era mantido pelas capacidades que as duas potências tinham em termos de armas nucleares.

A fase de estagnação, no entanto, impedia que se continuasse a manter altos gastos militares sem o aumento da produtividade na indústria. As tentativas de modernizar a economia vinham desde Krushchev, embora não tenham sido exitosas. A razão, segundo Kotz (2007), é que as prioridades não estavam colocadas na melhoria da condição de vida da população. O sistema econômico não suportava a produção de bens de consumo para a população no geral. Os insumos de melhor qualidade eram alocados para as indústrias de alta tecnologia ou estratégicas.

Kotz (2007, Pg. 40) explica que, *“Some enterprises produced their own components and parts, when they could have been more efficiently made by a specialized firm, out of fear that they would be unavailable when needed, or to make sure that inputs would match their specific requirements.”* As reformas anteriores estavam aquém do necessário embora o impacto do crescimento econômico soviético impedisse insatisfações. A Era da Estagnação, no entanto, foi diferente. O modelo de crescimento com ênfase em mão e obra e recursos naturais baratos estava em sua fase de esgotamento.

A extração de recursos naturais, principalmente o petróleo e os minerais valiosos, tinham se estendido de forma a incorporar territórios de difícil produção e menos eficientes que os locais anteriores. O baixo crescimento da economia soviética fica claro tanto nas estimativas oficiais

quanto nas estimativas da CIA. Segundo Kotz (2007), um país sustenta um crescimento acelerado somente quando consegue aumentar sua produtividade do trabalho. O crescimento esperado pelos soviéticos tendia a diminuir, embora não deixasse de crescer, era necessário que reformas que trouxessem um novo ciclo de crescimento da produtividade. É pouco provável, como diz Kotz (2007) que as lideranças soviéticas não estivessem a par da situação e das dificuldades que seriam enfrentadas na próxima década. Sabiam que um crescimento baixo teria consequências sociais negativas, podendo criar insatisfação popular contra o regime. Kotz define quatro pontos que fazem parte do debate sobre o que causou a estagnação econômica soviética no período de 75 a 85. Uma delas versa sobre o orçamento militar soviético e como esse havia causado a estagnação devida a sua grande parcela no investimento do Estado.

O debate sobre o fardo que o investimento militar havia se tornado não aparentava ser verídico para o caso da União Soviética. Os gastos militares estavam em torno de 16%, segundo Kotz (2007), do produto até a década de sessenta quando começou a subir devagar. O acréscimo desses gastos veio, porém, junto do crescimento do próprio PIB soviético. Segundo Kotz, o investimento militar não seria a razão para que a economia soviética tivesse uma queda de rendimento. A queda no rendimento econômico teria sido causada por assuntos internos e não estruturais. Portanto, a estagnação seria o descolamento entre a economia e as instituições soviéticas segundo o autor.

Os planejadores do GOSPLAN não podiam dar conta de uma economia tão sofisticada como a soviética e a centralização não conseguia dinamizar a economia da mesma forma que nos países ocidentais. Os problemas enfrentados pelos planejadores incluíam questões de gargalos e de dificuldades na extração de recursos naturais. O investimento em novas áreas de exploração não era prioridade, enquanto os velhos campos continuavam recebendo grandes somas de investimento que não geravam retorno suficiente.

Por outro lado, não podemos negar que a estrutura econômica soviética foi totalmente montada de acordo com as necessidades de defesa do seu território. Para tanto, foi importante criar um sistema com capacidade de planejamento centralizado. Kotz não considera o fato da economia soviética ser uma economia de comando e, portanto, acredita que as diferentes instituições criaram empecilhos para o desenvolvimento da União Soviética. A mudança necessária, realizada por Gorbachev, foi fruto da mudança de perfil do próprio povo soviético. De acordo com o autor, as mudanças trazidas pelo crescimento econômico e pelo

desenvolvimento social foi o suficiente para mudar as concepções e necessidades dessa nova geração do “Homem Soviético”. Portanto, diz Kotz (2007) que *“The stagnation that set in after 1975 in the Soviet Union was due, not so much to the failures of the Soviet system, but to its successes”*.

Segundo Kotz (2007), os novos cidadãos não aceitariam viver abaixo de um regime ditatorial. Em sua perspectiva, portanto, o grande problema foi o fim de um ciclo de crescimento produzido por indisciplina nas fábricas e, como consequência, os planejadores foram perdendo a capacidade de intervir na produção. Houve, sem dúvida, uma mudança no perfil dos trabalhadores e do próprio processo de desenvolvimento. Enquanto a União Soviética estava começando a se desenvolver a mão de obra era barata e abundante já que as indústrias eram intensivas em trabalho. A urbanização recente ajudou bastante na oferta de mão de obra. Na década de setenta, a realidade era diferente. A Guerra Fria se impunha não só pela via ideológica, mas, também, na luta por mercados internacionais. A ascensão das novas tecnologias de comunicação transformou a indústria em uma operação complexa que trazia consigo novas necessidades de financiamento e qualificação do trabalho.

Esse olhar sobre a economia soviética tem seus percalços. O autor acaba diminuindo a importância dos problemas estruturais que abalavam a capacidade de crescimento dessa economia. Kotz deixa claro que as questões que se inseriam na lógica da Guerra Fria também não tinham grande peso para a desaceleração. A perspectiva de Kotz, embora tenha seu valor, encontra alguns contrapontos importantes que merecem ser observados.

Devemos lembrar que a economia soviética se caracterizava por ser uma economia de comando e, portanto, não observava as leis de mercado. Era importante para os planejadores que aquilo que fosse produzido tivesse de acordo com o que seria consumido. Essa nova forma de administrar uma economia estava baseada na capacidade de alocar os recursos de acordo com essas necessidades sem se preocupar em ter lucros. Nesse caso, a economia soviética estava bem longe de qualquer economia ocidental.

Os preceitos microeconômicos não conseguiam dar conta dos processos que se desenvolviam na União Soviética. O controle total, pelo Estado, abrangia o comércio internacional do país assim como o pleno emprego era um direito constitucional. Os meios de produção eram usados pelo Estado de forma a garantir o aumento da produção e bater as metas que eram colocadas nos planos quinquenais. Para Mazat e Serrano (2013), não havia a intenção que esses fatores seguissem uma lógica de mercado, o que de fato se esperava era que a produção mantivesse

um alto crescimento e pudesse suprir as necessidades dos consumidores, principalmente os militares. Realmente, a economia de comando criou alguns empecilhos para a continuação do crescimento da economia após a fase de acumulação extensiva. Um exemplo citado pelos autores é a incapacidade de transmitir ganhos de eficiência nas linhas de produção em razão da rigidez com que era tratada a questão do emprego nas fábricas (Mazat, Serrano, 2013, Pg. 771).

Uma das características importantes da economia soviética é o fato de ser uma economia de escassez. Em relação às economias capitalistas, o fato de ser comandada de forma rígida e de acordo com os planos do Gosplan acabou levando a economia soviética a funcionar com excesso de demanda por bens de consumo e bens de consumo duráveis permanente (Mazat; Serrano, 2013). Essa característica impedia que se pensasse em aumentar a eficiência da produção, pois o consumo era sempre atendido de forma “satisfatória” pela oferta.

O Gosplan teve fundamental atuação na construção da economia soviética. As prioridades elencadas por essa instituição tinham como cenário as dificuldades enfrentadas pelos soviéticos na esfera internacional. Com era vulnerável, a União Soviética vivia imersa em um dilema de segurança. Suas prioridades passaram a estar ligadas a defesa de seu território e a construção de sua capacidade dissuasória. Assim, as necessidades básicas da população foram subordinadas aos imperativos do Estado.

Simon Clarke (2007) entendia que o sistema soviético tinha suas contradições e que uma delas estava na subordinação das necessidades do povo aos desígnios da defesa do país. Essa contradição gerou uma grande diferença entre o que se esperava de uma economia socialista e a realidade da estrutura que se montou. Clarke explica que não existia uma sintonia entre o sistema de acúmulo do excedente e o sistema de produção. Essa contradição levou à exploração dos trabalhadores nos moldes capitalistas, enquanto isso, a força de trabalho que realmente produzia já não era tão disciplinada como antes. Enquanto se mostrava necessário aumentar a produção para manter o consumo das famílias e a produção de armas em razão da corrida armamentista, havia o que Clarke definiu como:

The central planning agencies sought to maximise the surplus in their negotiations with ministries and departments, enterprises and organisations over the allocation of resources and determination of production plans. However, the enterprises and organisations which were the units of production had an interest in minimising the surplus by inflating the resources allocated to them and reducing their planned output targets. (CLARKE, S. 2007. Pg. 12)

O sistema soviético se desenvolveu a partir de uma perspectiva de que estaria sempre em guerra. As relações de produção espelharam essa característica e transformaram o Estado no agente que mais se beneficia da acumulação do excedente econômico. Em razão disso, a produção na União Soviética tinha priorizado os bens que serviam diretamente ao Estado. Não havia a intenção de fazer com que o produto interno crescesse, então, essencialmente, o sistema soviético se transformou em um sistema não monetário. Como o interesse era manter o aumento da produção desses bens, o Estado soviético construiu um imenso complexo militar industrial. (Clarke, 2007).

2.4 O Complexo Militar Industrial Soviético.

Respondendo às necessidades geopolíticas, o Complexo Militar Industrial soviético se caracterizou por acompanhar e até superar, em alguns aspectos, os avanços tecnológicos de seu rival americano. Como nos aponta Clarke (2007), o peso do aparato militar soviético é uma especificidade da economia soviética. A militarização da economia soviética foi o pilar das relações de produção, como vimos acima, além de terem um papel importante no incentivo ao desenvolvimento de novas tecnologias. O complexo industrial militar soviético foi estruturado ao redor de várias outras instituições, nas quais as principais eram as instituições de ensino que formavam com as indústrias de armamentos e laboratórios de pesquisas, esse complexo.

O Complexo Industrial Militar soviético, foi o ponto central do desenvolvimento desse país. Não obstante, tinha a preferência em relação aos outros setores para aquisição de recursos naturais, de mão de obra e de cientistas. Os setores que produziam bens de consumo se subordinavam aos planejadores centrais que aceitavam uma alta ineficiência em troca de uma rápida conversibilidade em caso de guerra (sistema de produção dual). Por maiores que fossem os investimentos públicos e os grandes feitos da ciência soviética, as indústrias tinham uma grande dificuldade de implementar as inovações no sistema produtivo. Duas são as perspectivas que explicam esses atrasos em relação aos outros países. Mazat e Serrano (2013) apontam que as relações entre os componentes do complexo industrial militar eram pouco dinâmicas, em parte pela sua própria estrutura organizacional.

Essa estrutura de organização do complexo soviético apontava para um distanciamento entre as partes. Os institutos de pesquisa pouco se relacionavam com a academia. Em razão da falta

de troca de informações, o CIM soviético não era tão dinâmico quanto o americano. O sistema de inovação tem como trunfo exatamente o que os soviéticos imaginavam ser um problema de segurança nacional. Em razão disso, as inovações seguiam caminho direto para a indústria de armamentos e não alcançam novas utilidades. A militarização da economia soviética acabou se tornando, de fato, um fardo. Embora o conhecimento científico soviético estivesse na vanguarda em relação à energia nuclear e aviação civil, a rigidez da militarização excessiva na economia impedia que outras áreas da economia recebessem o incentivo necessário. O objetivo era manter o crescimento absoluto da produção e não do produto interno de forma abstrata como aponta Clarke (2007). A falta de investimentos na modernização das fábricas, incorporando novas tecnologias da informação e maquinário mais eficiente, acarretou problemas estruturais para a União Soviética.

Mazat e Serrano (2013), complementam apontando que a participação exagerada do Complexo Industrial Militar no Produto Material Bruto causou uma redistribuição da produção no território russo. Em vista de questões geopolíticas, a dispersão das fábricas foi a forma que encontraram para melhor defender a indústria.

Mazat e Serrano (2013) demonstram que a partir dessa concepção político/econômica - a militarização total da economia à espera da próxima guerra - passou a existir uma militarização do lado da oferta. O medo de uma nova guerra impôs que se administrasse a economia de forma a beneficiar a produção militar. Erickson (1979) esclarece o porquê dessa escolha quando analisa a importância da doutrina e os resultados em campo. A doutrina militar⁸ é a base teórica que servirá como um norte para as pretensões da indústria.

O que se produzirá no país em relação à defesa e segurança devem ter a doutrina militar como base intelectual. O que se discute, no entanto, é a garantia de provisionamento das forças armadas pela indústria nacional. Em caso de guerra, obviamente, a importação de armamentos pode ser prejudicada pelo corte das rotas marítimas ou recusa de um fornecedor em exportar. Portanto, uma indústria capaz de municiar as forças armadas era condição necessária para os líderes soviéticos. A relação da doutrina como base intelectual para o desenvolvimento da indústria militar é uma relação de interdependência. Essa relação se estrutura dessa maneira

⁸ Doutrina militar é, segundo Erickson, “o sistema aceito, fundamentado por argumentos científicos, de visões sobre a natureza da guerra moderna e o uso das forças armadas nessas guerras”.

para Erickson (1979) em razão dos três pilares fundamentais para entender a militarização da economia soviética que são: Doutrina, Tecnologia e “Estilo”.

A tecnologia que se refere o autor é aquela que se usa dentro da doutrina militar e que impulsiona as forças armadas na guerra, tendo um olhar voltado tanto para a quantidade quanto para a qualidade. O “Estilo” a que se refere o autor é como age o soldado em termos de eficiência e desempenho. Esses pilares devem ser vistos, dentro de uma análise mais elaborada, de forma entrelaçada. A organização dessa estrutura pode parecer hierarquizada em que um desses pontos puxa necessariamente o outro, porém o que vemos é que todos os pilares devem estar em sintonia para que o sistema funcione de forma eficiente. Não se pode esquecer que a doutrina necessita de base material para existir e, portanto, deve se ter uma economia capaz de abastecer as forças armadas com bens de qualidade e na quantidade necessária.

Mazat e Serrano, por sua vez, identificam um efeito negativo da excessiva militarização da produção. A influência da comissão militar industrial teve um peso muito grande dentro da estrutura de comando da União Soviética. Segundo os autores, “[...] *as máquinas e ferramentas usadas na indústria soviética tendiam a ser de uso geral para permitir que, em caso de guerra ou de forte ameaça de conflito, a produção civil pudesse ser substituída pela produção de armas e equipamentos militares.*” (Mazat, Serrano, 2013 Pg. 363)

Holloway (1984) descreve a importância da concepção de guerra, ou doutrina militar, que impulsionou a indústria e a produção de armamentos. Enquanto os países desenvolvidos tinham como concepção tática pequenas forças altamente mecanizadas, os soviéticos entendiam ser capazes de manter a superioridade numérica conjugando esse fator com máquinas que possibilitariam o exército soviético penetrar além das fronteiras de seus inimigos. Segundo Holloway:

The main idea was that modern armaments made it possible to strike the enemy not only in his front line, but simultaneously in the whole depth of his order of battle. The enemy could be prevented from bringing up his reserves and stopping the breakthrough. This new operational concept tried to embody the qualities of manoeuvre and offensive that were said to spring from the class character of the Red Army. (HOLLOWAY, D. 1984, Pg. 8)

É importante reconhecer que os problemas econômicos soviéticos têm múltiplas frentes. As primeiras são tipicamente econômicas e, portanto, mais estruturais. Os problemas climáticos que dificultam o desenvolvimento da agricultura e a crônica falta de mão de obra que impede o aumento da produtividade dentro das indústrias. Há, no entanto, questões relacionadas à

política e a defesa do país. Esses desafios geopolíticos influenciaram na a organização da estrutura de planejamento e na relação dessas com a produção na União Soviética. O GOSPLAN, enquanto organizador da economia, tinha que coordenar com outros órgãos que planejavam outros segmentos da sociedade.

Doravante, as políticas públicas são de responsabilidade do *Politburo*, nesse órgão se concebem as linhas mais gerais da política soviética. As políticas especializadas em defesa ficavam à cargo do concelho de defesa⁹. Esse concelho, segundo a constituição de 1977, é um órgão de Estado e não do partido, segundo Holloway (1984). Em sequência temos outros órgãos que administram outras partes da defesa do país. O Secretariado do Comitê Central se divide em três partes. São elas a Administração Política Central que cuida da “moral” e do estado político das forças armadas. O Departamento de Órgãos administrativos que cuida dos problemas com pessoal e o Departamento de Indústria de Defesa. Esse último lida com as responsabilidades da produção de armamentos para as forças armadas.

Muitos desses órgãos são comandados por militares de carreira em razão de serem especialistas na área. Por último, o Concelho de Ministros se encarrega do planejamento e da administração da pesquisa e desenvolvimento da produção militar. Segundo Holloway (1984), essa comissão não atrapalha em nada o trabalho do Gosplan. Enquanto o Gosplan possui um departamento específico para lidar com assuntos militares, o concelho parte de trabalhos mais gerais. A preocupação está nos grandes planos nacionais que servirão como pilar teórico para a indústria. O Gosplan, por sua vez, se encarrega de planejar os detalhes desses planos. Os planos mais abrangentes, de responsabilidade do concelho, buscam renovar as capacidades das forças armadas soviéticas inovando em sua estrutura e pensando na aplicação da doutrina em relação aos materiais disponíveis para produção.

A prioridade dada ao setor militar acabou criando incentivos para que os ministérios, encarregados de setores específicos da indústria militar, se especializassem cada vez mais. Por não confiar nas outras estruturas para fornecer alguns equipamentos e peças, a indústria como um todo era separada por ilhas de *expertise*. David Holloway (1984) resume de forma bem clara as consequências dessa distribuição:

This pattern may show that the defence industry has high priority, it has been given its own supply industries. But it also shows that the priority system is not wholly

⁹ Esse concelho abarca responsabilidades como o desenvolvimento e o aumento da força de combate das forças armadas soviéticas.

effective in ensuring that the other branches supply the defence industry with what it needs – otherwise it would not need its own supply industries. (HOLLOWAY, D. 1984, Pg. 119-120)

O desenvolvimento de novas armas foi, em seu começo, ajudado pelas tecnologias existentes nos países mais avançados. Para tanto, os soviéticos buscavam desenhos relativamente mais eficientes para poder em seguida avançar em cima desses armamentos. Essa política de importação de tecnologia ou de ajuda técnica foi exitosa até o fim da guerra, quando os soviéticos deixam de ser aliados contra a Alemanha nazista e passam a ser os próximos inimigos. A partir desse momento sua capacidade de importar novos desenhos passa pela sua eficiência na espionagem industrial.

Muito se dizia da capacidade soviética de produzir com a mesma qualidade que os seus adversários. Holloway esclarece que o pensamento soviético à época era: *“If Soviet aircraft lagged in quality behind their Western counterparts, this could be compensated for by producing them in quantity: 'to hell with it', said Tupolev, 'we'll take them in quantity'.”* (Holloway, 1984, Pg. 132). Durante a Guerra Fria os investimentos em P&D foram definitivos para a nova dinâmica de acúmulo de poder e riqueza em razão das novas tecnologias necessárias para manter o equilíbrio na balança de poder internacional afinal, novas tecnologias como mísseis balísticos e sistema de defesa aérea estavam sendo produzidos e demandavam investimentos significativos. As estimativas percentuais são muito imprecisas nesse caso. Os números que Holloway apresenta, por exemplo, tem disparidades muito grandes entre eles. De acordo com a CIA, fonte bastante utilizada, o investimento em P&D girava em torno de 20- 25% do orçamento militar e correspondia à 40-50% dos gastos com equipamento militar entre 1967-77.

São números expressivos e sobrevalorizados. Grande parte do problema de analisar a economia soviética vem de sua diferente compilação de dados, isso quando não são omitidos. Os números, portanto, são compilados através de estimativas (Segrillo, 1999). Embora as inovações no setor militar tivessem êxito, não se podia esperar que os ganhos fossem distribuídos em todos os setores da economia. O embate tecnológico entre as duas superpotências elevou o patamar das novas tecnologias que estavam sendo desenvolvidas na segunda metade do século XX, com uma leve superioridade para os americanos. Em princípio, os soviéticos espelhavam o que estava se desenvolvendo nos países capitalistas e principalmente nos Estados Unidos. A capacidade de inovar era muito pequena. As melhorias

que se realizam nas forças armadas não tinham a profundidade tecnológica que se encontrava nos países capitalistas e frequentemente renovavam seu estoque produzindo equipamentos com poucas modificações.

Em todo caso, podemos perceber que a estrutura criada pelos líderes soviéticos é eficiente em coordenar grandes projetos. O que falta é dinâmica suficiente para inovar em termos próprios e não somente espelhar os desenvolvimentos científicos dos outros países. O sistema, portanto, é eficaz em planejar e executar, mas não possui capacidade de inovar além de suas fronteiras. O sistema não é afeito a transferências de tecnologia entre os setores da indústria. A rigidez que o planejamento central produz impede a troca de informações. Essa composição causa dificuldades para inovar (Holloway, 1984).

A doutrina, nesse caso, serve somente como princípio ordenador da ciência militar. Para que a doutrina se desenvolva em termos objetivos, e possa ser executada de forma eficiente, é necessário que a relação entre ela e as capacidades materiais da economia entejam em sintonia. A doutrina só é capaz de atingir aquilo que a economia e a ciência são capazes de produzir, Holloway (1984, Pg. 147) diz que *“Here the interaction of doctrine and technology is stressed, with technology seen as a determining influence on doctrine, and doctrine ascribed a key role as the 'organizing principle' in formulating requirements.”*

A organização do sistema de inovação soviético não abarcava questões que eram fundamentais para o desenvolvimento de novas tecnologias. Em primeiro lugar, os líderes partidários detinham grande influência na escolha dos projetos que seriam financiados e desenvolvidos. As características desses projetos, portanto, agradavam, primeiramente, os desejos da classe política antes de cumprirem requisitos básicos da inovação na indústria. As posições eram formadas de forma mais pragmática e buscavam sempre manter o equilíbrio de poder entre as duas potências. A inovação não tinha apela em vista de como estava estruturado o tecido produtivo soviético. Para desenvolver novas capacidades produtivas era necessário o investimento de blocos de capitais que não estavam disponíveis. Ademais, os problemas estruturais da economia soviética continuavam sem solução à curto prazo.. A reprodução dos mesmos bens de capital e a necessidade de se reorganizar a economia para a guerra cobraram um preço. Era necessário manter as mesmas unidades produtivas sem implementar novas técnicas. Em razão dessas circunstâncias, copiar as tecnologias e importar novas técnicas ocidentais foi a saída, nesse momento, para os soviéticos. Nesse sentido, a importância da competição interestatal influenciava nas decisões sobre a produção de armamentos. Para

Holloway (1984, Pg.149), a pesquisa e desenvolvimento na União Soviética tem um caráter mais “defensivo”. Sua preocupação é que os americanos não os ultrapassem em termos tecnológicos. Para isso, basta que as tecnologias ocidentais sejam copiadas e sirvam de modelo.

Em alguns casos mais específicos, os soviéticos tiveram êxito em ultrapassar ou equilibrar os adversários ocidentais. Os casos mais importantes foram as armas consideradas estratégicas como os Mísseis Balísticos (ABM-ICBM) e a forças estratégicas nucleares. Nesses casos específicos, pode-se perceber que existe uma maior procura por inovação, sendo estimulada pelo competição interestatal, e que essa competição se mostra positiva para a organização interna de uma concorrência entre vários atores. A partir disso, a qualidade dessas novas tecnologias aumenta. O efeito positivo que essa concorrência teve na economia soviética foi de manter um padrão de produção e uma linha contínua de inovação nessas áreas.

Mas, por que a organização do sistema de inovação soviético não funcionou da forma que deveria? É certo que a estrutura montada era bem maior que os sistemas de inovação dos outros países. A grandeza dos números deixa claro que o investimento estava sendo feito como prioridade, embora não estivesse tendo êxito em transformar essa capacidade intelectual em avanços tecnológicos. Loren Graham (2008) descreve a grandeza do setor científico na União Soviética quando o compara ao mesmo setor nos Estados Unidos. As universidades americanas eram um dos pilares do sistema de inovação criado nos Estados Unidos tendo uma participação fundamental a ponto de Medeiros (2004) dar o nome de “Complexo-Industrial-Militar-Acadêmico”.

A União Soviética tinha grandes centros de pesquisa com números altos de pesquisadores. Mesmo dentro desse universo de alta qualidade intelectual, o foco excessivo no setor militar sem perspectiva de inserção no mercado global de forma competitiva. Como foi colocado acima, a preocupação estava em manter o equilíbrio na luta pelo poder no sistema internacional. Não se trata aqui de escolher entre o Estado e o mercado, o que se discute é que, na Economia Política Internacional, não se faz distinção entre a economia e a política. Torna-se imperioso compreender que a luta por posições no mercado global faz parte da rivalidade entre os Estados. Portanto, falhar ao não conseguir competir no mercado mundial com novas tecnologias foi prejudicial, também, aos objetivos de longo prazo dos soviéticos. Graham (2008), analisa a ciência soviética e russa englobando todas as áreas do conhecimento, não somente aqueles direcionados à produção de novas tecnologias militares. O autor reconhece

os feitos dos soviéticos nos campos da física e da matemática embora reconheça a dificuldade que os mesmos tinham em se tornar reconhecidos fora do território soviético.

Para Graham, a divisão deveria ser feita pensando nos setores como se fossem pirâmides. As três “pirâmides” seriam o Sistema Acadêmico, Academia de Ciências e o Sistema ministerial de Indústria e Defesa. Todos esses sistemas eram muito bem administrados e recebiam os melhores recursos, principalmente os melhores pesquisadores. O excessivo peso exercido pelos militares foi um empecilho para a criação de novas conexões entre esses três sistemas. Os erros cometidos na montagem das “pirâmides” estabeleceram o funcionamento de um sistema ineficiente e sem perspectivas de melhoras em vista de sua ligação direta com os objetivos militares (Holloway, 1984; Weickhardt, 1986; Graham, 2008). Outro ponto negativo observado é a falta de ligação entre a pesquisa e o ensino, principalmente nas universidades. Esse ponto negativo gerou consequências para o próprio processo de inovação.

Os problemas experimentados pelos soviéticos eram de difícil solução e a necessidade de reformas era imprescindível. As reformas eram importantes para garantir uma sobrevivência ao modelo soviético que vinha se desgastando e aumentando as ineficiências estruturais da economia, do sistema de inovação e das instituições ligadas ao seu comando. Enquanto o montante de recursos que eram destinados à ciência como um todo era algo impressionante até em relação aos países ricos do ocidente e o Japão, a produtividade dos cientistas soviéticos era bem menor sendo quatro vezes menor que a produtividade dos cientistas americanos (Graham, 2008).

As diferentes atribuições e a alta hierarquização dificultaram a troca de informações entre os pesquisadores além de contribuir para a cisão dentro do corpo de cientistas nas instituições. As formas pleiteadas trazem à tona a divisão da “classe” dos pesquisadores. Essa conjuntura se arrastou por anos dentro da União Soviética resultando em vários debates e diferentes opiniões que abrangiam todo tipo de sistema de inovação e estrutura científica. Muitos queriam manter uma independência dos objetivos do Estado para que tivessem maior status em relação aos outros trabalhadores.

Essa briga era intensificada dentro da própria “classe” dos pesquisadores, pois havia aqueles que estavam dentro das grandes instituições de pesquisa do Estado enquanto os outros não mantinham o mesmo prestígio pois estavam afastados dos grandes centros científicos. Segundo Loren Graham, a persistência desse problema chegou a uma conclusão quando Gorbachev decreta a independência da academia em relação à hierarquia do Estado mantendo, porém, sua

participação no orçamento inalterada (Graham, 2008). Esse decreto seria posteriormente extinto no governo Yeltsin.

Durante a década de oitenta, portanto, os soviéticos estavam em um estágio bem diferente do que seus oponentes ocidentais. Enquanto esses países abraçavam as novas descobertas tecnológicas, principalmente transformando as em produtos acessíveis no mercado, os soviéticos ainda sofriam com a incapacidade de realizar o processo de “Spin-off”. Em grande medida, os problemas econômicos soviéticos eram provenientes da falta de capacidade dinâmica da economia de manter a paridade tecnológica e incorporar essas tecnologias em seu tecido produtivo.

As próprias fábricas soviéticas, pensadas em um momento de alto crescimento com a ajuda de recursos abundantes, se tornaram um peso. As reformas necessárias não surtiam efeito em vista da cultura criada e da forte hierarquização dentro das fábricas. Não eram assimiladas novas formas de produção que viessem a aumentar a eficiência dessas fábricas. Nesses casos, empresas que forneciam para os militares detinham maiores facilidades, além de pagarem maiores salários para seus trabalhadores. Esses casos de diversificação dos trabalhadores entre a indústria civil e a militar criou dificuldades na hora da modernização dos meios de produção. Havia, por parte dos trabalhadores, uma resistência na reforma de suas carreiras.

A qualidade dos produtos para o mercado consumidor também sofreu com a estrutura militarizada da economia. Como eram feitos dentro de fábricas que seguiam parâmetros ligados à indústria militar, bens de melhor qualidade eram direcionados para as forças armadas. Portanto, as fábricas deviam produzir de forma padronizada em todo território e não se tinha o objetivo de criar de ter uma produção eficiente, os bens produzidos com padrões militares teriam utilidade na guerra. Uma indústria com pouca diversidade e pouco eficiente foi o que se construiu na União Soviética. Grande parte desses problemas se revelariam na segunda metade da década de 70, quando as taxas de crescimento econômico da URSS começaram a cair significativamente, levando a uma fase de estagnação econômica que durou até meados dos anos 80, quando o sistema entrou em crise.

2.5 A estagnação e a crise do modelo econômico soviético.

Até meados dos anos 70, a economia soviética tinha um padrão de acumulação extensivo. Foi possível manter o crescimento da economia em vista das possibilidades que a estrutura

produtiva ainda mantinha, como, por exemplo, mão de obra barata e aumento do investimento em novas plantas fabris. Segundo Mazat e Serrano (2013), a crescente mecanização da agricultura e o aumento do investimento em novas fábricas aumentou a produtividade do trabalho. Os avanços nessa época de crescimento vertiginoso foram altamente positivos para a população como um todo. Muito desse progresso só pode ser distribuído em razão da própria estrutura de comando na União Soviética. Alguns indicies citados por (Mazat e Serrano 2013, Pg. 784) dão a ideia de quanto se avançou em relação à condição de vida da população no Pós-Guerra. Enquanto a Europa se reconstruía, a União Soviética se desenvolvia erradicando o analfabetismo e aumentando as condições físicas da sua população.

Houve tentativas de mudança do regime de acumulação extensiva para uma forma mais intensiva, mas, elas fracassaram. Havia em curso uma mudança na composição urbana do país. Em razão da necessidade de aumentar a produtividade da sua mão de obra, a mudança do campo para a cidade foi incentivada. A agricultura, nesse momento, recebeu grandes somas de investimento em mecanização e química de fertilizantes liberando maior mão de obra para cidade. Para manter, no entanto, essas pessoas na cidade era necessário criar infraestrutura social e criar empregos. A estrutura social soviética nesse ponto, estava se tornando rígida em relação as suas metas.

Em um segundo momento, o período de acumulação extensiva foi dando claros sinais de que estava se esgotando. O PIB *per capita* da União Soviética passou a crescer apenas 0,2% no período de estagnação. (Mazat e Serrano, 2013). Esse ciclo de queda foi responsável pela tentativa de restaurar a produtividade soviética e culminou nas reformas da *Perestroika* e *Glasnost*. A característica dessa nova fase de acumulação da economia soviética era buscar maior qualidade dos produtos ao invés de somente aumentar a capacidade de produção da economia como um todo. Para tanto era imprescindível que o investimento estivesse mais ligado à inovação no sistema produtivo. O caminho a ser percorrido era o de incorporar as novas tecnologias da informação que podiam aumentar a produtividade do trabalho nas indústrias. Mazat e Serrano apontam que:

Nas novas condições de escassez de mão de obra, aumentos ulteriores do investimento não gerariam expansão considerável do produto sem um aumento paralelo na produtividade do trabalho. Nessas condições, o crescimento da economia teria que ser mais lento, pois dependeria da aceleração do crescimento da produtividade do trabalho a partir da

A principal causa da estagnação econômica, portanto, tem a ver com o sucesso que a fase anterior teve com altas taxas de crescimento e partindo de recursos abundantes e baratos, principalmente a mão de obra. Com o esgotamento desses recursos, o encarecimento através do fim da possibilidade de liberar mão de obra no campo para a cidade, os investimentos mudaram de natureza. O que se pretendia agora era investir em alta tecnologia que pudesse elevar a produtividade dos trabalhadores a níveis internacionais. O problema era incorporar essas novas tecnologias sem condições plenas de importar em vista das restrições ao comércio internacional pela falta estrutural de moeda forte, a saber, o Dólar. A agricultura, portanto, foi o que impediu a continuidade dessa fase. Por ter grande território, era de se imaginar que a União Soviética tivesse uma grande capacidade de produção no campo.

O problema é que seu território não é próprio para o cultivo. Apenas algumas partes têm solos férteis o suficiente enquanto outras regiões sofrem com os extremos climáticos. O aumento do investimento no campo não surtiu o efeito que os planejadores desejavam, assim como o aumento do uso de fertilizantes que acabou inutilizando parte das terras férteis. Segundo Mazat e Serrano (2013), *“a tentativa de contornar essas dificuldades com investimentos cada vez maiores encontrou seus limites nesse período”*.

A indústria soviética, não obstante, sofreu também com a crescente indisciplina dentro das fábricas. Essa indisciplina dificultou cada vez mais a tentativa de aumentar a produtividade do trabalho. Enquanto nos anos pós-revolução a disciplina no trabalho era mantida através das leis e coerção, com a morte de Stalin e o conseqüente relaxamento do regime, os trabalhadores eram cada vez menos produtivos. Isso ajudou na queda da produtividade e na conseqüente falta de mão de obra para a indústria. A conjuntura construída por esses problemas estruturais da economia soviética foram se alastrando de forma a impedir, mesmo com reformas, o salto para a fase de acumulação intensiva. Com a crescente insubordinação dos trabalhadores soviéticos, o investimento em máquinas mais modernas e mais eficientes perderam seu propósito. O pensamento dos planejadores, que buscavam antes de tudo, aumentar o capital produtivo, impedia que o esforço de renovação das máquinas fosse realizado. Imperava, ainda, a necessidade de se produzir bens que pudessem ser utilizados no esforço da guerra e, portanto,

a produção deveria ser padronizada e, conseqüentemente, esse modelo reproduzia as ineficiências. De acordo com os autores:

Além de seu efeito negativo sobre a difusão das inovações tecnológicas, a militarização da economia era um fardo para uma economia restrita pela oferta. A *détente* e a *Ostpolitik* no início dos anos 1970 pareciam assinalar um relaxamento das tensões da Guerra Fria, mas a situação começou a piorar a partir da renúncia de Nixon, em 1974, e se agravou no final da década, depois do início da Guerra do Afeganistão, recrudescendo depois da chegada ao poder de Ronald Reagan nos Estados Unidos, em 1981. (Mazat, Serrano, 2013, Pg. 801)

O atraso em relação aos países capitalistas era considerável em todos os sentidos, embora o econômico fosse o principal. Os líderes da revolução sabiam da necessidade de diminuir o hiato tecnológico. A única maneira que isso poderia ser feito era desenvolvendo uma capacidade produtiva que suplantasse os países inimigos.

Ellman (2014), conceitua a economia soviética como sendo uma “Estrutura Militarizada”. Portanto, crê o autor, não há grandes possibilidades de se ter uma mudança estrutural que seja exitosa em liberar os recursos necessários para a indústria civil assim como a incorporação de certos mecanismos de mercado também não teriam o efeito esperado. As reformas econômicas eram vistas como necessárias por aqueles que estavam diretamente ligados aos órgãos de planejamento do Estado. Ficava cada vez mais claro que a economia vinha se desacelerando e que os investimentos feitos durante as últimas décadas não surtiam efeitos. Nesse caso, o crescimento dos investimentos na agricultura foram um grande fracasso. (Mazat, Serrano, 2013)

Outro problema a ser resolvido pelos soviéticos era a estrutura de seu comércio exterior que era predominantemente baseada em recursos energéticos como petróleo e gás. A reforma da economia soviética viria em meados da década de oitenta. A *Perestroika*, junto a *Glasnost*, foram medidas tomadas com o objetivo de dar maior flexibilidade econômica à União Soviética.

Outras tentativas haviam sido feitas anteriormente para tentar reformar a estrutura econômica soviética. A primeira foi chamada de reforma Kosygin. Essa reforma tinha como objetivo introduzir alguns elementos de uma economia de mercado. Para introduzir o mercado era necessário criar um ambiente com certa liberdade de troca entre os atores dessa economia. Para isso foi pensado uma flexibilização do comércio de bens entre as empresas. Essas poderiam comprar e vender sem autorização do órgão competente. O problema era, portanto, a alocação dos recursos de forma ineficiente. Segundo Ellman (2014) os pontos mais importantes da

reforma foram revogados logo em seguida. Os motivos faziam parte dos problemas que eram enfrentados pelos soviéticos no sentido de manter a liderança do processo revolucionário.

Não havia, no momento, a capacidade de se implementar os modelos de mercado, pois novos problemas na alocação de recursos poderiam prejudicar mais ainda a economia soviética. O modelo soviético vigente até esse momento depende da transmissão de informações e previsões das próprias empresas. Essas previsões sobre a produção do ano seguinte passavam pelo crivo dos órgãos competentes. O problema estaria na incapacidade de se alocar recursos de forma eficiente no sistema sem a configuração do planejamento dos ministérios. Assim sendo, foi uma tentativa que falhou, embora bem intencionada.

Os consumidores eram os mais afetados pela estrutura de distribuição de bens. Eles eram o ponto final da distribuição e, portanto, não eram o foco do planejamento soviético. O caso das empresas, no entanto, era tão pior quanto. Em vista da rigidez característica da estrutura produtiva, as empresas eram obrigadas a manter quantidades abundantes de insumos. Para alcançar os objetivos dos planos era necessário não depender das outras empresas, ligadas aos outros ministérios, para o fornecimento de insumos básicos. Assim, a divisão do trabalho que poderia trazer maior produtividade para indústria soviética não era incentivada. Kotz; Weir (2007), Ellman (2014) e Nove (1987) consideram essa fase da economia soviética como sendo esclarecedora quanto as suas reais capacidades de enfrentar as economias ocidentais. Essa conjuntura, do final dos anos sessenta meados dos setenta, culmina com uma nova tentativa de se reorganizar a produção.

Os autores, embora claros no diagnóstico dos problemas, permitem pensar que pode se reformar o sistema. Ao incorporar essa questão no raciocínio deve-se compreender a conjuntura internacional. A mudança do padrão de acumulação dos países ricos ocidentais não foi acompanhada pela União Soviética. Quando chegou na sua fase de acumulação intensiva, no começo da década de oitenta, os americanos, principalmente, já estavam muito avançados em relação aos outros países e dificilmente seriam alcançados. Os acontecimentos da década de setenta foram essenciais para a mudança da estratégia de acumulo de poder americano.

Com a ruptura dos acordos de Bretton Woods, o dólar passou a ser a moeda internacional sem estar atrelada ao ouro. Em consequência disso, as possibilidades abertas por um balanço de pagamentos sem restrições ajudaram os americanos na hora de impulsionar a retomada de sua hegemonia. Os planejadores centrais buscavam, no entanto, manter o equilíbrio entre as potências. Não acreditavam ser necessária uma mudança estrutural no sentido de flexibilizar

alguns setores da economia. Por mais que se desenvolvesse na União Soviética algum modelo mais flexível de planejamento centralizado, a liderança tecnológica e, principalmente financeira, era americana. O enquadramento dos aliados e dos adversários americanos durante as décadas de setenta e oitenta foram um exemplo claro que não haveria concorrência pela hegemonia mundial e que essa pertencia aos americanos.

Nove (1990), esclarece a importância do complexo industrial militar soviético para a manutenção do modelo de planejamento central. Para o autor, o setor, de fato, é o que mais se beneficia desse planejamento e, portanto, gera uma reação contrária à reforma. Diz Alec Nove que: *“Firstly, the arms industry is evidently a sector which benefits from central planning, and secondly, the military are beneficiaries of centrally imposed priorities, which are of particularly vital importance when the economy as a whole suffers from chronic shortages”*. (NOVE, 1990, Pg. 350)

A necessidade de se reformar o sistema era clara, embora as dificuldades fossem grandes. A morte de Brezhnev deu lugar a uma sucessão de líderes no partido. Foram 28 meses antes que Gorbachev chegasse ao poder. Entre 82 e 85, no entanto, muito foi discutido em relação aos rumos que a economia vinha tomando. Os debates se tornaram intensos e menos centralizados. O que se buscava, no entanto, era a reestruturação do modelo soviético. O mesmo modelo que foi decisivo nos anos vinte e trinta já não funcionava mais e a cada plano quinquenal essa percepção se consolidava.

Buscava-se a reestruturação ou *Perestroika*. Mikhail Gorbachev ascende após as mortes de Yuri Andropov no dia 9 de fevereiro de 1984 e Kostantin Chernenko, seu sucessor, em 10 de março de 1985. Os dois eram membros mais antigos do partido e representavam uma continuidade das políticas de Leonid Brezhnev. Philip Hanson afirma que; *“At this point the remaining septuagenarians in the politburo must have concluded that resistance was useless.”* Gorbachev, portanto, representava o primeiro passo para uma mudança substancial. As próprias lideranças políticas estavam sendo trocadas por lideranças mais jovens. O aperto sobre as relações de produção foram parte das políticas implementadas pelos antecessores de Gorbachev. Em um momento que a massa trabalhadora se via cada vez mais vulnerável, medidas disciplinares aumentavam a insatisfação e não solucionavam o problema da pouca produtividade dos trabalhadores. Em um primeiro momento, a política relacionada com a tentativa de melhora da disciplina dos trabalhadores não surtiu efeito. Partiu se, então para tentativas de reformar o funcionamento do sistema através da flexibilização de algumas regras.

Percebendo que não havia lugar para maiores imposições aos trabalhadores, foram implementadas três políticas com efeitos à curto prazo. A adoção de novos modelos, embora experimentais, foi um prenúncio do que seria, substancialmente, a *Perestroika*. A maior autonomia em relação ao governo foi uma medida experimental, enquanto a maior participação dos trabalhadores e a adoção de um sistema de preços não surtiu o mesmo efeito que se esperava, mesmo a curto prazo.

As reformas anteriores à perestroika tiveram diferentes níveis de descentralização. Em última instância, o que se buscava era um equilíbrio em relação à atuação dos mecanismos de mercado e da atuação do Estado na economia. O objetivo era criar um “mercado socialista”. Por outro lado, as reformas podiam ter como objetivo mudar apenas a forma como se administrava a economia de comando soviética. Reestruturar as relações entre a indústria e as instituições que comandavam a economia. Dois eixos estruturam essas reformas. O primeiro é caracterizado por um olhar mais econômico e investe mais no equilíbrio entre o mercado e o Estado. No outro, busca se transformar a relação dos entes produtivos com as instituições que comandam a economia soviética.

As mudanças na economia soviética eram necessárias em vista de sua estagnação durante a década de 70. Gorbachov percebe que a causa do problema era que a economia seguia se desenvolvendo em uma base extensiva. Não havia crescimento da produtividade e de outros indicadores de eficiência. As primeiras medidas tomadas foram rever a importância do investimento na renda nacional. Para tanto, buscou-se aumentar o investimento em ciência e tecnologia com aportes maiores de investimento nesse segmento. Os investimentos produtivos deveriam mudar do setor de construção civil para o de produção de equipamentos. O que criava um desafio maior em vista da necessidade de importações de insumos. Com poucas divisas e com baixo preço do petróleo no mercado mundial, os soviéticos se viram com um problema estrutural de difícil resolução. “ *Quanto mais se avançava na reorganização econômica, mais e mais surgiam problemas não resolvidos, herdados do passado.* ” (POMERANZ, 2018. Pg. 129).

Foi diagnosticado que as mudanças puramente econômicas não seriam suficientes para mudar a trajetória do crescimento da união soviética. Para tanto, seria necessário que uma mudança estrutural e de maior alcance social fosse fomentada. A perestroika, portanto, evoluiu de forma a abarcar duas mudanças de natureza política e duas reformas.

A abertura democrática, ampla e irrestrita na Glasnost, foi a primeira mudança política realizada. Como havia diagnosticado Gorbachov, seria necessário que uma mudança radical nas relações sociais fosse promovida para que as bases da nova economia soviética pudessem ser criadas e funcionar de forma eficiente. A glasnost promoveu uma democratização maior com ampla participação popular. A glasnost buscava ser um complemento à perestroika e, nesse sentido, dar ênfase ao suposto combate da corrupção e dos abusos de poder que eram perpetrados pelas burocracias médias. As censuras e proibições de reunião foram revogadas, assim como a liberdade religiosa foi novamente implementada. Esse processo foi bem-sucedido, no que se refere a democratização do debate sobre as mudanças econômicas que deveriam ser feitas. As brigas internas entre os conservadores e os progressistas do partido foram inflacionadas pela maior liberdade política que se desenhava e que ajudou a revelar as tensões políticas. O caos econômico aumentou as tensões ajudando a desequilibrar a sociedade e criar as condições para a dissolução da URSS.

A primeira mudança foi a descentralização das decisões econômicas. Houve a introdução de mecanismos de alocação dos recursos produtivos seguindo as leis de mercado, mesmo sendo preservado parte do planejamento central. Foi promovido o trabalho individual assim como a possibilidade de contato direto com fornecedores por partes das empresas importadoras e exportadoras. Joint ventures fizeram parte das inovações administrativas promovidas pelo Estado. (POMERANZ, 2018. Pg.139)

As relações entre o Politburo e as forças armadas, no entanto, vinham se destacando de forma negativa. As mudanças radicais, que se propunham a realizar, afetavam diretamente a capacidade das forças armadas de tomarem qualquer iniciativa dentro da nova estrutura que estava se desenhando. Era importante trazer o “mercado” para dentro da experiência do socialismo.

A resistência encontrada por Gorbachev era generalizada dentro das velhas estruturas da economia. O Gosplan se tornou um adversário contumaz do novo líder da União Soviética. A descentralização das decisões econômicas impactava exatamente essa instituição. Gorbachev buscava aumentar o investimento feito pelo Estado em setores que não eram os preferenciais dos militares ou dos planejadores do Gosplan. Era importante que a economia soviética se modernizasse desenvolvendo novas tecnologias ligadas à produção de bens. Portanto, o nível de investimentos deveria ter um aumento na produção de bens de produção.

Gorbachev por sua vez, acreditava ser necessário investir mais em ciência e seu desenvolvimento. A ciência, no entanto, deveria ter seu progresso ligado ao mercado assim como aos objetivos militares. Era necessário que se diminuísse a dependência em relação aos objetivos da guerra permanente. As novas tecnologias teriam que competir nos mercados mundiais com outros concorrentes, portanto era importante que tivessem grande qualidade e fossem eficientes na produção.

O que gerava um impasse com os militares que não avaliavam de forma positiva uma mudança muito profunda na estrutura montada. No regime anterior, o Gosplan tinha como prioridade os investimentos no setor militar visando se defender em caso de uma nova guerra. Os melhores produtos eram produzidos com a intenção de serem utilizados para a construção de armas e o setor civil e de maquinários acabava por receber menor atenção. O que mantinha um grau de renovação dos bens de capital soviéticos eram as importações desses bens dos países ocidentais. Philip Hanson (2003) argumenta que a conjuntura mundial na década de 80 não era propícia para a manutenção das importações de bens de capital, principalmente maquinário, em vista das dificuldades da balança externa soviética.

A Perestroika, por sua vez, teve um grande impacto no modelo soviético. Tanto o modelo produtivo quanto o modelo político sofreram mudanças profundas para que a “restauração” pudesse ser realizada. Os problemas se amontoavam na presidência de Gorbachev e a necessidade de restauração ficava cada vez mais evidente em comparação com os países ocidentais. Nesse sentido, o fardo criado pelo setor militar carregava consigo uma ambiguidade. Grande parte da produção soviética era objetivamente militar. Enquanto isso prejudicava o funcionamento da economia soviética pelos motivos citados nesse capítulo, havia a necessidade de se manter essa estrutura enquanto durasse a Guerra Fria.

A União Soviética não conseguiu se reestruturar dentro de um sistema internacional que se transformou de acordo com as novas tecnologias que apareceram. A revolução tecnológica foi o agente dinamizador dessa nova fase de acumulação de poder. Cada vez mais se buscou uma relação estratégica entre o Estado e o Mercado. Perder a capacidade de inovar e produzir de forma a ser competitivo no mercado internacional teve consequências negativas para a economia soviética no geral e se tornou um obstáculo para a manutenção da União Soviética. Apesar dos problemas estruturais com que a União Soviética convivia, fardo militar, produção da agricultura decrescente, queda do preço do petróleo e falta de mão de obra, o problema maior era de fato a competição com os americanos nos moldes da Guerra Fria. O aumento dos

gastos militares americanos nesse momento era uma forma de pressionar os soviéticos a aumentar seus gastos e não concluir suas reformas. Portanto, se esperava que os soviéticos ou abrissem mão dos gastos militares, aceitando a derrota na Guerra fria ou que mantivessem o nível de gastos que atrapalhava a reforma da economia. (Stone, 2006; Segrillo, 1999)

A necessidade de se separar as forças armadas da tomada de decisão da economia teria outras consequências. Os cortes dentro das forças armadas seria um objetivo do governo Gorbachev para poder concluir as reformas e como princípio estratégico para diminuir a tensão que estava crescendo entre as duas superpotências. Segundo David Stone, Gorbachev se voltava contra os militares na medida em que tentava reformar a economia e sociedade soviéticas. E por isso, buscava mudar alguns conceitos caros como “interesses de classes” por “interesses da humanidade”. (Stone, 2006, Pg. 238)

A relação entre os políticos e os militares se mostrou conflituosa nesses novos tempos. É importante observar que o exército vermelho obedecia totalmente o Partido Comunista da União Soviética. No diagnóstico sobre a economia, os militares tinham um peso superior aos outros setores da economia soviética, e, portanto, seriam os primeiros a sentirem as consequências. O impacto seria sentido não somente em caso de cortes no orçamento e enfraquecimento de seus líderes, mas seria sentido, também, no prestígio das forças armadas soviética, que tinham soldados em território afegão. As brigas políticas dentro do partido impactavam diretamente a capacidade dessas forças cumprirem com sua missão.

Com a diminuição de seu prestígio, as forças armadas se tornaram alvo fácil do descontentamento. O que se buscava, no entanto, era a defesa do *status quo* contra a reformulação das estruturas de poder dentro da União Soviética. O debate que, posteriormente, penderia para os reformadores, buscava inspiração nas dificuldades vividas pelos soviéticos durante as guerras. Outra perspectiva estava na reforma que traria equilíbrio entre as condições econômicas e a capacidade de se manter um aparato militar muito grande. Gorbachev, segundo Dalziel, “*The lesson to be learnt from this was that the USSR must have the right weapons for the right time, and that this could come about only if a sound economic base were established first for the whole of society*”. (DALZIEL, 1990, Pg.156)

Era uma perspectiva bem ousada dentro do que foi a política econômica soviética durante a sua história. Não se tinha nenhuma certeza de que os problemas estruturais seriam resolvidos com a flexibilização do modelo soviético aceitando alguns instrumentos de mercado. A natureza do conflito entre soviéticos e americanos na Guerra Fria era bem diferente do

acontecido nas Guerras Mundiais. O desequilíbrio nas capacidades tecnológicas tinha um efeito exponencial para o conflito. Enquanto fosse mantida a estrutura de poder da velha União Soviética, seria difícil ver a transformação de uma estrutura econômica ineficiente em uma estrutura capaz de competir internacionalmente. Dada a importância de diminuir a presença dos militares foi que Gorbachev quebrava protocolos. Assim, ele afirmava seu poder e prestígio dentro do que seria a nova economia soviética. O partido cresceu dentro do que era área de influência das forças armadas e seu ápice foi a troca do Marechal Sokolov pelo General Yazov homem de confiança de Gorbachev para dirigir o ministério da defesa. (Dalziel, 1990; Stone, 2006)

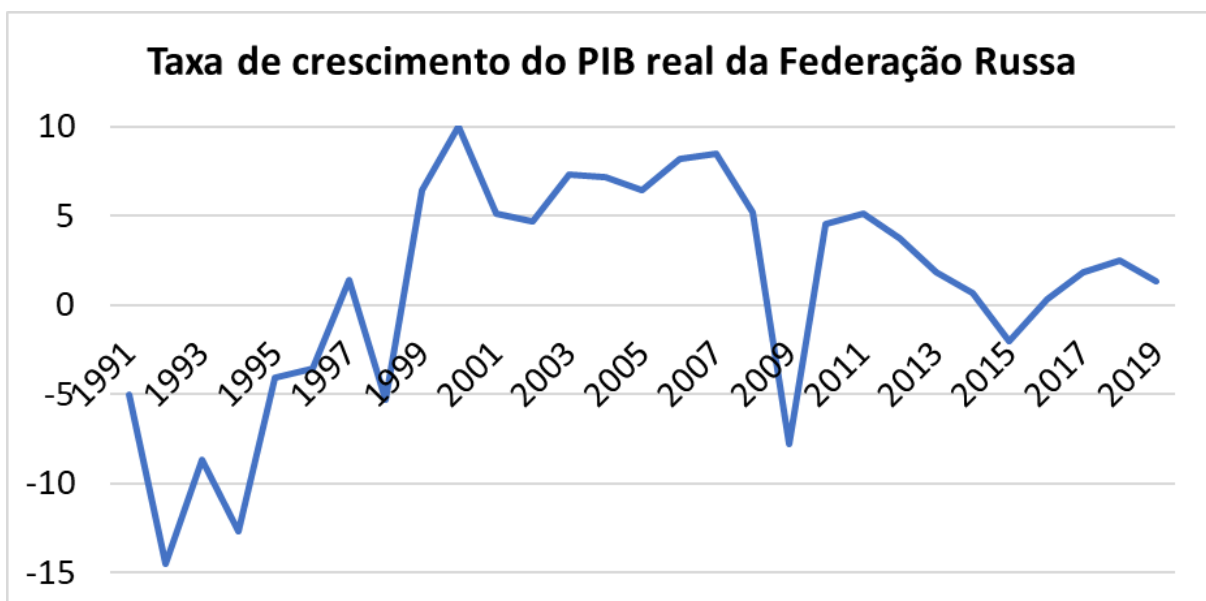
A transição para o capitalismo na União Soviética foi um processo conturbado feito através de etapas. As reformas de mercado foram insuficientes para reformar a economia soviética. Foram pouco eficientes, também, para transformar uma economia socialista em economia de mercado. A razão desse fenômeno foi a resistência do planejamento central na economia soviética até seu fim em 1991. Depois de décadas sem conviver com os mecanismos de mercado, a sociedade russa demoraria para assimilar um novo modelo social e econômico tão diferente do que estava acostumada e durante esse tempo, o que foi construído pelos soviéticos, seria destruído pela integração total da Rússia, país herdeiro da União Soviética, aos mercados globais e ao liberalismo econômico.

2.6 A transição ao capitalismo e as consequências para o Complexo Industrial Militar.

A transição feita do modelo soviético para o capitalista foi brutal. As mudanças ocorridas tinham como objetivo expor as estruturas econômicas e sociais ao livre mercado em vista do que ocorreu com a década de oitenta. Como as reformas não foram efetivas, foi implementado uma onda de reformas chamadas de “terapia de choque”. (Mazat e Serrano, 2013). Segundo os autores, a fase capitalista da Rússia também pode ser dividida em duas partes.

A primeira vai de 92 a 98 em que há uma transição para o capitalismo caracterizado pelo choque liberal que previa a privatização de ativos do Estado, a diminuição dos gastos, abertura comercial e financeira desorganizada e diminuição das capacidades do Estado. O crescimento da economia russa nesse momento passa a ser limitado pela demanda efetiva com uma longa e profunda recessão (ver gráfico 1).

Gráfico 1: Taxa de crescimento do PIB da Federação Russa (1991-2019)



Fonte: Elaborado a partir de IMF (2020)

A segunda fase é de 99-08. Com a subida de Putin ao poder, cria-se uma iniciativa de retomada da capacidade do Estado russo. A tentativa de recuperação da economia russa vem através da retomada dos gastos públicos e da receita fiscal da recuperação das reservas internacionais e da nacionalização das empresas estratégicas do setor de petróleo e gás e de regime cambial administrado.

Durante os anos da *Perestroika*, a vulnerabilidade econômica aumentou em razão da abertura criada pela flexibilização do comércio exterior que, anteriormente, estava em mãos do Estado. Esse modelo criado para dar maior dinâmica ao setor civil acabou por desorganizar totalmente a economia e deu início ao desmembramento do Estado soviético em primeira instância e do Estado russo em segunda instância. Com a abertura do comércio Exterior nas mãos de cooperativas e agentes privados, os problemas do balanço de pagamentos foram acentuados. Com a deterioração da posição soviética no sistema internacional foi necessário o aumento da entrada de divisas em moeda forte. A princípio essas divisas entrariam de forma natural de acordo com a maior inserção da economia soviética e russa na economia global. Para tanto a exportação, em um primeiro momento, de matérias-primas enquanto importa bens de capital para modernizar a indústria.

Com a queda do preço do petróleo e a restrição do crédito internacional, Gorbachev se viu pressionado a agir de forma unilateral para impedir o colapso econômico da União Soviética.

Os impulsos unilaterais de Gorbachev tinham sempre uma posição defensiva em relação ao ocidente. Buscava sempre conceder demais em troca de benefícios que nunca estiveram em questão. Stephen Dalziel relembra o momento em que Gorbachev declara unilateralmente que diminuiria o efetivo militar soviético em meio milhão de soldados frente a ONU. Esse caso culminou com a renúncia do Marechal Akhromeyev, insatisfeito com os ataques que as forças armadas estavam recebendo de Gorbachev. (Dalziel, 1990)

Com a queda do regime soviético em 91, as portas foram abertas para que um imenso mercado fosse incorporado à economia internacional. A derrota na Guerra Fria transformou um espaço coeso em 15 Estados nacionais independentes. O fim da União Soviética era uma questão de tempo. Porém, a tentativa frustrada de golpe em 1991 acelerou o processo. Ao abolir seu posto, Gorbachev encarrega Yeltsin de manter as reformas do Estado russo. O peso do estamento militar continuava muito grande dentro da política e da própria economia. O que culminou no golpe frustrado de 91, foi a tentativa de alguns setores de manter seus poderes e privilégios. A relação construída entre Gorbachev e o setor militar se intensificou com a subida de Yeltsin. Com o intuito de impedir seu colapso, dando vazão a uma nova onda de movimentos nacionalistas, Gorbachev promove um novo Tratado de União buscando repactuar o federalismo. Essa proposta, no entanto, não é bem recebida pelos outros atores, principalmente pelos militares. O golpe surge com o descontentamento sobre os rumos da União. Com Gorbachev de férias, os golpistas assumem o posto alegando que o presidente estava doente, porém não chegam a prender Yeltsin que retoma, depois de três dias, a dianteira do processo. Yeltsin, por sua vez, procura impor-se no processo de forma a tomar o poder. Segundo Stone, seu encontro com os presidentes da Bielorrússia e Ucrânia selou o acordo para a construção de uma nova organização que precederia a o novo projeto de União. (Stone, 2006)

A Comunidade dos Estados Independentes surgiu como alternativa para tentar acalmar os ânimos e manter a coesão, mesmo que precária, do extinto território soviético. O que surgiu desse arranjo, no entanto, foi positivo para o novo Estado russo que se formava. Essa nova comunidade partia de um princípio federalista em que os novos países independentes manteriam suas tropas normais, enquanto o setor estratégico das forças armadas estaria sobre controle da comunidade. A Rússia, no entanto, foi a única herdeira dos artefatos nucleares soviéticos. Esse foi um dos pontos positivos em vista do que se tornaria a realidade dos anos noventa com o crescimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte. O ponto negativo foi a herança dos

problemas e das estruturas produtivas que agora entravam em conflito direto com a abertura ao mercado internacional.

A relação dos militares com os presidentes Gorbachev e Yeltsin é classificada por Pavel Baev como “caótica e de oportunidades perdidas” (Baev, 2004. Pg. 45). O autor cria um quadro em que demonstra a diferença entre as tarefas que foram atribuídas para as forças armadas. Até a chegada de Putin ao poder em 1999, o que mantinha a importância das forças armadas era a manutenção da paz e seu desarmamento ou diminuição.

As forças armadas russas sofreram durante os anos noventa com a constante instabilidade política nacional e ao longo de suas fronteiras. As mudanças promovidas nas forças armadas tinham, como palco, as dificuldades econômicas que assolavam o país. O prestígio que detinham, no entanto, foi afetado no momento em que já não possuíam capacidade de manter as condições básicas de qualquer exército como manter soldados recebendo soldo ou bem equipados. Havia, inclusive, a possibilidade de acabar com o recrutamento de soldados em vista dos problemas econômicos. (Stone, 2006)

A tragédia estava anunciada bem antes de Yeltsin, é verdade, porém, a atuação deste em relação às forças armadas era verdadeiramente desrespeitosa enquanto uma instituição que deveria prover a segurança de uma nação. Embora a nova conjuntura dos anos noventa, em que havia apenas uma potência verdadeiramente global, fosse um caso de preocupação por parte dos militares, não havia urgência em repensar as doutrinas militares. Estas, por sua vez, se tornariam como cartas de intenções vagas e confusas. (Volkov; Betz, 2003) durante seu governo, Yeltsin trataria de diminuir os investimentos no setor militar. A falta de estrutura seria sentida durante a década em casos como a Guerra da Chechênia. Os problemas internos da “Nova Rússia” tinham um impacto grande nas decisões entre os políticos e as forças armadas. Os primeiros anos da nova federação russa, os problemas se amontoaram. Afinal, a Rússia era um Estado que estava em reconstrução e convivia com uma luta pelo poder entre as elites políticas e econômicas internamente. O lugar das forças armadas nessa luta foi de garantir a ordem.

A aprovação da nova doutrina militar de 1993 deu maior fôlego para os militares e para o presidente Yeltsin. Essa nova doutrina trazia consigo uma nova concepção de segurança nacional e havia sido desenvolvida apenas por militares. O conceito, no entanto, não teve efeito prático em vista da destruição do Estado russo. Não se poderia compreender quais seriam as novas ameaças e os novos desafios de um Estado em dificuldades de se reestruturar. Yeltsin, no entanto, foi habilidoso em manobrar os militares e manter a estabilidade política necessária

para que a transição para o capitalismo se mantivesse. Sua face real foi demonstrada, não obstante, com a primeira guerra da Chechênia em que os militares foram jogados contra os próprios cidadãos, sem preparo e sem equipamento. Logo depois, perderam o apoio público que Yeltsin havia dado (Volkov; Betz, 2003).

O Complexo Industrial Militar, nesse caso, ficou refém de relações políticas com pouco ou nenhuma objetividade e função. Os cortes orçamentários continuaram dentro da política de choque de Yeltsin e os militares não tinham como persuadir a elite política da necessidade de maior orçamento para as forças armadas. Durante toda a década de 90, as forças armadas russas foram desmobilizadas se adequando ao pensamento liberal contrastante com o desenvolvimento de capacidades autônomas.

Era importante para os novos líderes russos demonstrarem que a Rússia poderia se encaixar nas novas perspectivas globais. Essa nova perspectiva era a da globalização. Dentro do que se chamava globalização, a economia tinha um papel central e o mercado comandaria todas as ações. Portanto, seria natural que toda e qualquer instituição herdada da União Soviética fosse desmembrada. O complexo industrial militar, por exemplo, não poderia continuar sendo a locomotiva da economia russa. O fim da Guerra Fria tinha feito com que a ameaça constante de guerra entre as duas potências não fizesse mais sentido. Com a globalização econômica a guerra passaria a ser algo do passado ou de vontades mesquinhas de ditadores.

Dentro desse contexto, não havia mais a necessidade de manter grandes complexos industriais voltados para a produção de armamentos e acessórios voltados para o conflito. O CIM russo deveria se adequar aos novos tempos e produzir de acordo com os preceitos de mercado e competir com os outros agentes estrangeiros. A reforma desse complexo era parte central na economia russa. A reformulação desse complexo dentro da realidade do mercado tinha um viés geopolítico que era de dificultar o desenvolvimento dessas empresas através da competição com os capitais internacionais.

O tratamento de choque continuava sendo implementado de acordo com as diretrizes dos conselheiros ocidentais. A abertura econômica pretendia trazer maior eficiência para o capital na Rússia. O desmantelamento do Estado, fragilização do comando econômico e social do Estado, criou um ambiente insuperável para as empresas russas, tendo impactado com maior força as empresas do CIM que perderam grande parte de sua demanda proveniente do Estado russo. As políticas econômicas tomadas, portanto, visavam a diminuição do papel do Estado

na economia através da retração de suas prerrogativas como, por exemplo, o controle do comércio exterior, a diminuição dos gastos e a venda de empresas estatais (Lopez et al., 2005). A retirada abrupta do Estado, deixando a economia seguir sem intervenção, trouxe consequências negativas para a Rússia. Mazat e Serrano interpretam como se tivesse um modelo de quatro eixos dentro de uma fase de recessão com alta inflação (Mazat; Serrano, 2017).

Esses eixos econômicos impediram, a curto prazo, a manutenção da Rússia como potência no sistema internacional. As empresas russas passaram por duas ondas de privatizações que as colocariam nas mãos da nova elite criada com o fim da união. Faltava, portanto, em um momento de necessidade, que um planejamento maior fosse construído para que a transição não fosse um ponto tão negativo para a própria sociedade russa. Partiu-se de uma liberalização de preços e do comércio exterior que passava para as mãos das novas empresas. Com o objetivo de manter a inflação sob controle o Estado devia, dentro de sua concepção liberal, manter uma restrição orçamentária e liberar o câmbio.

As ondas de privatização das empresas estatais russas tiveram um impacto muito forte na capacidade do Estado de prover os bens públicos necessários. Em última instância, o Estado russo foi utilizado para acelerar as privatizações entregando, principalmente empresas de recursos naturais e energéticos, para a iniciativa privada. A primeira tentativa foi feita através da utilização de *Vouchers*. A segunda tentativa, a mais importante, foi deixada para outro momento. A segunda onda de privatizações foi feita através do recebimento de empréstimos de bancos estrangeiros e nacionais. O Estado russo, em troca, dava garantias com base nas ações de empresas que continuavam em suas mãos. Esse processo de privatizações foi definitivo para o desmantelamento do Estado russo e da capacidade da economia se sustentar. (Medeiros, 2011; Pomeranz, 2009)

As políticas liberais destruíram as capacidades do Estado. As empresas vendidas foram apenas uma parte da desestruturação. O que teve o maior impacto foi a política cambial e fiscal russa que determinou um ambiente macroeconômico restritivo para as empresas de todos os setores. Essa conjugação de fatores foi explosiva e prejudicial aos russos. Enquanto se tentava manter um ambiente macroeconômico com baixa inflação foi se desfazendo dos ativos do Estado. O impacto foi maior sentido durante os primeiros anos da transição. Enquanto o novo modelo econômico era implementado, a Rússia sofria com ataques especulativos e com uma abrupta

abertura a economia global. A abertura financeira trouxe grande desvalorização cambial com a fuga de capitais.

As consequências internas foram drásticas para as indústrias russas. A crescente inflação de custos promovida pela desvalorização do câmbio e a disparada da inflação promoveu um ajuste na demanda efetiva que era excessiva. Porém, essa conjunção de políticas monetárias e cambiais ajudou a desestruturar o ambiente interno através de uma corrida entre os agentes econômicos para reajustar seus ganhos (Mazat, Serrano, 2017). O que se esperava, no entanto, era que o apoio dado ao presidente Yeltsin, pelos militares, fosse suficiente para manter algum nível de coesão. Como dito acima, a manutenção de Yeltsin no poder não garantiu uma nova perspectiva para os militares ou para o CIM. Ao contrário, não havia mais a capacidade de se manter um orçamento necessário para a manutenção das forças armadas e do complexo industrial. A transição para o modelo liderado pelo mercado foi continuada apesar das dificuldades criadas pela “terapia de choque”. As forças armadas tiveram um papel peculiar. Foram alvo de disputas internas durante as eleições em vista do prestígio que ainda carregava dos anos da União Soviética. Devido às dificuldades provenientes da restrição orçamentária, no entanto, seu propósito começava a ser questionado. Não havia mais a necessidade de se manter um grande contingente armado e conseqüentemente, grande parte da indústria voltada para suprir as necessidades materiais das mesmas.

Era hora que as forças armadas fossem reformadas e o Complexo Industrial Militar tivesse sua conversão para a indústria civil promovida. Durante a década de 90, o CIM foi o alvo preferido das críticas ao Estado russo. Seu tamanho e seus privilégios, herdados da antiga União Soviética, eram empecilhos para o crescimento da economia russa em vista da ineficiência da estrutura criada ao redor das indústrias militares.

Em segundo lugar, a construção de indústrias de “uso-dual” ainda estavam longe de serem realidade na Rússia. A falta desse efeito “*spill-over*” impediria que as indústrias russas pudessem competir, com alguma taxa de sucesso, contra seus concorrentes internacionais. Embora os custos de inovar em tecnologia demandem grandes somas de investimento para produzirem efeitos positivos, o uso de mecanismos de mercado tem seu valor quando se faz necessário a dispersão dessas novas tecnologias para o resto da sociedade. A introdução desses novos objetos nos mercados é importante para manter a competitividade da indústria no mercado global, atrair divisas com a exportação, diversificar a pauta exportadora e diminuir

os problemas estruturais da economia soviética, além de manter a Rússia no topo do jogo de poder tecnológico..

Kogan, por exemplo, cita Mikhail Malei, conselheiro de Yeltsin, sobre a necessária conversão das empresas militares em empresas civis. Para Malei, *“the military-industrial complex will become the locomotive of the russian reform”*. (Kogan, 1993, Pg. 647). Ser a locomotiva da reforma é, de fato, acreditar que as dificuldades passadas pela antiga União Soviética estavam somente no plano administrativo ou organizacional. No entanto, as empresas que estavam entrando nesse momento na Rússia em transição estavam em patamares acima das empresas russas, sendo mais eficientes e inovadoras que as empresas do Complexo Industrial Militar.

A conversão teria um alto custo que deveria ser coberto por investimentos estrangeiros. A abertura comercial e a flutuação do câmbio foram medidas que deram certa esperança para os agentes da reforma de que essas empresas passariam pela conversão sem grandes impactos. Durante a primeira fase, no entanto, os problemas econômicos criaram um ambiente contrário ao esperado com alta inflação e fuga de capitais. O MIC russo, no entanto, carregava alguns vícios herdados da união.

Kogan (1993), por sua vez, considera quatro características que impediram que a conversão tivesse êxito. Em primeiro lugar, havia por parte dos militares uma incessante preocupação com a possibilidade da guerra. Esse fator foi decisivo, para a manutenção de fábricas com a capacidade de conversão para o esforço de guerra. A pouca diversificação das fábricas da União Soviética foi incorporada e criou um ambiente em que os produtos já não tinham condições de competir com outros em vista da baixa qualidade consequência direta das fábricas e maquinas obsoletas.

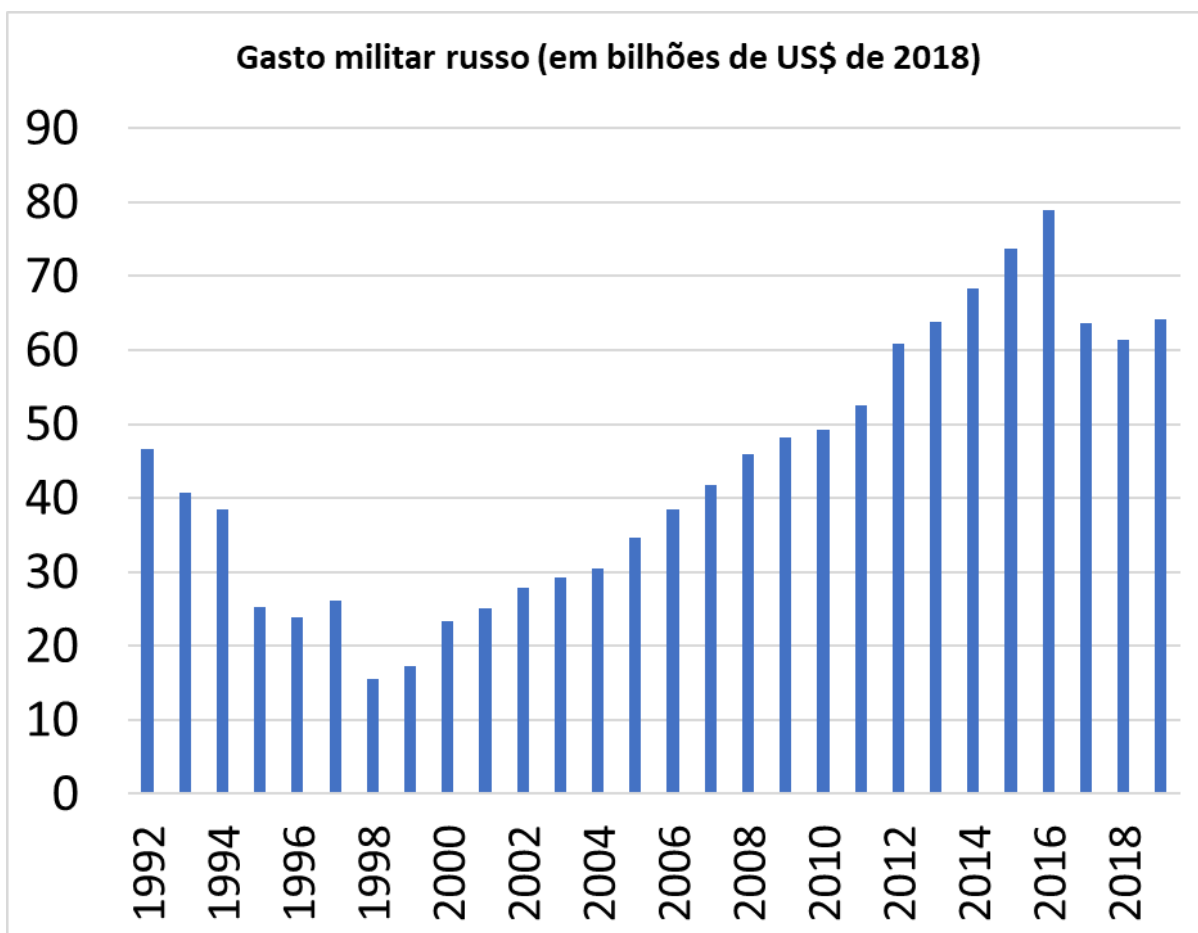
A segunda causa não estava ligada à economia ou à política. Parte-se do pressuposto que a indústria civil sofria com desdém em vista do pouco valor que a vida tinha na Rússia. O valor dado à vida na Rússia não constitui um objeto claramente mensurável ou objetivo nesse caso. O terceiro caso, porém, tange o que representa a capacidade de absorção de mão de obra desse setor. Nas palavras de Kogan (1993, Pg. 649), porém, *“[...] sadly, the labour forces within civilian as well as the military sectors lack motivation, prospects to look forward to and stimulus to persevere in order to revitalize their industries.”* Dessa forma, pode se perceber que as mudanças promovidas pelas autoridades ainda não haviam chegado aos problemas estruturais da economia russa. O problema de uma força de trabalho não disciplinada foi relevante no começo dos anos 80 e se manteve durante a década de 90.

O quarto condicionante é a incapacidade do governo russo de manter um planejamento estratégico e dar um objetivo claro à conversão desse complexo. A parte que talvez se tenha maior dificuldade em construir é essa. O Estado russo estava sendo enquadrado pelo capital internacional de forma selvagem e os cortes orçamentários e privatizações eram parte central desse processo. A diminuição dos contingentes das forças armadas teve um efeito negativo na demanda das indústrias militares. Para que sobrevivessem, foi necessário encontrar novos mercados que para escoar a produção de armas, pois não conseguiam sobreviver das encomendas do governo, não tinham capacidade de converter-se para a produção civil e eram ineficientes para competir nos mercados da própria Rússia.

Durante a década de 90, os russos viram seu prestígio de grande potência diminuir sensivelmente. Embora tenha mantido o arsenal nuclear pertencente à União Soviética, seus armamentos convencionais não correspondiam aos requisitos das guerras modernas, como ficou claro durante as Guerras da Chechênia em 1994 e os bombardeios da OTAN na Bósnia e Kosovo durante a década. Assim a incapacidade do Estado russo ficava clara em relação ao declínio de sua influência na sua antiga área de influência.

Isso se deve à drástica diminuição do efetivo de guerra herdado pela Rússia. Segundo Stephen Meyer (1995), o efetivo militar russo chegou a 1,5 milhão de homens no ano de 1994. Os outros indícios de sua relativa perda de poder estão no fim das compras de caças e tanques de guerra que compunham os principais triunfos das forças armadas soviéticas e que passariam a envelhecer sob o controle russo. Houve uma forte queda do gasto militar russo ao longo da década de 90 (ver gráfico 2), que teve fortes consequências sobre a capacidade de operação do exército russo além da estrutura e capacidade produtiva do CIM. A menor condição financeira imposta por questões político/econômicas, fez com que o orçamento tivesse que ser reorganizado em funções que tivessem maiores prioridades. Em consequência disso, grande parte do orçamento foi realocado para atender as necessidades das forças estratégicas da Rússia o que atendia, também, as forças nucleares.

Gráfico 2: Evolução do gasto militar russo de 1992 até 2019.



Fonte: Elaborado a partir do SIPRI (2020)

As mudanças necessárias durante a década de 90, que tinham como promessa modernizar as forças armadas russas, não surtiram nenhum efeito. Manteve-se uma força estruturada dentro dos moldes soviéticos, embora com um menor tamanho. Estava claro que um país com os problemas da transição, como a Rússia na década de 90, não tinha forças para manter um planejamento estratégico por muitos anos enquanto a economia ainda estava desequilibrada. Vendil Pallin (2009), por sua vez, descrevendo as reformulações dos órgãos tomadores de decisões, compreende que o crucial nesse momento era conseguir espaço no orçamento para manter o CIM funcionando.

A dificuldade em manter e alocar de forma eficiente o orçamento da defesa foi um dos problemas que resultaram na estagnação da indústria como um todo. A reconversão da indústria militar em indústria civil teve dificuldades em ter sucesso em vista da rigidez das estruturas econômicas e das políticas adotadas na abertura econômica. Essas políticas partiam do

pressuposto de que o livre mercado traria benefícios, através da competição, para a indústria russa. O grande problema que tinha que ser resolvido era reestrutura, em primeiro lugar, o Estado russo e suas capacidades de fazer política industrial, monetária e cambial. Reorganizando o Estado, o planejamento econômico seria central para a recuperação do *Status* da Rússia como potência internacional. A crise institucional pela qual passava o país impedia que se tivesse clareza sobre os objetivos a serem alcançados e, o que restava, eram motivações políticas mesquinhas a ponto de comprometer o planejamento de longo prazo aos ganhos de curto prazo.

O que se esperava da conversão estava, em grande parte, ligado ao Estado e as suas capacidades. Alguns projetos foram pensados, embora não tivessem sido executados. O processo como um todo seria bastante custoso e levaria alguns anos para se completar se todos os componentes da transição funcionassem bem. Para o conselheiro de Yeltsin, Malei, a conversão das indústrias custaria algo em torno de 150 bilhões de dólares. (Kogan, 1993)

Havia a intenção de que esse montante fosse custeado pelo Estado russo para promover o crescimento econômico. No entanto, esse financiamento não ocorreu. O que se passou foi a constante diminuição da capacidade das empresas que compunham o CIM de se manter. As relações econômicas entre o Estado e o complexo se deterioraram ao ponto de não haver mais encomendas de equipamento para as forças armadas. O orçamento da defesa mudou seu caráter de forma bem peculiar. Os gastos maiores deixaram de ser com equipamentos e se tornaram gastos com pessoal. Segundo Meyer (1995), em 1988 a porcentagem dos gastos relativos à compra de equipamentos era de 44% passando para 15% em 1994. Por sua vez, o gasto com pessoal deixou de ser 25% do orçamento em 1988, para chegar a 62% em 1994.

A falta de financiamento dificultou de fato qualquer tentativa de conversão da indústria. No entanto, a queda das encomendas do Estado foi central na piora econômica dessas empresas. A mudança do pensamento estratégico do país levou o CIM para uma situação deplorável. Enquanto foram produzidos 472 aviões em 1991, somente 56 foram entregues em 1998, acontecendo o mesmo com a indústria naval que produziu apenas 8 navios em 1994. (Rosenfielde, 2002).

A instabilidade institucional e econômica da Rússia promoveu uma mudança de foco no CIM. Para manter as fábricas funcionando foi necessário que as empresas se voltassem para o mercado mundial de armamentos. As exportações de armas ajudaram a manter o nível de empregos no setor militar industrial assim como manter o nível tecnológico. A subsistência

desse aparato foi importante para que o CIM tivesse capacidade de se reerguer mais adiante a partir de uma política de desenvolvimento coerente de enfrentamento das dificuldades do Estado russo. O planejamento necessário para o desenvolvimento sustentado desse setor da indústria seria retomado com uma visão mais “centrista” ao invés da visão liberal, predominante no começo da década. (Davis, 2000)

A relação entre as empresas e o governo se tornou crítica. Enquanto não havia incentivo para produzir o fornecimento de equipamentos continuou com base nas trocas. Enquanto o governo não conseguia custear a produção dessas empresas, os equipamentos eram recebidos por um sistema de créditos. O mesmo se dava pelo lado das empresas, que através dos créditos conseguia os insumos necessários para continuar produzindo. (Davis, 2000)

As exportações de armamentos russos eram qualificadas como fontes de renda que ajudariam no processo de estabilização da economia e da própria indústria de armas. Nesse sentido, o fim da União Soviética foi importante para que se pudesse competir no mercado de armas globais. O que pesou, no entanto, foi a conjuntura em que se encontrava o mundo. A década de 90 foi o período em que os Estados Unidos se tornaram o Estado mais poderoso nas relações internacionais. Seu poder militar, cultural e econômico estava em um patamar fora do alcance dos outros países rivais e de seus aliados.

As intervenções americanas ao redor do globo mostravam a superioridade de suas forças armadas e de sua indústria em relação aos outros países no mundo. O ponto negativo, no entanto, para a Rússia, era a perda mercado cativo para seus armamentos com o fim da União Soviética. A divisão da URSS em 15 países, abriu uma parcela significativa do mercado de armas para os países ocidentais. As condições de financiamento, possibilitadas pelas economias desenvolvidas desses países, não limitava as condições de aquisição de armamentos. Enquanto isso, a Rússia não dispunha de condições financeiras de exportar nas condições que os outros países o faziam. Dessa forma, o que se esperava da exportação de armamentos, que seria uma fonte de estabilização financeira, não se concretizou.

2.7 O avanço da OTAN e o início da reconstrução do Estado russo.

A condição geopolítica da Rússia tem um contraste bem demarcado com o da União Soviética. Enquanto esta era uma potência capaz de assumir sua posição de poder em diferentes espaços estratégicos, a outra se tornou apenas parte de um espaço desmembrado e sem coesão. Enquanto

tal, a Rússia ainda manteria alguns resquícios materiais da antiga União. Manteve a maior parte do poderio militar de sua antecessora, controlando a sua força estratégica nuclear. O desafio do novo Estado que estava se construindo, no entanto, era manter a coesão interna além de tentar manter alguma influência nos antigos países soviéticos.

A desorganização do Estado russo impediu que se tivesse uma ideia clara e objetiva do que se estava estruturando ao redor do país em termos geopolíticos. O fim da Guerra Fria transformou o sistema internacional. O conflito entre as duas potências se transformou em uma hegemonia sem contestadores. A vitória americana no conflito deu a capacidade e legitimidade aos americanos para se tornarem os fiadores dos processos políticos e econômicos no globo. Durante a década de 70, teóricos da Economia Política Internacional, com Charles Kindleberger e Robert Gilpin, propuseram a Teoria da Estabilidade Hegemônica (Cohen, 2008; Fiori, 2005; Kindleberger, 1973; Gilpin, 1987).

Dentro desse arcabouço teórico, o mundo globalizado demandaria que um Estado fosse capaz de assegurar a ordem econômica, financeira e política. No entanto, para que a relação entre os Estados no sistema global prosperasse era importante que somente um Estado fosse capaz de promover tal estabilidade podendo “policiar” o mundo. O papel de “polícia global” não comportaria dois polos de poder. A década de 90 é, portanto, a descrição perfeita de uma conjuntura propícia para testar essa teoria e os Estados Unidos eram o agente perfeito.

O que se verá é exatamente o oposto do que se esperava. Enquanto agente estabilizador, os Estados Unidos foram implacáveis na busca de seus próprios interesses nacionais. Fiori (1997), por sua vez, argumenta que o que se pode concluir da atuação americana na década de noventa é que não satisfaz o conceito de “hegemonia benevolente”. O Estado como instrumento de promoção do desenvolvimento social estava sendo atacado e para seu lugar promovia-se o mercado globalizado como solução. No entanto, o maior beneficiado dentro desses termos foram os próprios americanos que, através de instituições internacionais, implementaram políticas contracionistas nos países em desenvolvimento.

Em termos de Teoria da Estabilidade hegemônica, os americanos se aproveitaram de seu poder incontestável para perseguir seus próprios interesses. Não se tratava mais de policiar o mundo globalizado para que a economia liberal pudesse se desenvolver. Tratava-se de uma política típica de impérios que buscam incorporar colônias aos seus domínios. Essas políticas não buscam promover condições básicas de desenvolvimento para os outros países, e sim a dependência política e econômica total à metrópole.

Essa conjuntura explica os erros claros que seriam cometidos pelos russos durante essa década. As políticas contracionistas foram muito importantes para criar restrições materiais ao Estado e impedir que políticas de fortalecimento da posição geopolítica russa fossem bem-sucedidas. Os cortes no orçamento foram responsáveis pela estagnação vista pelo CIM durante a década (ver gráfico 2). Esses cortes deprimiram a capacidade do complexo de continuar a produzir e equipar as forças armadas russas. Com a consequente dificuldade de se produzir uma doutrina militar para defender os interesses nacionais, a posição russa no sistema global de poder foi decadente até a chegada de Primakov e, em sequência, Vladimir Putin ao poder.

A vitória, moral e material, acachapante da teoria liberal da globalização nas relações internacionais, encontrou adeptos nas elites financeiras de países como a Rússia. Mantinha-se a esperança de que o sistema internacional se tornaria mais cooperativo e que a natureza conflituosa do sistema desse lugar a um ambiente de ganhos mútuos. Mazat e Serrano, no entanto, se perguntam como perdurou tanto tempo a ideia de que era possível cooperar com os americanos em relação às questões de segurança e defesa. (Mazat; Serrano, 2012).

A dificuldade em cooperar não era uma característica da relação entre os dois países, mas uma característica do sistema internacional estruturado de forma a premiar aqueles que seguem seus principais objetivos nacionais. A busca por objetivos nacionais e, principalmente, por mais segurança faz parte da estrutura do sistema de Estados nacionais. O fim da Guerra Fria não mudou a qualidade da estrutura, mas mudou a disposição dos Estados dentro da hierarquia de poder. Como diz Kenneth Waltz: “*Under the conditions of international politics, war occurs; the sure way to abolish war, is to abolish international politics.*” (Waltz, 2000).

A tentativa de amenizar os problemas internos através da rendição, não foi bem-sucedida. Com isso, a Rússia se tornaria um Estado em situação de falência e com sérios problemas fronteiriços sem a capacidade de influenciar nos desdobramentos desses conflitos. A utilização de arranjos institucionais foi chave para conseguir o enquadramento da Rússia e da sua influência somente dentro do seu território.

O caso da Rússia segue uma nova política de desafio ao Estado Nacional. Com o triunfo da globalização centrada na economia americana, o mercado foi introduzido como instrumento de desenvolvimento para todos os países que buscavam se desenvolver. O componente geopolítico, na relação entre Estados Unidos e Rússia, foi um agravante partindo de políticas de contenção por parte dos americanos à revelia dos russos e apesar da conformidade com as políticas de livre mercado. No entanto, esse país continuava tendo grande relevância para o

sistema internacional e na ordem geopolítica. Os recursos naturais russos eram abundantes, principalmente no caso do petróleo e gás, assim como a manutenção da condição de potência nuclear, que davam aos russos uma preponderância material. Essa base material herdada sustentava a influência que os russos exerciam na periferia do seu território.

Por isso era tão importante que se diluísse o Estado russo. Havia ainda nesse território um grande potencial para reverter o seu declínio, bastando somente a reconfiguração da estrutura do Estado e a retomada de um projeto que levasse adiante o interesse nacional. A utilização de instituições internacionais para alcançar objetivos próprios faz parte da natureza de um sistema realista das relações internacionais. Essas instituições dependem primordialmente daqueles que a sustentam e seu corpo burocrático é escolhido de acordo com os preceitos básicos dos países participantes. Consequentemente, não conseguem agir de forma autônoma. Para Waltz (2000a), *“Constancy of threat produces constancy of policy; absence of threat permits policy to become capricious”*.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), por exemplo, foi o instrumento utilizado pelos americanos para tentar enquadrar a Rússia durante a década de noventa. Essa organização é um resquício da Guerra Fria entre os russos e os americanos. Acreditava-se que após a Segunda Guerra os russos seriam o grande desafio ao mundo “livre”. O medo de perder a Europa, destruída, para a influência soviética foi o suficiente para que se criasse uma aliança dos países ocidentais. Seu princípio básico é o Art. 51 da Carta das Nações Unidas. Esse artigo promove o direito de se defender de ameaças de forma individual ou coletiva. Essa organização precisamente, foi utilizada para avançar os interesses americanos na antiga área de influência russa, tanto que de 1990 até 2010 todos os ex-membros do Pacto de Varsóvia, menos a Rússia, estavam integrados à estrutura da Otan. (Bertazzo, 2009).

A ascensão de uma nova ordem mundial com o fim da União Soviética suscitou algumas questões acerca da continuidade do arranjo da Otan. Já não havia uma ameaça clara à segurança dos estados Unidos ou dos países da Europa. O que se buscava claramente era a integração total da Rússia e dos outros países aos fluxos globais. O fim da ameaça que sustentava a existência desse organismo, no entanto, não foi suficiente para que fosse desfeito. Ao contrário, seu escopo aumentou cada vez mais durante os anos. O tamanho da burocracia que gerencia todo o aparato se torna um grande empecilho para seu desmonte além de ter se tornado um grande exemplo de uma política liberal com escopo internacional.

O funcionamento dessa organização serve como argumento de que a segurança internacional não carece mais de ser tratada como assunto de Estado. Podendo ser feita a partir da diminuição da soberania dos Estados em favor da organização. Waltz (2000; 2000a), todavia, rechaça essa possibilidade e encara a continuidade da existência da Otan como passageira. O que se demonstra, efetivamente, com a manutenção e conseqüente aumento do escopo da Otan para o leste europeu, foi a submissão dos países da Europa ocidental aos desígnios geopolíticos americanos.

CAPÍTULO 3. A RECONSTRUÇÃO DO ESTADO E DO COMPLEXO MILITAR INDUSTRIAL RUSSO

A reconstrução do Estado russo era de suma importância para geopolítica mundial e para a geopolítica regional da Europa. Como visto anteriormente, a expansão da OTAN, à revelia das opiniões russas sobre o caso, demonstrou que o projeto americano de poder não respeitaria nenhuma vontade ou interesse nacional que não fosse o interesse americano. Dois atores importantes nessa retomada foram Yevgeny Primakov e Vladimir Putin.

3.1. Os primeiros passos para a reconstrução: o breve período Primakov (1998-1999)

O primeiro, Primakov, teve grande importância no sentido que deu à nova Rússia. A mudança de paradigma foi implementada por Primakov enquanto serviu no ministério das relações exteriores. Buscou-se uma nova inserção do Estado russo dentro das relações internacionais e uma mudança na sua relação com os americanos. A unipolaridade característica dos anos noventa não apresentava alternativas para a Rússia. Não cabia, outra potência, dentro de um sistema em que os americanos podiam impor suas vontades desrespeitando, inclusive, instituições multilaterais como a ONU.

Segundo Alexander Zhebit, foi Primakov que reformulou a política externa da Rússia centrada agora na visão realista e com propósito bem definido. (Zhebit, 2019). Não obstante, a nova percepção russa tinha como um dos pilares a multipolaridade. A diferença de capacidade entre os Estados era grande e não havia espaço para ações unilaterais por parte dos russos. Portanto, era importante que se tivesse cautela na busca dos interesses nacionais. Primakov tinha conhecimento da importância de se criar pilares materiais para que uma política de potência pudesse ser promovida. O pacote anticrise, promovido por Primakov, tinha como objetivo diminuir a influência do livre mercado na economia russa.

O projeto visava reconstruir o Estado russo e suas capacidades materiais debilitadas pela diminuição da ação do Estado, principalmente, na economia. Primakov tinha em mente um projeto que incorporava não somente uma visão de país voltada para dentro, mas como a gestão da política econômica estava entrelaçada com a política externa soberana. Não havia a possibilidade de se manter as duas frentes separadas uma da outra. Nesse caso, enquanto esteve no cargo de primeiro-ministro, Primakov buscou restabelecer instrumentos básicos que qualquer Estado nacional deve manter para promover o desenvolvimento de sua sociedade.

Para tanto, ele promoveu políticas que restabeleceriam o controle do Estado sobre sua própria moeda.

Assim, Primakov declara moratória da dívida e abre mão das políticas monetárias liberais que o FMI e alguns economistas predicavam. Em segundo lugar, as empresas foram obrigadas a internalizar o câmbio essas medidas foram base para uma melhora significativa na economia russa e na sua soberania monetária. O que se passa a seguir é uma melhora substantiva das capacidades do Estado com a ajuda de alguns fatores externos. A economia russa passa a crescer de forma robusta no começo de 1999 (ver gráfico 1). O que gerou esse impacto positivo na economia foi a crescente desvalorização do rublo em relação ao dólar que ajudou as contas externas promovendo o aumento das exportações além da alta do preço do petróleo (Mazat & Serrano, 2013).

Sua atuação na condução da política externa russa foi além e demonstrou a capacidade de colocar o país de novo em uma trajetória ascendente. O prestígio da Rússia estava em evidência, principalmente após os conflitos militares internos e na sua área de interesse permanente. A reconstituição dessa estrutura foi responsável pelo novo ciclo de crescimento russo que adentrou o governo Putin. Segundo Medeiros (2011), o pagamento das dívidas com os credores internacionais foi quitada em avanço devido ao aumento da capacidade fiscal do Estado acompanhado de uma melhora nas contas internas e externas. Esse aumento de arrecadação foi permitido pelo início de uma reorganização do Estado russo potencializada pelas reformas de Primakov

Essas mudanças eram importantes para que se retomasse o projeto de desenvolvimento nacionalista. A conjuntura internacional, por sua vez, se fez notar nas mudanças da política externa americana. A ação militar americana através da OTAN tinha, nesse sentido, minar a autoridade de outras instituições em especial as Nações Unidas. O bombardeamento da Iugoslávia foi um claro sinal do aumento das tensões e da diminuição do prestígio russo em torno da sua área de influência. (Zhebit, 2019). Nesse momento, a restauração das capacidades dos Estados se tornaram centrais. Em relação aos desígnios da Rússia como potência, ou como ator relevante no sistema internacional, as políticas de Primakov foram essenciais para pavimentar o caminho da restauração do poderio russo.

De fato, Primakov tinha uma capacidade de leitura da realidade política russa que possibilitou com que ele promovesse as reformas econômicas e nas relações internacionais da Rússia. O resgate de uma visão realista em relação aos problemas a serem solucionados pela elite

governante russa foi um dos principais pilares da reconstrução ideológica da nova Rússia. Foi preciso reintroduzir conceitos da identidade russa para que se desenvolvesse um projeto soberano de acordo com as novas delimitações do sistema internacional. Embora a prerrogativa estivesse com os americanos, era possível produzir um novo consenso que fosse alternativo à globalização comandada pelos americanos.

Para que isso fosse possível, Primakov resgatou a importância de ser um Estado nacional herdeiro de uma grande potência que rivalizou com os Estados Unidos. Buscava exaltar a capacidade industrial que fora herdada e que poderia voltar a liderar o desenvolvimento econômico do país além de dar centralidade para as riquezas naturais que os russos tinham e o potencial que elas davam ao país. Promover as potencialidades russas, acabou se transformando na base intelectual de um projeto a ser seguido pela elite nacionalista russa como forma de resgatar o estado russo e seu lugar na hierarquia de poder do sistema internacional. Segundo Alexander Zhebit, o legado de Primakov está cimentado em três pilares básicos que seriam a objetividade, a racionalidade e a condicionalidade. (Zhebit, 2019).

Esses pilares eram substanciados na história recente da Rússia e serviam de norte para a criação de conceitos que balizariam a política externa russa. A condicionalidade seria a herança da União Soviética como ator relevante no cenário político internacional, principalmente, sobre assuntos da alta política como segurança e defesa. A objetividade estava centrada na sua territorialidade e os desafios que estavam postos em razão da sua enorme fronteira. Além das fronteiras, multiplicadas pelo fim da União, a questão étnica sempre foi um assunto caro para os russos, que agora estavam vivendo em tensões constantes com as várias etnias diferentes em seu território.

Por último, a questão abordada pela intencionalidade tinha como objetivo central desenvolver um pensamento realista sobre os desafios que seriam vivenciados pelo Estado russo. A intencionalidade como pilar de um novo projeto intelectual para a Rússia tinha como objetivo amenizar as consequências de anos de política liberal com diminuição do investimento e retração da capacidade de intervenção militar russa no seu entorno estratégico. O olhar realista trazido por Primakov compreendia que a cooperação com outros Estados dentro do arcabouço liberal teria consequências negativas para o seu país. A melhor resposta que poderia ser dada as dificuldades do Estado russo seria a busca por seus próprios objetivos e interesses dentro de uma ordem multipolar.

Esses desafios seriam da ordem militar, territorial e financeira. Esses três fatores seriam observados em conjunção com a reestruturação das capacidades materiais do Estado. Definitivamente, os tempos de políticas liberais coadjuvantes na economia e nas relações externas estavam extintos. Os objetivos centrais do Estado estavam definidos de acordo com relações de poder que estavam sendo negligenciadas até o momento, e resgataram o sentido do Estado russo e sua característica principal de ser uma potência. (Zhebit, 2003)

As características territoriais da Rússia definem em grande parte suas condições políticas e as condições materiais de poder. Os recursos naturais se relacionam com o poder militar e econômico no sentido em que são utilizados na produção de bens civis e militares. O setor militar depende, não somente, dos recursos naturais, mas de recursos humanos que capazes de criar um ambiente de inovação tecnológica capaz de suprir as demandas das forças armadas e de suas doutrinas. A segunda questão que envolve a conformação territorial russa é o seu arredor. Com a proliferação de estados nacionais soberanos em suas fronteiras, os russos devem agir de forma cautelosa e incisiva, quando necessário, para manter o equilíbrio e a estabilidade perto das suas fronteiras.

Portanto, o caminho trilhado por Primakov foi importante para consolidar uma nova ideia de Rússia. O novo projeto de potência, enquadrado pelas limitações de um mundo unipolar, deu ao país ter esperança.

3.2. Putin e a reconstituição da capacidade de atuação do Estado russo (1999-).

Vladimir Putin, após ter assumido a diretoria dos serviços de inteligência russos (FSB) em 1998, foi nomeado para o cargo de primeiro-ministro em agosto de 1999, confirmando sua crescente influência na esfera política. Essa consolidação da posição de Putin foi reafirmada pelo presidente Ieltsín quando esse renunciou à presidência russa em 31 de dezembro de 1999¹⁰ e o designou seu sucessor imediato¹¹. A vitória de Putin nas eleições presidenciais russas de março de 2000 estabeleceu definitivamente o início de uma nova era para a Rússia.

Em pouco tempo, Vladimir Putin levou adiante os preceitos consolidados pelo seu antecessor e manteve o projeto de reconstrução do Estado nacional russo. A Rússia, nesse momento,

¹⁰ Sobre a renúncia um tanto surpreendente de Ieltsín à presidência ver Treisman (2011).

¹¹ Desta forma, Putin assumiu o cargo de “presidente em exercício”, previsto pela constituição russa entre o 1º de janeiro de 2000 e as eleições presidenciais.

acabara se tornando uma alternativa ao projeto de globalização americano junto à China e Índia.

Putin sobe ao poder após a desistência de Yeltsin que o aponta como seu sucessor. Embora o Estado russo já estivesse em uma rota ascendente, os desafios ainda eram grandes. Pode-se dizer que Putin chega ao poder em um momento delicado, principalmente no que diz respeito ao relacionamento da Rússia com a OTAN. Pecequilo e Luque, afirmam que para o lado russo, a expansão da OTAN para dentro da área da antiga União Soviética foi vista como uma retomada da Guerra Fria. (Pecequilo; Luque, 2016). Putin tem uma relação estreita com Primakov e dá sequência ao pragmatismo realista que este último implementou no desenvolvimento da nova Rússia soberana.

Primakov em seu livro, *Russian Crossroads: towards the new millenium*, comenta que o novo mandatário russo era capaz de manter o projeto de restauração do Estado e da economia russa por ter uma visão realista dos problemas e das condições materiais que o país tinha. (Primakov, 2004). Era importante avançar no que e se integrar de forma soberana no mercado global. O que se buscava era diminuir a diferença entre a economia russa, de um lado, e as economias desenvolvidas do outro. A contribuição de Putin estava condicionada ao desenvolvimento de novos modos de produção que incorporassem tecnologia e fossem capazes de propor ao mercado produtos tecnológicos de qualidade e de forma eficiente.

A economia russa, como herdeira da soviética, passava pelos mesmos problemas estruturais. A modernização dessas empresas através da adequação aos preceitos do mercado nos governos Yeltsin falhou. A percepção de que o que realmente se deveria propor era uma relação mais complexa entre o Estado e os mercados ajudou na concepção de retomada russa. Putin demonstra seu diferencial quando se propõe a governar de forma firme, reorganizando as camadas de poder e reestatizando setores estratégicos da economia. Outra contribuição relevante foi sua predisposição em destacar os projetos de acordo com as possibilidades materiais do Estado sem renunciar a criação de capacidades em setores estratégicos da economia global.

A mudança implementada por Putin se revela em sua característica de empoderar segmentos técnicos da sociedade no que concerne a criação de projeto de desenvolvimento. Isso fica claro quando o presidente promove uma reunião no verão do ano 2000 em Sochi com membros da Academia Russa de Ciências. Essa reunião foi um importante fórum de debate sobre as reais condições da Rússia em enfrentar os novos desafios econômicos globais e como se inserir de

forma soberana e quais seriam os setores a serem investidos. Segundo Primakov (2004), Putin tinha como objetivo aumentar os investimentos nos setores de alta tecnologia e diminuir sua dependência na exportação de recursos naturais. Nas palavras de Primakov:

Putin listened attentively to the scientists who took part in the meeting and fully agreed with their conclusion that Russia's future depended heavily on scientific and technological breakthroughs and on its ability to participate actively in the international project of adopting innovative technologies. (Primakov, 2004, Pg. 7)

A leitura que se faz da personalidade de Putin revisita opiniões bem diferentes. Enquanto Primakov (2004) acredita que o presidente é um homem sério e com grande capacidade para comandar o país em qualquer circunstância, Kotz e Weir (2007) acreditam que Putin era um político com passado corrupto que serviria aos objetivos de Yeltsin. No entanto, cabe dizer que a força política que o presidente acumulou foi a maneira que se encontrou para reorganizar o Estado e pôr os grupos de poder de volta dentro de seus respectivos nichos. Os encontros com os oligarcas se tornaram constantes e o enquadramento de suas perspectivas dentro da lógica de um Estado forte e desenvolvido ajudou a criar um consenso em volta da retomada de controle do Estado russo sobre os setores exportadores estratégicos (particularmente na área energética). Os oligarcas que não aceitaram essa restauração do poder do Estado russo foram objetos de ações na justiça, o que levou parte deles ao exílio (Popov, 2007).

É preciso notar que Putin chega ao poder com grandes dificuldades na arena internacional. A humilhação sofrida pelo exército durante a campanha da Chechênia no ano de 1996 foi recompensada durante a nova incursão em 1999. Após alguns anos de instabilidade, criada pela descentralização do poder na região com o fim da primeira ofensiva, esse espaço ficou suscetível ao avanço de ideologias extremistas. O desenrolar das brigas separatistas foi a criação de núcleos terroristas dentro dessa região que tinham como pressuposto criar um Estado de cunho islâmico.

O terrorismo, portanto, se tornou um objeto importante da política externa e interna russa. Quando a situação se tornou fora de controle foi necessário retomar as investidas nessa região para que os conflitos não se espalhassem para outras regiões da Rússia. Os atentados contra o território da Rússia também foram importantes para cimentar a popularidade de Vladimir Putin. A retomada da economia russa teve um impacto positivo na capacidade de comandar para Putin. As condições econômicas favoreciam as políticas mais incisivas que o novo

presidente passou a promover. A partir de indicadores positivos em várias áreas da economia, foi possível almejar um caminho soberano. (Tsygankov, 2014; Mazat & Serrano, 2017).

Durante a década seguinte o governo russo demonstraria que o planejamento econômico aliado as melhores condições dos preços das commodities seria capaz de manter o desenvolvimento da sociedade russa. A capacidade de governar e promover o bem-estar da população foi o pilar central do governo russo. Era, sem dúvida, importante para a manutenção de uma coesão nacional e para a manutenção do governo no poder. A afeição do povo russo por governos mais centralizados é vista de forma negativa dentro de alguns círculos. As condições impostas, durante a década de 90, como fundamentais para a recuperação russa e sua integração ao mundo globalizado partiam do pressuposto da democracia como instrumento principal do desenvolvimento de uma sociedade.

O fundamental, no entanto, era a refundação do Estado russo que passou por uma série de modificações durante os últimos dois séculos. As mudanças na composição das forças políticas foi um importante vetor de poder para que o projeto de uma nova Rússia fosse sustentável. Muito se fala da aliança entre duas classes que apoiaram Putin em seus governos: os oligarcas e os *Siloviks*, ou membros da elite militar e dos aparatos de segurança do Estado que estavam insatisfeitos com os rumos do país. Esse apoio foi fundamental para manter se no poder e governar sem muitos percalços.

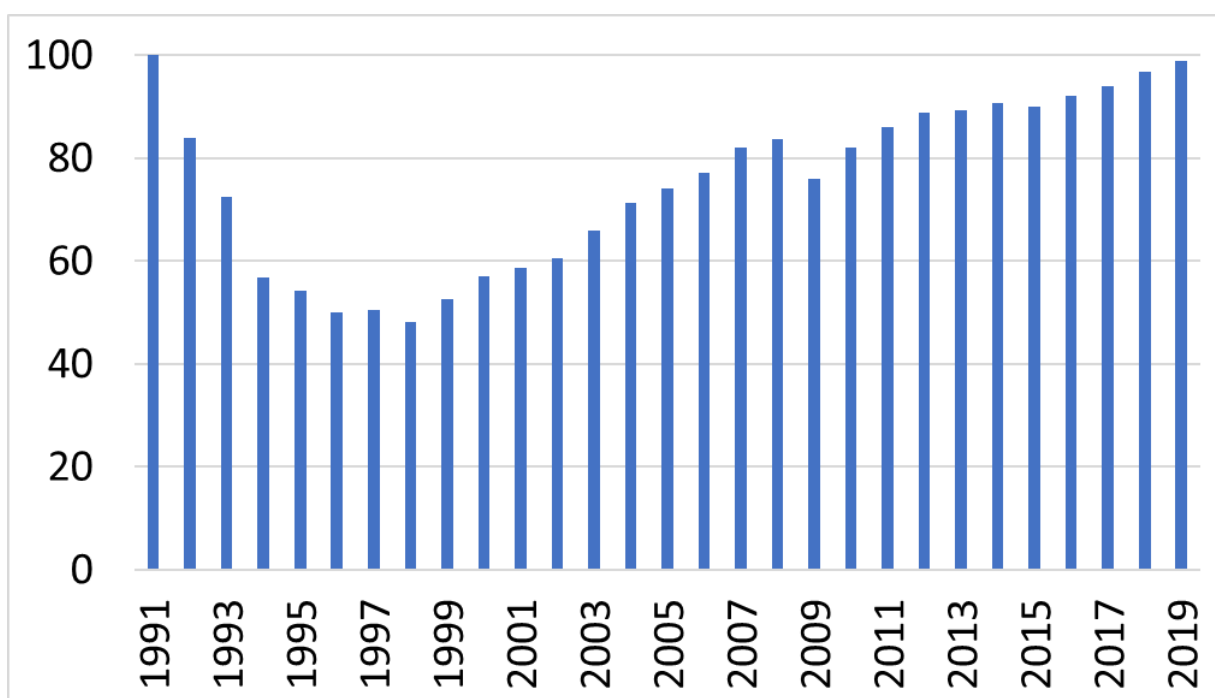
O apoio das elites deu maior estabilidade para que o presidente tomasse decisões com maior autoridade, embora esse apoio fosse baseado na capacidade que Putin tinha de manter o país em ordem. Nesse sentido, os movimentos internacionais tiveram grande participação na posição soberana construída pelo presidente. Enquanto a economia russa crescia e o preço do petróleo se mantinha em um patamar elevado o que ajudou a manter o apoio das oligarquias exportadoras. Para ilustrar a condição favorável em que se situava o país, Serrano e Mazat (2017) explicam que o aumento das exportações, devido ao aumento dos preços do petróleo foi constante, tendo uma pequena baixa apenas em 2001.

Por um lado, foi importante que os preços subissem e que o Estado russo voltasse a ter capacidade fiscal para propor novos investimentos, embora, por outro lado, revele uma deficiência estrutural econômica que deixa o país vulnerável a qualquer crise internacional nos preços. Os anos 2000 com Putin de fato foram a refundação do Estado e da Rússia como potência. A melhora econômica foi internalizada através do crescimento dos salários e do desenvolvimento da indústria. O alto preço internacional das *commodities* foi o pilar dessa

reconstrução econômica. Somente em 2008 que a Rússia teria dificuldades econômicas em razão da crise internacional.

A Rússia parecia não poder sustentar esse nível de crescimento sem sentir os efeitos de uma pauta exportadora com pouca diversificação. No entanto, houve uma mudança estrutural que deu apoio ao crescimento acelerado do Estado. O preço alto das *commodities* aumentou a capacidade de investimento do Estado, mas não interferiu nos preços internos através de um câmbio valorizado. A indústria de transformação passou a crescer mais inclusive que a própria indústria de extração. Esse fenômeno foi suficiente para impedir que a economia russa passasse por um processo de “Doença Holandesa”. A recuperação da indústria russa foi tal que o índice de produção de 1992 chegou a ser superado em 2008 (ver gráfico 3).

Gráfico 3: Evolução do índice de produção industrial da Rússia (1991-2019).



Fonte: Elaboração própria a partir de Rosstat (2020).

O que se pode deduzir é que o processo que a economia atravessou foi um processo de maturação dos investimentos e das políticas estratégicas do Estado russo. A crescente diminuição da parcela da indústria na renda nacional não foi necessariamente por efeitos negativos ou queda da produção. Aliás, foi exatamente o contrário. Como cresceu apesar dos

efeitos negativos de um câmbio valorizado, percebe-se que a indústria russa não só cresceu como se modernizou. Serrano e Mazat explicam que:

Parece claro que o crescimento mais rápido da produtividade industrial em relação a outros setores e, de forma mais geral, as fortes mudanças de preços relativos a favor das *commodities* e dos serviços, e não um baixo dinamismo da indústria, explicam a tendência declinante da indústria como parcela do valor adicionado total da economia. (Serrano, Mazat. 2019, Pg. 32)

O sentido dado à política econômica de Putin é definitivamente positivo. A herança soviética, que na década de 90 parecia ser um fardo acabou se tornando uma dádiva para o crescimento acelerado desse país. A manutenção da estrutura industrial, embora tenha sofrido durante a presidência de Yeltsin, foi fundamental para o rápido crescimento no governo Putin. O outro pilar político de Vladimir Putin foi o foco na reconstrução do poder geopolítico da Rússia. Outra vez, a conjuntura internacional foi favorável à manutenção de sua base de política.

Os ataques terroristas deram ao governo russo a vantagem de aumentar o cerco contra movimentos separatistas e ter apoio internacional. A partir de 11 de setembro, quando os americanos são atacados, os russos passam a cooperar com os mesmos dentro da luta contra o terrorismo. Embora já tivessem tentado cooperar anteriormente dentro do arcabouço da Otan, a política de guerra total contra o terror (GWOT) americana, criou uma base para o investimento em segurança e defesa além de permitir intervenções nas regiões que os russos mais se sentiam vulneráveis.

Como foi com Primakov, Putin foi hábil em implementar um novo conceito ao Estado e suas prerrogativas. Para o presidente, a base do Estado nacional moderno estava na capacidade de competir dentro de setores diversos dentro do sistema internacional. A economia, diferente dos anos 90, não deveria ser um objeto a parte do sistema político, mas parte integrante. A política, por sua vez, seria a parte com legitimidade suficiente para tomar as decisões necessárias para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Não obstante, o “mercado” era uma parte integrante do pensamento de Putin, mas como nos propõe Tsygankov (2014, Pg. 117), *“Putin also emphasized the economic nature of the contemporary world and the need for Russia to be successful in the geoeconomic struggle.”*

Necessariamente, os russos deveriam buscar um Estado capacitado para encarar os desafios que o sistema internacional confere àqueles que possuem recursos estratégicos e territórios vulneráveis. Putin compreende que essa luta pelo poder se tornou econômica e envolveu a

capacidade de lutar por mercados também. Enquanto os conflitos econômicos estavam restritos as colônias, eles se desenvolviam dentro das possibilidades militares dos países. O fim dos Impérios e das colônias com comércio privilegiado com a metrópole transformou a competição econômica global e mudou a relação colonial. Já não havia portos fechados e a capacidade de brigar por fatias de mercado estava ligada à capacidade das empresas.

Criar escopo e eficiência são aspectos importantes que as empresas de um país devem promover para ter êxito na economia global. A criação de uma economia nacional pujante tem um impacto positivo nessa condição das empresas. A promoção de empresas nacionais internamente, assim como na economia global, solidifica a soberania do Estado. Destarte, Putin retoma essa ideia. Deve prevalecer um meio-termo entre as concepções de mercado e as velhas concepções soviéticas. A substituição do Estado pelo livre mercado é contrária ao desenvolvimento de capacidades soberanas e, portanto, o papel do Estado devia ser restituído como agente econômico.

Reformar o Estado era importante para o projeto de poder que o presidente propunha para o país. A política de poder adotada por Putin dentro da Rússia foi vista por muitos como necessária para que o projeto de reconstrução fosse levado a frente. A concentração de poder nas mãos de Putin e a reorganização das estruturas do poder na Rússia foram um primeiro passo atingido pelo presidente. Criar um Estado com capacidades críticas para responder aos desafios criados pela geografia e pela economia é um projeto que está além de qualquer vontade pessoal de um presidente, porque seu projeto de poder contempla o rearranjo do Estado em novos termos criando capacidade de competir no mundo globalizado e hierarquizado dentro de novos parâmetros. (Tsygankov, 2014, Pg. 117)

Em razão disso, uma volta ao passado só serviria para criar uma coesão em torno de um projeto nacional. Qualquer projeto que tivesse como objetivo uma volta do Estado soviético seria ineficaz para lidar com relações econômicas e políticas tão diferentes como são as dos anos 2000. O que se viu durante a presidência de Putin foi, ao contrário de um projeto pessoal de poder, uma tentativa constante de equilibrar os poderes de acordo com projetos de renovação das capacidades do Estado como um todo para que fosse capaz de responder aos desafios internos e externos. Sua relação com Medvedev se resume à tentativa de manter o equilíbrio entre setores que buscavam novas medidas dentro da economia e da política. Medvedev era um liberal com um discurso bem próximo do Ocidente, enquanto Putin via, no Estado

soberano, a única instituição capaz de promover desenvolvimento econômico e bem-estar para a sociedade.

É importante observar que o alto crescimento econômico observado durante a década de 2000 (ver gráfico 1) é ligado ao aumento dos preços internacionais das commodities e, particularmente, das matérias-primas energéticas, mas, não de forma tão mecânica o quanto aparece na literatura. Assim, como observa Serrano (2017):

“There was a very strong connection between the growth of Russian energy exports and the rate of growth of GDP. [...] one gets the impression that the domestic value added by the export sector (and its share of total employment) is not that big relative to the overall size of the economy or even, it seems relative to total autonomous demand. But, in spite of this, the growth of the economy seems to follow quite closely the growth of exports.” (SERRANO, 2017)

Essa aparente correlação entre crescimento do valor das exportações e crescimento do PIB russo levou muitos economistas, que sejam ortodoxos ou heterodoxos, a considerarem que a Rússia da década de 2000 ofereceria um caso típico de crescimento export-led (liderado pelas exportações). Porém, essa análise é contestável porque, como escreve Serrano (2017), “*the role of the growth of exports as a component of autonomous demand, as opposed to its financial role in alleviating the external financial constraints, [...] has been to a certain extent somewhat overestimated.*” O próprio argumento do alívio da restrição externa permitido pelo crescimento acelerado das exportações russas¹² não parece suficientemente sólido para explicar a robustez do crescimento do PIB russo na década de 2000. Em particular, não é levada a importância central do aumento do gasto público para a retomada da demanda agregada russa durante o período. Essa crítica é fundamentada por Serrano (2017) da seguinte forma:

“that strikes us as a rather mechanical explanation, and one that tends to ignore that balance of payments constraints, as the name says are just constraints not determinants, and so are by nature very asymmetrical. Indeed, while it is easy to see that there is some sort of upper limit of how much a country can lose foreign exchange reserves without running into serious problems, the opposite is not true. [...] There seems then to be some other factors at work. We believe we found a couple of these factors that may explain at least in part this strong correlation between exports and growth in economies where the internal market cannot be considered to

¹² Esse argumento segue a lógica estabelecida pelos modelos de balance constrained growth de tipo *kaldor-thirlwall* (thirlwall, 1979).

be small. One of them has to do with the fiscal regime and institutions. In some countries the taxation of exports has always been a major source of fiscal revenue. This combined with a traditional aversion to large fiscal deficits, either for political reasons or more structurally because historically the threat of balance of payments crises did not encourage anti cyclical policies, tend to make government expenditures and social transfers to move in line with fiscal revenue and thus with the export performance. This will give the clear impression that growth is directly led by exports, when in fact is being pulled also by government spending and transfers.” (SERRANO, 2017)

A crise financeira global de 2008, acompanhada de uma forte queda dos preços internacionais das matérias primas, teve consequências muito negativas para a economia russa, com uma queda do PIB de 7,8% em 2009. Inaugurou-se um período de baixo crescimento econômico que permanece até hoje (ver tabela 1). Essa situação ilustra a validade da argumentação desenvolvida em Serrano & Mazat (2017) e Serrano (2017). De fato, por conta de regras fiscais restritivas, o aumento do gasto público russo foi muito limitado depois de 2009, não permitindo políticas de estímulo à demanda efetiva. As sanções econômicas dirigidas pelos países ocidentais liderados pelos Estados Unidos contra a Rússia, particularmente depois do início da crise ucraniana em 2014 (ver mais detalhes na parte 3.4 desse capítulo), contribuíram ainda mais para a degradação da economia russa. A aproximação econômica com a China, marcada pela assinatura de uma série de acordos de cooperação em setores como de energia e da indústria em geral, beneficiou a economia russa, particularmente depois de 2015.

Tabela 1: Taxas de crescimento médio do PIB russo (1990-2019)

	1990-1999	2000-2008	2009-2013	2014-2019
Crescimento anual médio da Federação Russa (%)	<i>-4.9</i>	<i>7.0</i>	<i>1.1</i>	<i>0.8</i>

Fonte: Elaboração própria a partir de IMF (2020).

3.3. A nova projeção externa russa durante a era Putin

Putin teve, durante os anos de 2000, seu maior desafio à frente da presidência da Rússia. As diferentes transformações no sistema emergiam ao mesmo tempo em que ele estava no poder. Os americanos, embora hegemônicos, não confiavam na eficácia das normas

internacionais para manter a disparidade de poder que lhes outorgava o poder de unilateralidade. Tanto Rússia, quanto a China, estavam em trajetórias ascendentes e tentavam promover uma aliança estratégica entre si. A aliança estratégica tinha em comum o adversário americano. Nesse sentido, a década de 2000 viu florescer um novo arranjo de integração que unia países em desenvolvimento com possibilidades de promover mudanças na hierarquia do sistema. A Rússia tinha grande destaque nesse grupo que, também, incluía, Brasil e Índia. Os Brics se formariam em detrimento de uma política unilateral americana e buscariam aumentar a multilateralidade do sistema internacional. Em segundo lugar, as relações entre a Rússia e a China se desenvolveram construindo uma parceria estratégica que desafia a influência americana na Eurásia. E em terceiro lugar o renascimento do poderio militar e científico Russo que passa a ser um dos pilares da reconstrução econômica e política.

Embora a relação entre os dois países tenha sido conturbada durante os anos 2000 e 2010, no começo do novo milênio havia o interesse de ambos em transformar a inimizade da época da Guerra Fria em relativa cooperação. O que se buscava era em grande medida políticas em comum que pudessem servir para apagar algumas arestas. A luta internacional contra o terrorismo foi a base dessa breve cooperação entre os dois países. Em última instância, a política americana contra o terror teria consequências negativas para os russos. A política antiterrorista russa tinha como interesse maior a retomada da região do Cáucaso. O risco era causado pelo extremismo islâmico que existia na região e que buscava se separar da Rússia.

Enquanto os russos lutavam contra o terrorismo dentro de seu próprio território, os americanos, que também foram vítimas do terrorismo islâmico, lutavam nas bordas do território russo. As relações entre os dois países eram boas ao ponto de os russos aceitarem bases americanas ao lado de suas fronteiras no antigo espaço soviético. Há, a partir de 2003, uma inflexão na relação entre os dois países enquanto parceiros contra o terrorismo. O ponto central foi a incapacidade política dos americanos observada nas tratativas do conflito russo-checheno. Enquanto americanos acreditavam ser possível um processo político pacífico. No entanto, o desacordo se dava em razão dos ataques que esses grupos, denominados como terroristas pelos russos, praticavam em território russo. Não compreender a importância política que esse conflito representava para a consolidação de Putin internamente foi um passo em falso dado pelos americanos. Nesse momento, as ações promovidas pelo presidente russo ajudam a consolidar seu próprio poder dentro da Rússia e debelar os conflitos na região.

É preciso lembrar que a insegurança gerada pelas agressões históricas, justificadas ou não, fazem parte de uma constante na política externa e, conseqüentemente, nas políticas internas da Rússia. A vulnerabilidade do território russo demonstrada através dos últimos dois séculos acabou criando raízes profundas nas concepções de defesa e nos desdobramentos materiais dessas concepções. A história nos permite compreender que os russos nunca foram um povo marcado pelo progresso na parte política. Com o advento das nações no século XVIII, a Rússia foi capaz de manter uma nacionalidade ligado ao Estado, patriótica em relação aos deveres com o Estado e não com as liberdades individuais, traços que se mantêm durante a era soviética. A consequência dessas características é o papel central que as forças armadas têm na produção de política externa e interna segundo Kumar (2016).

As tradições russas não se adequam perfeitamente com as novas perspectivas políticas que são promovidas pelo ocidente. Principalmente quando se analisa a democracia americana como exemplo a ser seguido pelos Estados Nacionais. O liberalismo econômico e político, liderado pelos americanos e europeus, encontra resistência em países com valores tradicionais que não refletem essa visão de mundo. Dessa forma, não é difícil de compreender o porquê do aumento das tensões entre os russos e o ocidente. A partir desse momento, as instituições políticas russas passam a serem contestadas. A pressão por reformas políticas e econômicas que reflitam as vontades e instituições ocidentais, passam a serem um novo instrumento de enquadramento e dão sustentação “moral” para impôr sanções aos russos. A efetividade da centralização do poder na Rússia fez surgir o potencial russo e o temor que isso causa nos países ocidentais. O começo dos anos 2000, portanto, foram de altos e baixos na esfera da segurança e da defesa da Rússia. As invasões americanas no Oriente Médio, Afeganistão e Iraque, causaram maiores dificuldades para a estabilização da Rússia já que se criou um vácuo de poder com o fim do equilíbrio político nesses países, preenchido por extremistas islâmicos. A destruição desses Estados trouxe para a fronteira russa uma onda de instabilidade.

As políticas energéticas russas formam parte da rápida reconstrução do Estado, não só como fonte de riqueza, mas, também, como fonte de poder político. O uso de uma política unilateral e do imenso poder militar dos Estados Unidos para influenciar as políticas dos outros Estados ia de encontro com o que se esperava de uma país hegemônico. O papel exercido como “polícia global” tinha se invertido. No lugar de criar estabilidade e segurança, diminuindo os conflitos, o poder hegemônico americano era utilizado para romper com os paradigmas da teoria e avançar os interesses nacionais dos Estados Unidos.

No caso, Tsygankov (2009, 2014) comenta que tomar decisões que se mostrem unipolares é um grande erro e um risco para a estabilidade do sistema, principalmente quando se parte de um olhar estrutural desse sistema. Essa crítica está inserida em um contexto diferente do imediato Pós-Guerra Fria, em que os americanos não tinham inimigos consideráveis e dominavam o cenário político mundial. No entanto, a virada do milênio teve a ascensão de alguns países como a China, Índia e a própria Rússia. Cooperar seria a melhor maneira de se criar condições globais de crescimento e para que isso virasse realidade era importante que os americanos respeitassem e confiassem a esses países com o controle de suas áreas de influência.

A Rússia vinha sendo perseguida em razão de sua reconstrução. Enquanto estava de joelhos em relação aos outros países e governava de acordo com os preceitos liberais, era possível que esse país fosse inserido dentro da economia global, porém, de forma subalterna. A forma de encarar seu próprio poder como sendo “divino”, ou como tendo uma “missão civilizatória” impôs um viés autoritário entre os Estados Unidos e a Rússia. A capacidade de policiar e comandar o novo mundo globalizado, teve como princípio ideológico a construção de uma superioridade da cultura americana em relação às outras.

A russofobia, como descreve Tsygnakov em seu livro homônimo, foi um passo principal no sentido de criar uma ideia sobre a Rússia em que esse país era visto como atrasado e naturalmente antidemocrático. Os três maiores mitos sobre a Rússia, que estão em desacordo com preceitos ocidentais, são a nacionalidade exacerbada, o sistema político e a política externa. Portanto, Putin, após alguns anos de tentativas em cooperar com o Ocidente, teve que defender seu país desses mitos. O primeiro tende a exacerbar a nacionalidade russa como se oprimisse as outras ao seu redor ou mesmo as que existem dentro do território russo. Em segundo lugar, sua veia autocrática e centralizadora de recursos criaria pobreza e terceiro sua política expansiva que tanto traz insegurança para o seu exterior imediato. Tsygankov, 2009, Pg.32)

O que se promove dentro da política externa americana, através da criação dos mitos sobre a Rússia, é interesses do complexo industrial militar americano. A necessidade de se encontrar um inimigo é primordial para a manutenção da grande rede que compõe esse complexo. Um país como a Rússia é uma ameaça à hegemonia americana na região. Com os recursos naturais a estrutura científica e industrial herdada da União Soviética, as bases materiais para a reconstrução do poderio russo estão lançadas. O que preocupa, no entanto, é a formação de

um bloco de poder soberano e desenvolvimentista. O que faltava para alinhar as condições materiais com um projeto de nação foi o resgate do Estado Nacional e suas capacidades. E Putin foi a peça que estruturou esse bloco de poder.

Não se pode negar que as duas potências protagonizaram o grande conflito do século e mudaram, em grande parte, a forma do conflito. O fim da Guerra Fria trouxe um novo patamar de enfrentamento entre os dois países. O papel cumprido pelo revisionismo histórico foi fundamental para a construção da retórica antirrusa. O discurso da polarização entre o sistema democrático ocidental, e as instituições liberais, contra o comunismo autocrático, serviu para avançar os interesses ocidentais. A reutilização desse discurso tem a ideia de recolocar a Rússia no patamar que ela estava na Guerra Fria, patamar esse de grande inimigo da liberdade política e econômica. Como coloca Tsygankov (2009, Pg. 48), *“In Russia, however, the Cold War story has been mainly about sovereignty and independence, rather than Western-style liberalism.”*

O futuro da Rússia, portanto, estava ligado diretamente a reconstrução da sua sociedade, nação e Estado. O projeto de manutenção da hegemonia americana, principalmente no Oriente Médio, teve como consequência países desestruturados e incapazes de manter uma coesão territorial e institucional. A região se tornou um berço para interpretações extremistas do islã e a desestruturação dos Estados facilitou o crescimento de grupos terroristas.

O crescimento desses grupos trouxe instabilidade para a região. A integridade territorial russa foi continuamente desafiada por esses movimentos que tinham como foco principal a separação de algumas regiões em Estados separados da Rússia. Esse foi um dos problemas que dificultou uma maior aproximação entre a Rússia e os Estados Unidos. A diferente forma como tratavam as questões de segurança e principalmente como eram afetados pelo perigo terrorista eram traduzidas em políticas demasiadamente divergentes. Enquanto na Rússia o terrorismo estava politizado, e seu sentido era criar rupturas no território com efeito de descentralizar o poder, os americanos sofriam retaliações em razão de suas políticas de expansão da “democracia liberal” pelo mundo.

Segundo Tsygankov (2009), a retomada da Rússia durante os anos 2000 abriu espaço para que o lobby anti-rússia voltasse com mais força do que nos anos 90. A retomada a que se refere o autor, tem como base o uso do petróleo como fonte, não só de riqueza, mas para alavancar a política externa criando uma dependência estrutural da Europa com a Rússia em relação ao fornecimento de energia. A movimentação em direção a Europa trouxe a atenção do Ocidente

mais uma vez para a Rússia. O contraste maior estava nas condições em que a Rússia passou a negociar sua inserção no mundo globalizado. Enquanto na década de 90 a abertura teve como consequência a desestruturação da economia e sociedade russa, na década seguinte, a postura era de retomar o lugar desse país como potência. Para que isso se tornasse realidade, no entanto, era necessário reconstruir o parque industrial e o complexo industrial militar russo.

As características do Estado russo e de sua população foram um empecilho para a compreensão, por parte do Ocidente, das medidas tomadas para resgatar a sociedade russa. A questão da soberania do país, em relação aos americanos, se tornou o foco das políticas praticadas por Putin. Enquanto isso, o Ocidente mantinha uma estratégia de desinformação sobre a Rússia e sua cultura. Esse ataque midiático, embora tenha sido feito através das instituições americanas, foi feito com contundência para enquadrar esse país as regras do Ocidente. O retorno da potência russa era a grande ameaça ao *status quo* global.

Tsgankov (2009), identifica essa agenda com grupos de influência na política americana. Esse Lobby seria composto por figuras do alto escalão do governo americano. O objetivo desses lobistas seria enquadrar e destruir a capacidade desse país de formular qualquer tipo de desenvolvimento econômico e sociedade organizada. O isolamento da Rússia seria a consequência dessa agenda de confronto que prega valores ocidentais para impedir a inserção da Rússia no sistema internacional. Dessa forma, ao não implementar instituições ocidentais, os russos se tornam contestadores da ordem.

Por outro lado, Putin conseguiu reorganizar o Estado russo e capacita-lo para enfrentar o novo modelo de globalização. Partindo do exemplo da recente história russa, estava claro que havia a necessidade de se reorganizar a economia nos moldes de um Capitalismo de Estado. Essa nova perspectiva, diametralmente oposta ao que se viu durante a experiência soviética e a década de 90, tinha o Estado como a força motriz do desenvolvimento aproveitando sua capacidade de investimento e estrutura diplomática para garantir mercados e condições favoráveis em outros países. A política externa soberana do governo Putin teve influência direta no crescimento das exportações russas para países do seu entorno, principalmente a China e Índia.

Portanto, na esteira dos acontecimentos dos anos 2000, o governo russo foi testado em todas as frentes possíveis. A relação entre este país e os americanos foi a primeira parte do desafio que seria reerguer a Rússia ao nível de grande potência. A tentativa de reaproximação foi pouco construtiva, durando até a nova ofensiva americana contra a Rússia que aconteceu na

Geórgia em 2003. O segundo fator importante foram os conflitos internos que ajudavam a desestabilizar o poder central e buscavam a secessão do território. Esses novos movimentos foram insuflados em busca de resultados geopolíticos. O dismantelamento da autoridade central russa seria a última etapa da destruição do Estado. Esses movimentos, no entanto, sofreram com uma politização exacerbada e confluíram com o fanatismo religioso de alguns grupos muçulmanos.

Não obstante, as regiões mais importantes para a segurança russa estavam no centro da questão separatista e do fanatismo religioso. A guerra da Chechênia, que havia exemplificado o declínio russo na década de 90, foi, mais uma vez, um problema para o Estado russo durante a primeira década dos anos 2000. Foi necessária uma nova intervenção militar que culminou com a restauração do controle da Chechênia pelos russos. Essa medida resultou no fim das agressões, apenas pequenos conflitos se mantêm e são debelados pela polícia local (Tsygankov, 2009).

A intervenção na Geórgia segue um padrão análogo. As recentes “revoluções coloridas” que estavam se desenrolando durante o começo da década tinham o mesmo objetivo de desestabilizar os países que tinham uma política externa independente dos modelos americanos. Foi usada, principalmente, nos arredores da Rússia para que governos pró russos não fossem instaurados. A maior ênfase dada a esse tipo de conflito buscava ter maiores ganhos geopolíticos fugindo do custo de um conflito aberto ou desgaste diplomático.

Como nova medida de contenção promovida pelos americanos para obter ganhos geopolíticos, as novas revoluções se espalharam durante a década pelos países da antiga União Soviética. O caso da Geórgia, sendo emblemático, já que o país estava posicionado em uma região de grande tensão geopolítica em vista de sua proximidade com o Mar Cáspio e as riquezas do petróleo. Em segundo lugar, as tensões políticas em torno das reivindicações territoriais e de remoção de tropas russas do território georgiano aumentavam a tensão do relacionamento entre dois países. A chegada ao poder de Mikhail Saakashvili foi um ponto positivo para a política externa da Rússia. Contrariando seu antecessor, Eduard Shevardnadze, Saakashvili aproveitou para propor uma nova relação com os russos tendo em comum sua vontade de estabilizar a região e pôr fim ao terrorismo islâmico que vinha assolando os países vizinhos.

A “Revolução das Rosas”, promovida na Geórgia no ano de 2003, foi em certa medida, benéfica para os dois países. Tanto Rússia quanto a Geórgia puderam estreitar laços afetivos e políticos. Anteriormente, a relação desses países estava estremecida e a Geórgia tinha um viés

político ligado ao liberalismo ocidental. O ponto central da discórdia, não obstante, foi a ameaça que a entrada da Geórgia na OTAN representava para a segurança nacional russa. O movimento de aproximação entre a Geórgia e instituições como a OTAN e a União Europeia não seria desfeito de forma tão simples. Mesmo com a aproximação econômica entre os dois países, Saakashvili negociava com os dois extremos do espectro. Algumas arestas ainda eram incontornáveis. A entrada para a OTAN não era o único problema que se desenrolava para a geopolítica russa na região. Durante os anos de Saakashvili no poder, o projeto de gasoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC) estava sendo usado como objeto de pressão contra o Kremlin. A partir da sua conclusão, o oleoduto levaria petróleo de Baku até Ceyhan na Turquia sem utilizar o território russo ou sua infraestrutura.

Os casos da Ossetia e Abcásia passam por outras questões históricas que estão relacionadas à soberania dessas regiões na Geórgia. A solução para o problema dessas regiões estava na restauração das relações entre os russos e georgianos. A mediação, por parte do Kremlin, das eleições na Abcásia foi um exemplo de política externa ativa. Seu objetivo era retomar a influência russa na região através do apoio a setores que buscavam a separação dessa região da Geórgia. Os dois lados buscavam o controle da Abcásia, os russos através da diplomacia enquanto os georgianos apelavam para força.

Esse foi um novo ponto de inflexão para os dois países. Enquanto a relação se desgastava, a tensão aumentava. Como nos diz Tsygankov (2012, Pg. 238) sobre a nova relação da Rússia com a Geórgia, *“a chilly regression to the rhetoric of the Shevardnadze era.”* As acusações entre os dois tornaram a reconciliação menos provável. A Rússia usava o fornecimento de gás natural como forma de pressionar a Geórgia politicamente em aceitar a soberania da região da Abcásia.

As animosidades continuaram durante os governos de Putin. O fechamento de fronteiras assim como o aumento das tarifas de importação, foram medidas tomadas pelo governo russo que desagradaram a Saakashvili. O conflito se tornou inevitável através das decisões de ambos os países de aumentarem o tom das ameaças.

O caso emblemático ocorreu em setembro de 2006 quando foram presos quatro oficiais de inteligência que em seguida foram processados pela Geórgia. A resposta russa foi nada menos que assertiva. Com o corte das relações entre os dois países além de medidas de deportação e georgianos habitantes na Rússia. A diminuição do ritmo da retirada de soldados russos da região foi outra consequência desse conflito. Era necessário que se retomasse, portanto, a

capacidade perdida durante a década de 90 das forças armadas da Rússia. A confiança do governo russo na possibilidade de reconstruir sua relação diplomática com a Geórgia sofreu um contratempo com a insistência da Geórgia em se tornar membro da OTAN e da União Europeia. Tsygankov descreve da seguinte forma:

From that point on the Kremlin's policies went beyond measures to contain Georgia, indicating that Russia was no longer confident in the diplomacy of containment and was preparing for a possible military confrontation. (Tsygankov, 2012, Pg. 240)

O conflito armado entre a Rússia e a Geórgia teve consequências positivas para a Rússia e as regiões separatistas. Tanto a Abcásia quanto a Ossétia do Sul se tornaram soberanas em relação à Geórgia. A defesa do território da Abcásia foi central para que essa região se separasse do restante da Geórgia. Com o aumento das tensões entre esses dois países, ficou claro para os russos que uma posição mais ativa seria necessária para garantir sua posição geopolítica na região. Embora uma tentativa de reconciliação, por parte da Geórgia, tenha sido ofertada, as ações consequentes desse país mostravam diferente.

A guerra durou cinco dias. A intervenção militar da Geórgia teve uma resposta rápida e certa da Rússia. O governo da Geórgia acreditava estar respondendo a um ataque direto da Rússia e, portanto, acreditava que havia legalidade em suas ações. No entanto, a comunidade internacional teve uma atitude clara ao não disputar o resultado do conflito. Para Tsygankov (2012), a ação tomada por Saakashvili pode ter sido provocada pelo governo russo, que sabia que as provocações teriam como consequências uma intervenção não planejada por parte do presidente. Nesse ponto, Tsygankov (2012, Pg. 242) chama Saakashvili de “*Georgia's notoriously hot-headed leader*”.

Durante os primeiros anos do governo de Putin, os interesses da Rússia passaram a dar o tom das políticas externa, de segurança e defesa. A primeira percepção foi a crescente vulnerabilidade do país, diferente dos anos noventa em que os interesses nacionais estavam subordinados aos interesses globais. A reconstrução de um projeto de Estado forçou o governo a tomar medidas mais decisivas. A mudança na atitude presente nas questões do Cáucaso são um exemplo de maior assertividade na condução de seu entorno estratégico. O que se estava vendo durante o governo de Vladimir Putin era o que se esperava da Rússia no fim da Guerra Fria.

A política externa da Rússia foi um dos pilares do renovado orgulho russo. As tentativas de reequilibrar a balança de poder foram o foco da política externa soberana de Putin. No entanto, a construção de um consenso dentro das regras do sistema internacional não foi bem sucedida. E, portanto, a relação entre Estados Unidos e Rússia se deteriorou durante a primeira década dos anos 2000. No fim do confronto com a Geórgia, a Rússia tinha clareza sobre o relacionamento que deveria ter com os países em seu entorno. A política de contenção ativa, através da diplomacia, não foi o suficiente para manter a estabilidade da região.

A posição que o Cáucaso ocupa na política externa russa é semelhante ao que ocupa a Europa. A dificuldade, no entanto, que se apresenta nessa região comparada com a Europa é que impõe um posicionamento mais incisivo. O caso da Geórgia é emblemático em vista das suas regiões com movimentos separatistas. Não foi possível manter o diálogo com o governo georgiano e, ao mesmo tempo, avançar nos próprios interesses do Kremlin. Como consequência, o poder militar russo foi decisivo para que a região voltasse a normalidade. Tsygankov (2012), corrobora com a posição descrita quando diz que “*Russia cemented its military presence in the Caucasus by defeating Georgia and recognizing its autonomous republics’ independence.*”

O desenrolar da geopolítica no Cáucaso foi determinante para a reabilitação do Estado russo. O fim da União Soviética e a criação de novos Estados teve como consequência novas reivindicações por soberania e a construção de novas identidades nacionais. Esses novos ventos de liberdade foram um processo natural do fim da união que, com o passar do tempo, se tornaram objetos da política externa das potências ocidentais.

Em primeiro plano, as revoluções coloridas não apresentavam ameaça direta para a política externa russa, vindo à tona sua colaboração com as mudanças levadas à frente na Geórgia. No entanto, a dificuldade de manter as previsões acordadas, nesse caso a resolução diplomática dos conflitos internos, teve efeito negativo na relação entre a Rússia e a Geórgia. A causa maior de insegurança para a Rússia veio da fragilidade interna e da volatilidade dos países que estavam ao seu redor. Eram, essas novas repúblicas, de fácil cooptação no cenário internacional e de difícil coesão interna.

Para Jeffrey Mankoff, a guerra contra a Geórgia teve uma faceta interna pouco percebida. Em razão de sua retórica liberalizante com maior ênfase na inserção internacional e “soft power”, a assertividade na guerra demonstrou para Medvedev, que o poder estava na gestão estratégica e militar do seu entorno. (Mankoff, 2009, Pg. 14)

A política externa russa tinha como foco a volta da promoção dos seus interesses nacionais tanto no seu entorno imediato, quanto no sistema global. A distinção deve ser feita no seu alcance. Enquanto o seu entorno imediato é percebido como espaço de interesse direto e natural russo, a ação dentro do sistema internacional em espaços mais distantes deve respeitar as especificidades da região. O desdobramento dessa visão de mundo, em que a Rússia é vista como ator fundamental para o equilíbrio de forças no sistema, é que seus interesses serão perseguidos de forma natural e com base na promoção de sua soberania. Esse esforço passa pela intervenção através da força sempre que o balanço de poder estiver ameaçado. Mesmo durante a presidência de Medvedev essa postura se manteve. Segundo Mankoff (2009), essa retomada de uma política externa ativa seria uma tentativa de voltar a tempos passados em que conceitos como Balança de poder e Esferas de Influência eram usados e que hoje seriam “anacrônicos”.

Em espaços distantes de seu território a influência russa pode e deve ser sentida, segundo a orientação da política externa russa. No entanto, agir fora de seu espaço de interesse natural ou imediato deveria ser feito através de mecanismos multilaterais. Há, portanto, uma percepção de mundo muito clara que emana da política externa russa. O fato de reconhecer diferentes níveis de ação dentro do sistema internacional qualifica a Rússia, intelectualmente, como grande potência e promove uma alternativa à ordem hegemônica. Como não reconhece valores que sejam universais, no sentido de serem aceitos por todas as culturas de forma uniforme, a Rússia prefere interagir de forma bilateral para alcançar objetivos estratégicos a curto prazo.

A reconstrução do Estado russo foi um movimento importante por parte de Putin. Enquanto a humilhação causada pelos eventos dos anos noventa ainda assolavam o imaginário da população, o presidente buscava rever o equilíbrio interno. Esse equilíbrio estava ligado ao posicionamento político de grupos que estavam ou buscavam o poder na Rússia nos anos noventa. Parte dessa elite, portanto, foi cooptada por oportunidades de enriquecimento com a partilha dos bens do Estado russo. O processo de globalização no qual o Estado russo foi inserido tinha como pano de fundo, não somente a reestruturação da economia de acordo com os preceitos de mercado, mas também reescrever a história da Rússia.

Putin, por sua vez, compreende que não seria possível manter uma Rússia forte e independente com a consequente desestruturação da identidade de seu povo. A falta de uma coesão popular minaria quaisquer chances de se retomar uma política externa e uma economia soberana. Foi

importante seu resgate da autoestima do povo russo com a revalorização da sua história e seus símbolos. Como diz Richard Sakwa ao descrever a nova bandeira da Rússia,

“On 8 December the tricolour was confirmed as the Russian flag. It thus appeared that all three periods of Russian twentieth-century history had been reconciled: the tsarist, Russia’s brief experiment with democracy in 1917 and the Soviet”. (SAKWA, R. 2007, Pg. 220)

Foi possível, portanto, construir uma nova interpretação que abarcasse três períodos diferentes da história recente da Rússia de forma coerente e impedindo interpretações que manchassem esse passado. O projeto de resgate nacional que ressurgiu com Putin na liderança é uma resposta à destruição causada pelo fim da União Soviética e a imposição das medidas liberalizantes ao país. A incapacidade econômica da Rússia tinha efeitos claros na sua capacidade de intervir, seja por força ou diplomaticamente, no seu arredor estratégico impedindo uma política soberana. Era necessário reformar o Estado em criando um novo rearranjo de forças políticas com claro viés nacional com foco no resgate das tradições russas.

A gestão do novo projeto nacional tinha a influência de um grupo ligado às questões de defesa e segurança. Os *Siloviki*¹³ tinham a gestão das áreas estratégicas para o desenvolvimento das capacidades do Estado. No entanto, era necessário criar os meios materiais para alcançar os objetivos impostos pela nova conjuntura mundial. O aporte do Estado na economia já não era mais um tema indiscutível como era na década anterior. A nova era na Rússia tinha como preceito principal uma mistura entre o Mercado e o Estado.

O Estado russo, administrado por um bloco de poder nacionalista e desenvolvimentista, promove um projeto nacional de desenvolvimento alavancado pelos recursos financeiros provenientes dos recursos energéticos que a Rússia possui. O petróleo e gás natural russos foram centrais na retomada do crescimento e na capacidade de fazer política que os russos tiveram na primeira década de 2000. Através das rendas desses produtos foi possível promover uma nova onda de industrialização. A reformulação das instituições ligadas ao

¹³ O termo “Siloviki” é representativa de uma parcela comandante do Estado Russo que foi, e continua sendo, bem presente no governo de Vladimir Putin. São funcionários provenientes das forças policiais e de segurança do Estado. Para ver mais sobre os “Siloviki” ler Taylor, B. D. (2011). *State Building in Putin’s Russia*.

desenvolvimento econômico teve grande sucesso em promover o resgate do Estado das mãos dos oligarcas justo como propunha Putin (Sakwa, 2008). Esse novo arranjo deu estabilidade para a reconstrução do Complexo Industrial Militar russo.

A realidade das novas configurações políticas globais estava se impondo lentamente. Uma nova era começava depois de um desequilíbrio muito grande entre as grandes potências no Pós-Guerra Fria e estava claro que os russos fariam parte dessa nova conjuntura de forma bem atuante e não subordinada. Para isso, havia a necessidade de se reorganizar as estruturas econômicas do país para que fizessem frente as novas demandas do jogo econômico. A Rússia, em sua trajetória de desenvolvimento recente, contou com uma estrutura industrial herdada da União Soviética.

Essa estrutura industrial, principalmente a indústria ligada ao setor militar, deve ser adaptada para competir em uma economia mais dinâmica e transformar esse setor em mais um instrumento do poder russo. O Complexo Militar Industrial russo foi uma herança da antiga União Soviética. Assim como foi positivo para a rápida reconstrução da soberania russa durante as últimas duas décadas, o CIM herdou alguns vícios que deveriam ser sanados para que a modernização desse complexo se conformasse com a construção de um moderno sistema nacional de inovação. Como nos explica Richard Sakwa.

However, as German Gref, the minister for economic development and trade, noted, the existing sources of growth, above all rapid development in the oil and gas sector, spare capacity and a relatively low rouble exchange rate, were exhausted and the only means to maintain high growth rates was to increase labour productivity and to diversify the economy. (SAKWA, 2008, Pg 246.)

A diversificação da economia dependia agora da modernização dessas indústrias de alto valor agregado e grande capacidade tecnológica. A realização da nova Rússia como grande potência dentro no novo sistema internacional deveria vencer desafios mais complexos que aqueles vividos pelos soviéticos. O crescimento chinês e o domínio tecnológico americano pressionaram os russos a modernizar sua economia, assim como buscar a diversificação de sua pauta exportadora. Não se trata mais de propor uma nova visão de mundo capaz de rivalizar com a visão ocidental. A Rússia se reformou com a chegada de Putin ao poder representando uma parcela nacionalista da população e acabou financiando a reconstrução do Estado através da renacionalização de recursos energéticos.

O avanço para dinamizar outras áreas da economia russa foi um salto importante para poder promover uma nova dinâmica econômica e, também muito importante, voltar a fabricar armamentos de última geração reformando suas forças armadas. A junção entre as forças armadas e a preparação para a guerra com os Sistemas Nacionais de Inovação geram um dinamismo que transcende, em muitos casos, a esfera militar e acaba absorvida pelo setor civil. A Rússia passa a promover essa nova dinâmica nacional de desenvolvimento. A inovação e produtividade deveriam ser puxadas pelo setor de alta tecnologia militar que, por sua vez, deveria se esforçar para ganhar parcelas do mercado global.

3.4. A reconstrução do complexo industrial militar russo durante a era Putin.

A inserção da Rússia na competição global se deu através da modernização das suas estruturas produtivas. Essa nova etapa surge com a necessidade de criar uma dinâmica para a economia russa que passava a esgotar seu modelo de exportação de recursos energéticos. Os conflitos regionais em que a Rússia estava comprometida desde da metade da década de 90 foi o incentivo para a modernização de suas forças armadas e reorganização da política externa. As tensões entre os Estados do Ocidente e a Rússia, principalmente nos seus arredores, foi crucial para repensar as bases materiais do seu poder.

A maior constância dos conflitos armados chocou se com outros desafios que o Estado russo não tinha como protelar. Era importante que a população russa recebesse parte dos benefícios materiais que o desenvolvimento da economia vinha trazendo e, portanto, a manutenção de forças armadas ineficientes e obsoletas não poderia voltar a ser um fardo para o País. O acirramento da competição Estatal nos pós-crise de 2008 obrigou a intensificação da interação entre o mercado e a indústria de defesa. Os objetivos militares dariam um propósito para o avanço científico, tendo como base a doutrina militar e objetivos específicos de cada braço das forças armadas (IZYUMOV & KOSALS, 2011). Os militares se encarregam de propor os objetivos e novas tecnologias a serem desenvolvidas enquanto o mercado se encarregaria de criar escala e dar maior eficiência a produção. A questão da nacionalidade, em vista da própria natureza dessas indústrias que devem estar dentro do território nacional a qualquer custo, é importante para manter a liderança em setores com alto valor agregado a alta dinâmica de inovação. É imprescindível que os segredos industriais e o conhecimento acumulado sejam mantidos dentro do controle do Estado como nos explica Judith Reppy abaixo.

“I would argue that in the defense industry the essentially national character of the national industries remains quite strong for the United States and most European countries, and that this is generally the case where defense industries have been important components of national systems of innovation. “(REPPY, 2000, Pg.8)

A relação, portanto, entre o Sistema Nacional de Inovação e a indústria de defesa tem suas características bem definidas em relação a outros complexos industriais. A razão da guerra incentiva a criação de objetos cada vez mais sofisticados com capacidades relevantes dentro de vários setores da economia. Novas tecnologias acabam tendo funções diferentes dos originais tendo papel importante em novos mercados e no desenvolvimento de novas tecnologias também.

Somente uma junção dos assuntos militares com o incentivo para constantes inovações consegue romper com o conservadorismo fiscal em uma sociedade. A defesa da soberania e a capacidade expandir seu poder, estão relacionados com a capacidade de produzir internamente os materiais necessários. Os processos de produção, inovação e institucionais que estão vinculados ao C.I.M dependem da capacidade de financiamento do Estado. Os altos custos de produzir tecnologia de ponta para uma guerra não são economicamente viáveis dentro de uma lógica de mercado ou de investimento privado.

Judith Reppy (2000), por sua vez, concorda que essas sociedades que estão convencidas que de que a liberdade econômica é a maneira mais eficaz de se promover o desenvolvimento normalmente se utilizam do argumento da segurança nacional para usar o orçamento do Estado para financiar essas novas tecnologias. Em relação ao sistema de inovação herdado pela Rússia, é importante compreender que a sua restauração não deve ter como horizonte a estrutura pensada para a União Soviética em seus tempos áureos. A política neoliberal teve uma grande parcela de culpa na desestruturação do sistema nacional de inovação na Rússia. A incapacidade de se inserir o país na economia capitalista de forma estruturada teve o efeito de acabar com o acúmulo de conhecimento característico desses sistemas.

A dispersão desses recursos impediu a inserção estratégica dentro do novo paradigma econômico proposto para o país e, conseqüentemente, se tornou alvo da desestruturação do Estado. A importância estratégica desse sistema estava ligada a produção de novas tecnologias militares que, por sua alta capacidade acumulada durante os anos soviéticos, eram um dos pilares do poder dos russos. Portanto, não era possível ater-se somente a questão econômica dentro da privatização dos bens do Estado. Retirar o *status* de grande potência da Rússia demandava impedir que a condição de manter seu poder militar fosse relegada ao pagamento

de salários de soldados e manutenção de tecnologias obsoletas. A criação de novas tecnologias capazes de manter um equilíbrio na balança do poder foi desmantelada em sua raiz.

Destarte, o impacto não foi somente na capacidade de financiar o complexo industrial militar, mas a condição de articular projeto de desenvolvimento com projeto nacional de defesa e soberania. Segundo Judith Sedaitis (2000), no final da década de 90 o complexo industrial militar russo tinha em torno da metade do tamanho do soviético. O conhecimento acumulado durante os anos, através dos cientistas, acaba se dispersando em vários outros setores diferentes ou sendo atraído para trabalhar em outros países. Dessa forma, podemos perceber a gravidade da situação que o complexo industrial militar russo se encontrava durante essa década de ataque direto contra o país. Para Kuznetsov (*apud* Sedaitis 2000, Pg. 153), em torno de 13-17 por cento dos pesquisadores teriam saído do complexo industrial militar por ano.

O complexo industrial militar vinha se transformando nas duas principais potências mundiais. O fim da Guerra Fria diminuiu a aceitação do discurso beligerante necessário para a manutenção de investimentos vultuosos em tecnologia militar. Para que se mantivesse, era necessário que essas tecnologias encontrassem utilidade no mercado civil. A capacidade americana de articular as duas posições era, e continua sendo, muito maior que a russa em vista das suas capacidades estruturais na economia global. O fim do discurso beligerante, no entanto, teve maior impacto negativo para os russos. A capacidade de intervenção global, característica dos americanos, foi desenvolvendo outros discursos e inimigos cada vez mais sofisticados. Os russos deviam enfrentar seus conflitos separatistas através da diplomacia.

Essa subordinação dos russos ao papel de ator secundário seria enfrentado por Putin mais adiante. Era importante que se conseguisse reverter a dispersão do complexo industrial militar dando maiores objetivos e dinâmica para seu funcionamento pleno. Dessa forma a renovada política externa cria um propósito para reerguer a capacidade militar russa. As reformas militares deram maior especificidade e orientaram os novos campos de pesquisa e desenvolvimento. A dependência estrutural nos recursos energéticos serviu de impulso para a articulação com o mercado nacional e internacional. Em última instância, o sistema de inovação da Rússia existia embora não funcionasse como nos diz Leonid Gokhberg (2003).

Durante grande parte dos anos 90, os vícios acumulados pelo sistema durante a época soviética se mantiveram com o agravante do Estado sendo incapaz de comandar essa estrutura. A terapia de choque com a introdução do mercado de forma abrupta impediu qualquer tipo de reorganização planejada para o sistema de inovação russo. Não era possível transformar um

sistema tão grande, complexo e dependente do Estado em um sistema eficiente capaz de articular com o mercado todo o conhecimento acumulado. A organização do sistema de inovação russo foi um empecilho muito grande no momento da transição tanto pelo seu tamanho quanto pela interação entre os vários componentes.

O sistema de inovação se confunde com o Complexo Industrial Militar na Rússia muito mais do que qualquer outro país. Enquanto os americanos propuseram a diversificação, pelo mercado, das tecnologias oriundas do CIM os russos impediam que essa dinâmica fosse levada a cabo em vista de serem tecnologias militares com alto valor estratégico. Tanto Gokhberg quanto Seidatis acreditam que a nova institucionalização prevista durante os anos noventa não terá sucesso em vista da sua contínua dependência do Estado para o financiamento das pesquisas e a nova reorganização das instituições. O crescimento das firmas encarregadas da pesquisa e desenvolvimento, em detrimento do investimento nas universidades e firmas já existentes não ajudou a criar uma complementariedade entre o conhecimento e a produção (Gokhberg, 2003). Para o autor,

The only kind of institutional changes occur in the form of a splitting of existing organizations or creating new research institutes as legal entities rather than improving research capacities of firms and universities, although they form the backbone of innovation systems in countries with mature market economies. (GOKHBERG, 2003. Pg. 6)

O compromisso com a renovação da economia dependente de recursos energéticos para uma economia dinâmica e competitiva capaz produzir objetos com alto valor agregado passava por uma reestruturação capaz de induzir o investimento privado no setor de tecnologia. O conhecimento acumulado durante as décadas não será suficiente para reconstruir um sistema de inovação dinâmico. É importante que o setor de ciência e tecnologia tenha maiores investimentos em tecnologias de base e, assim, poder liderar esse novo processo de desenvolvimento russo.

A crise de 2008 foi um percalço para a economia russa. Com uma economia que voltava a crescer durante os anos de Putin, a crise financeira mundial teve consequências negativas para a manutenção do crescimento econômico desse país. Não obstante, a relevância de um Estado forte e estruturado fez se cumprir no momento de administrar os impactos negativos da crise na Rússia. Algumas diretrizes foram promovidas para tentar manter o nível da produção e do emprego.

Lenina Pomeranz (2009) cita a preocupação com a capacidade do Estado de implementar essas novas diretrizes aos agentes econômicos. O Estado não agiria somente como fonte de financiamento de última hora, passaria também a promover o planejamento das empresas beneficiadas pelo financiamento público. Algumas medidas tomadas tinham como foco a produção e não somente o circuito financeiro russo. O importante na estratégia do governo era impor a responsabilidade desses agentes com o dinheiro público e que a crise fosse utilizada de forma racional para impulsionar a reestruturação da economia russa através da substituição de importações e promover o desenvolvimento. Como nos explica Pomeranz,

O foco da discussão centrou-se na economia real, ainda que em sua alocução o presidente tenha chamado atenção também para a necessidade de se garantir a estabilidade dos bancos regionais, de pequeno e médio porte, concentrados nas regiões. Mas a discussão foi colocada num plano mais amplo, relacionado com as linhas estratégicas de desenvolvimento, ou seja, com a necessidade de se assegurar a competitividade das empresas russas por meio da inovação. (POMERANZ, 2009. Pg. 325)

As políticas adotadas, assim como as medidas para implementá-las, não foram suficientes para manter os níveis macroeconômicos anteriores à crise. Foram importantes para reacomodar os setores estratégicos diante da crise e impedir um impacto maior que causaria grandes problemas políticos para o governo. A atuação, no auge da crise, demonstrou o amadurecimento do Estado russo em relação ao que era na década de noventa. O desenvolvimento das novas diretrizes do desenvolvimento econômico russo foi mantido mesmo durante a crise. O projeto tinha como foco a criação de uma capacidade de inovação que elevaria a produtividade de seus setores estratégicos. Esse ponto traria consequências positivas para a redistribuição de renda que era, também, um dos pontos da política de desenvolvimento.

Segundo Pomeranz (2009, 2011), a intenção do governo, em sua estratégia de desenvolvimento a longo prazo, até 2020, era de que as empresas da indústria deveriam representar uma parcela significativa do conjunto chegando a 40-50% do total. O mesmo se esperava da relação com a produção que os produtos de alta tecnologia tivessem entre 25-35% do total.

A modernização da economia vinha na esteira do desenvolvimento de novas formas de inserção na economia global. A dependência estrutural da economia russa nos recursos energéticos deixava o país subordinado aos preços internacionais do petróleo e a política

externa de outras potências. A crise de 2008 acelerou a proposta de modernização. Como buscava aumentar a produtividade de suas indústrias e a composição tecnológica, foi necessário promover os setores ligados ao Complexo Industrial Militar. Seria a partir dessas empresas que o Estado voltaria a empreender seu projeto nacional e a continuar o resgate de sua soberania. Desde a crise financeira, a retomada mundial das economias nacionais se daria através de conflitos de interesses e não através da cooperação.

A competição interestatal no pós-crise estava se acirrando e gerava crises financeiras em grande parte do globo. Competir no mercado global demanda maior capacidade tecnológica do que em outros tempos. As dificuldades começam na produção de bens com alto valor agregado e, portanto, intensivos em tecnologia. Fechar o hiato tecnológico hoje em dia é bem mais difícil do que foi no período soviético. Os setores da indústria que o compõe são dependentes em pesquisa e desenvolvimento. Como dito anteriormente, apenas o Estado promove o desenvolvimento das pesquisas básicas em vista de dificuldades que envolvem essas pesquisas. Ser competitivo no mercado global em setores estratégicos demandará muito esforço e planejamento com as tecnologias que se domina, outras que deverão fazer parte dos novos projetos alinhados com o CIM. O desenvolvimento e reorganização desse complexo busca promover esse encontro. Alinhar aquilo que se tem de alta qualidade herdado da União Soviética e promover sua modernização. Para isso, como mostra Lenina Pomeranz (2011), foi importante a ação do Estado em planejar e financiar esses setores.

Cabe somente ressaltar que o total dos recursos destinados às medidas anticrise adotadas no orçamento de 2010 soma RUB 195 bilhões e contempla como itens principais o apoio a empresas e organizações consideradas conformadoras do sistema e a empresas estratégicas do complexo industrial-militar, executoras de encomendas do governo (RUB 40 bilhões), e à compra, por órgãos da administração federal, de técnica automobilística e de construção rodoviária (RUB 20 bilhões). (POMERANZ, 2011. Pg. 162)

A promoção da estratégia de desenvolvimento que segue no pós-crise de 2008 vai de encontro com as demandas internacionais para a acumulação de poder tanto no âmbito econômico quanto no político. A clareza que se propõe a modernização da estrutura de inovação da economia russa demonstra que o projeto político vencedor internamente crê, e compreende, nos pilares da situação geopolítica e geoeconômica em que se encontra a Rússia. O incentivo ao desenvolvimento de uma economia inovadora e capaz de competir internacionalmente esteve presente ao longo do processo de reconstrução do Estado. O incentivo foi em direção à

criação de um sistema de inovação que tivesse dinâmica e impulsionasse o desenvolvimento de novas tecnologias e sua posterior promoção nos mercados mundiais.

O papel do Estado seria bem diferente daquele desempenhado pelo Estado soviético. Embora a construção de um sistema demande uma burocracia que promova os setores mais importantes para os objetivos estratégicos do Estado, nesse momento a iniciativa privada tem um papel central e ativo no projeto. Diferente dos soviéticos, o processo deve se desenvolver através da maior cooperação entre os agentes desse sistema impedindo, assim, que gargalos sejam criados em consequência de ineficiências administrativas ou pela falta de articulação entre os centros de inovação e produção. Esse é o problema que os russos devem resolver segundo Lenina Pomeranz:

Com isto, a cadeia de criação de produção inovadora na Rússia fica interrompida: a pesquisa fundamental não se transforma em aplicada; esta, em projetos construtivos; e estes, finalmente, em produção industrial. Os elos da cadeia estão desvinculados uns dos outros, resolvendo cada um deles suas próprias tarefas. (POMERANZ, 2012. Pg. 188)

Nesse ponto, apesar das dificuldades, podemos encarar o projeto de desenvolvimento nacional baseado na inovação um projeto com claros impactos positivos. Esse projeto toma como um dado objetivo a centralidade das novas tecnologias no mundo globalizado. Portanto, partindo do pressuposto da natureza realista do sistema internacional, devemos concluir a inovação está ligada à capacidade de competir no mercado global, mas está principalmente ligada aos objetivos militares dos Estados em primeiro lugar. A competição interestatal possui dinâmica própria criando incentivos àqueles que acumulam poder e expandem suas influências. Construir armas melhores e mais avançadas tecnologicamente faz parte central da luta pelo poder.

Nos últimos trinta anos a Rússia esteve envolvida em alguns conflitos no qual precisou intervir militarmente. Com a desestruturação do sistema de inovação e da capacidade do Estado de financiar o desenvolvimento do Complexo Industrial Militar, o poderio bélico russo foi se transformando em um poder obsoleto e incapaz de cuidar da segurança e defesa do território. Como discutido anteriormente nesse trabalho, o sistema de inovação ligado aos objetivos estratégicos do Estado é capaz de criar uma dinâmica inovadora que poucos outros complexos possuem. Os objetivos da guerra facilitam o manejo de grandes somas recurso para o

financiamento de pesquisa e desenvolvimento. Não obstante, promove a maior capacitação das forças armadas nacionais.

O CIM russo tem a sua centralidade assegurada no projeto de desenvolvimento recente da Rússia em vista, principalmente, do acirramento das tensões em sua área de influência direta e da importância de promover o equilíbrio de poder entre as novas e velhas potências. Andrei Frolov (2017), cita o presidente Putin e a Estratégia de Segurança Nacional, quando diz que o desenvolvimento do Complexo Industrial Militar é de importância ímpar para a continuidade da política externa independente e a modernização das forças armadas com o propósito de produzir e promover armamentos de alta tecnologia.

O CIM russo deve ser reformulado com o plano GPV 2011-2020¹⁴. Mesmo com o alto investimento do Estado na produção de armas para as forças armadas russas, deve se ter em mente que a dificuldade de se produzir armamentos tão qualificados em tão pouco tempo. A Rússia, por sua vez, não é soberana em tudo que produz dentro de base industrial tendo que cooperar, em certos casos, com outros países fornecedores de peças. Essa falha estrutural está ligada ao tempo em que a Rússia fazia parte da União Soviética e que tinha em todo território, fábricas que constituíam a base industrial de defesa. Esse obstáculo deveria ser transposto em vista da grande fragilidade que cria para a capacidade de defesa e provisionamento militar da Rússia.

Os altos e baixos na relação da Rússia com os países ocidentais, assim como sua dependência energética na Rússia, permitiram à Rússia uma posição geopolítica favorável que culminou com o acirramento das tensões e a investida na zona de influência imediata russa. Embora a produção de armas com alto teor tecnológico já estivesse nacionalizada havia a necessidade de criar condições de produzir dentro de seu próprio território como explica Frolov:

The overall picture was presented in the summer of 2015 – according to the Ministry of Defence, between 2014 and 2025, at least 826 types of weapons and military equipment, formerly purchased from foreign suppliers, are scheduled for import substitution. (FROLOV, 2017. Pg. 11)

¹⁴ Gosudarstvennaya Programma Vooruzheniya, GPV 2011-2020 . Programa de Rearmamento do Estado Russo 2011-2020.

A substituição de importações de produtos ligados à defesa era um ponto central do planejamento da indústria bélica russa. Em muitos casos a questão envolvia a promoção do desenvolvimento das partes importadas visando maior soberania em caso de conflitos. Em outros casos, a cooperação com outros países teve seu fim em vista da diminuição da qualidade dos produtos. O caso da Ucrânia é emblemático para exemplificar esse movimento de substituição de importações visando maior capacidade estratégica e por falta de qualidade. O distanciamento entre a Rússia e a Ucrânia fortaleceu o consenso de que a interdependência entre os países era uma fragilidade muito grande para a Rússia mesmo atuando através da geopolítica energética, a Ucrânia mantinha certo poder de barganha em relação aos artefatos militares russos e em certas tecnologias aeroespaciais.

Entre 2010-2014 a importação de motores de avião subiu de 404 para 653 com valor superior a 500 mil dólares¹⁵. Por outro lado, as turbinas a gás desenvolvidos para as fragatas *Admiral Butakov*, *Admiral Istomin* e *Admiral Golovko*¹⁶ foram suspensas provocando o adiamento da construção de outros navios até a desenvolvimento de turbinas de produção russa. A posição russa de se tornar mais independente em relação às importações da Ucrânia foi uma medida acertada. A ruptura do processo se deu em 2014 com os protestos contra o governo ucraniano que culmina com a subida de um governo pró-ocidental. Esse evento leva a anexação da Crimeia pela Rússia para manter a sua base naval em Sevastopol. Essa anexação não foi reconhecida pelos países ocidentais (SAKWA, 2015) e marcou o início de nova onda de contenção passava a ser promovida ao redor da Rússia e o Complexo Industrial Militar russa era um alvo claro.

O projeto de reequipar as forças armadas através do desenvolvimento de inovações e compras governamentais teve impacto positivo embora pequeno para os padrões russos. No entanto, a promoção dos armamentos russos no mercado global de armas tenha sido bem-sucedido mesmo sendo embrionário. A exportação de armamentos presta um papel importante no desenvolvimento de alguns setores da indústria bélica. As vendas de novas plataformas de defesa compõem parte significativa da receita do Complexo Industrial Militar. Segundo Frolov

¹⁵ Segundo Andrei Frolov (2017), a produção de artefatos militares foi interrompida em algumas ocasiões em razão da substituição de importações e por causa da piora na qualidade dos produtos ucranianos, como, por exemplo, cabos marinhos.

¹⁶ FROLOV, A. 2017. Pg. 14

(2017), a questão que se põe no momento é a possibilidade de se manter o crescimento das exportações que atingiram um patamar de 15 bilhões por ano durante o biênio 2013-2015.

A relação entre o Complexo Industrial Militar e o sistema de inovação na Rússia é rigorosamente fechada. Sendo que, durante o período soviético, os dois eram a mesma coisa, a modernização da economia passou a promover a desmilitarização do sistema de inovações, tido como o grande problema da URSS. Portanto, a nova visão de um sistema de inovação que consiga produzir tanto para o mercado quanto para as forças armadas questiona a necessidade de um Complexo Industrial Militar sendo que a proposta não seria mais ter uma articulação que partisse dos objetivos e tecnologias especificamente militares transbordando, em seguida, para o setor civil.

A promoção de tecnologias de uso dual teria o efeito de deixar obsoleto o desenvolvimento de um complexo de grandes proporções. O sentido seria invertido tendo que o setor de defesa buscar, em tecnologias desenvolvidas para o setor civil, usos militares. Compreender a necessidade de desenvolver um CIM é importante e depende, claramente, das ambições e capacidades de um país. O caso da Rússia é emblemático de construção de um complexo capaz de inovar e produzir armamentos necessários para a segurança e defesa desse país. Por outro lado, países com menores condições econômicas e sem papel relevante na geopolítica mundial, devido ao seu tamanho, não precisam ter um projeto nacional que inclua um CIM. O caso da Rússia, no entanto, vai de encontro com a tese da tecnologia de uso dual.

A questão que se levanta, no entanto, é como mediar a funcionalidade de um sistema de inovação e sua aplicação militar. Segundo Bukkvoll, Malmjöf e Makienko (2017), é importante que os dois sistemas consigam coexistir. Ambos teriam que melhorar a sua articulação e dividir o fardo dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento. O setor privado deveria estar mais conectado com os centros de pesquisa militar e buscar promover tecnologias aplicadas no mercado global. Nesse sentido, teríamos a divisão de tarefas entre o setor civil e o militar com os militares financiando a pesquisa em tecnologias aplicadas enquanto parte significativa das pesquisas base.

OBSERVAÇÕES FINAIS

O complexo industrial militar da URSS foi, e continua sendo, central para a sobrevivência do Estado russo nos dias de hoje. Nos tempos de URSS, o CIM possibilitou o enfrentamento com os americanos no contexto da Guerra Fria. A guerra toma uma centralidade, principalmente no desenvolvimento de novas técnicas, deixando de ser vista como consequência das vontades particulares de príncipes e reis, e se tornando parte da estrutura econômica das nações. A ciência é introduzida no decorrer das guerras mundiais do século 20 e será, desse momento em diante, um dos pilares da acumulação de poder. A inclusão de centros pesquisa e universidades com o esforço de guerra deu a esse novo fenômeno uma nova dinâmica.

O poder, objetivo final dos Estados no sistema internacional, passou a exigir novas formas de acumulação, como por exemplo, uma alta capacidade de inovação aliado à crescente rapidez do processo. Essa posição está de acordo com o que propõe Susan Strange. O conceito de Poder Estrutural de Strange nos oferece um caminho para compreender essa nova realidade nas relações internacionais. O olhar multidisciplinar está no centro do argumento Estrutural. A partir dessas estruturas de poder, é possível entender a nova dinâmica internacional de acumulação de poder no sistema internacional. A dominação, a partir da montagem dessas estruturas de acordo com uma orientação estratégica própria, é fundamental para a sobrevivência dentro do Sistema de Estados.

Portanto, a precisão da contribuição de Susan Strange para o debate, e para a análise das relações internacionais, traz robustez para um campo que tinha poucas contribuições próprias. O entrelaçamento dessas estruturas, segurança, conhecimento, financeira e produtiva, possibilita aprofundar a compreensão das complexas relações entre os Estados. Dessa forma, a simbiose entre as estruturas viabiliza o desenvolvimento social-econômico do Estado. Diferentemente do aspecto interno, quando se olha para as ações do Estado no sistema internacional, surge o incentivo de acumular poder. Enquanto internamente o Estado é legítimo em seu monopólio do poder, quando se trata da arena internacional, não se encontra uma estrutura legítima de poder. Acumular poder se torna um objetivo central da existência dos Estados e garantidora de sua longevidade. As estruturas de produção, conhecimento e financiamento são os pilares da sobrevivência dos Estados e do seu acúmulo de poder.

O contexto da Guerra Fria acelerou o desenvolvimento dessas estruturas e sua internacionalização. A constante preparação para a guerra entre as duas superpotências estimulou a criação dos Complexos Industriais Militares, que promoveram o desenvolvimento

de novas tecnologias e o avanço da ciência no que se criou, também, um efeito contrário. A partir do investimento na ciência de base foi possível impulsionar mudanças paradigmáticas. O Estado, portanto, é a estrutura principal a partir da qual todos os outros elementos se articulam para promoverem desenvolvimento econômico e social. Nesse sentido, tanto Mazzucato quanto Strange concordam no que diz respeito a utilização das capacidades do Estado no desenvolvimento. Mazzucato, no entanto, acrescenta um detalhe importante para o debate sobre a ineficiência do Estado estar, não na sua atuação, mas na qualidade dos seus investimentos. Enquanto o setor público busca investir em setores estratégicos para a economia, o setor privado busca ter ganhos financeiros à curto prazo. Portanto, o setor público busca financiar as pesquisas necessárias para a inovação tecnológica em termos de novos paradigmas. Não há incentivo financeiro, à curto prazo, para investidores privados. Estes fazem parte do sistema em uma etapa mais adiantada do processo em que se busca difundir as novas tecnologias e cortar custos de produção. O setor público, por sua vez, possui objetivos estratégicos e militares que dão prioridade ao desenvolvimento de novas tecnologias apesar dos custos financeiros dos mesmos.

Peter Evans complementa o que Mazzucato propõe. Evans deixa claro a necessidade de um projeto que tenha o Estado como centralizador. A inserção dentro da divisão internacional do trabalho só pode ser modificada se for observado um projeto nacional. Esse objetivo é importante para que se busque novas soluções e novos caminhos para o desenvolvimento econômico. A mudança na hierarquia do sistema internacional depende de caminhos distintos entre os países. Cada qual deve pensar em uma forma em desenvolver suas capacidades de acordo com suas próprias condições materiais.

Nesse sentido, alocar os recursos que o Estado tem acesso de forma eficiente, se torna fundamental para uma estratégia de desenvolvimento soberana. Portanto, a construção de um Complexo Industrial Militar tem um efeito positivo. Pivetti é importante porque nos esclarece o papel que essa estrutura tem no desenvolvimento dos países. Os gastos militares são um importante meio para a manutenção da demanda efetiva em uma economia. Partindo desses gastos, foi possível manter um baixo nível de desemprego. Embora não crie capacidade produtiva e não tenha como objetivo o mercado civil, os gastos militares não deslocam o investimento privado na economia.

Portanto, o papel do Estado é multidimensional quando se trata de um Complexo Industrial Militar. Partindo da ocorrência da guerra e da importância do acúmulo de poder para a defesa

e promoção dos interesses nacionais, a estrutura burocrática do Estado é capaz de promover o desenvolvimento social e econômico. Dessa forma, as relações de poder em um sistema internacional que incentiva o conflito, seja ele bélico ou econômico, fortalecem o argumento do CIM. Os complexos são instrumentos do poder do Estado e precisam de um objetivo estratégico para funcionarem de forma eficiente. Foi, portanto, o ambiente dinâmico criado por objetivos militares e o conhecimento das universidades que possibilitaram grandes avanços, tendo a ciência tomado a dianteira do processo de acumulação de poder.

A economia soviética era planejada e centralizada pelo Partido comunista na figura do Gosplan. A ordem de prioridades econômicas era primeiro o investimento, gasto militar, subsistência e bens públicos, no geral, por último. O Complexo Industrial Militar soviético tinha prioridades sobre todos os outros segmentos da produção. Como setor mais estratégico concentrou, não só investimentos, mas partia dele a difusão de novas tecnologias. O projeto soviético não era somente econômico, era um projeto que incorporava mudanças econômicas, políticas e culturais. Para que fosse possível o aprofundamento desse novo projeto de sociedade a criação de um novo sujeito, que Pomeranz chama de Homem soviético, era importante. Esse sujeito tinha como características a subordinação a um projeto coletivo de sociedade liderado pelo Estado e sua burocracia. Foi a mudança que fundamentou todo o resto e possibilitou um processo de desenvolvimento econômico e social que levou a URSS a estar na vanguarda do desenvolvimento tecnológico. Seus problemas econômicos estruturais, no entanto, dificultaram a transição para um modelo de desenvolvimento intensivo em capital. Nesse momento, a economia planejada soviética tinha como princípio a produção de valores de uso e não valores de troca como nas economias capitalistas. A garantia de pleno emprego e a obrigação de cumprir com objetivos quantitativos, acima das reais possibilidades, foram políticas que ajudaram no processo de decadência da economia soviética. O modelo de acumulação extensivo foi positivo durante a primeira fase em que se encontrava mão de obra abundante e recursos naturais com baixo custo. Foi possível, então, promover uma mudança estrutural em que mão de obra do campo era liberada para as indústrias. A fase seguinte seria de estagnação e posterior crise com a perestroika. Durante essas duas fases, os problemas estruturais soviéticos seriam expostos. As extensas fronteiras russas, e a dificuldade em defende-las, moldaram a compreensão estratégica soviética e, conseqüentemente, as prioridades econômicas e políticas internas.

Com o aumento dos preços do petróleo, a URSS passou a importar todos tipos de bens de consumo. Criou-se uma vulnerabilidade externa que teria consequências negativas para a manutenção da União. A mudança do eixo geopolítico americano no final da década de 70 rapidamente deixou claro o erro estratégico. Contrastando com a distensão geopolítica da década de 70, os americanos passam a pressionar os soviéticos principalmente com relação ao Afeganistão. Durante a década de 80 tem a retomada da corrida armamentista entre americanos e soviéticos.

O enquadramento americano feito durante a década de oitenta provou ser eficaz quanto ao seu objetivo de pressionar para uma retomada dos investimentos militares, no que ficou conhecida como “Guerra nas Estrelas” desequilibrando a relação entre as duas potências. A dificuldade de manter o mesmo nível dos americanos foi dificultada pela configuração das indústrias que tinham que bater metas fora de alcance e para isso precisavam produzir suas próprias peças. Para concluir a demanda por bens militares, as empresas precisavam diminuir a dependência do fornecimento de peças entre elas. Nesse sentido, a divisão do trabalho, fonte de produtividade na indústria, foi drasticamente reduzida. A fase de acumulação extensiva estava se esgotando. Já não havia recursos abundantes, tanto em mão de obra quanto recursos naturais baratos.

O peso que o CIM teve para o desenvolvimento econômico soviético é inegável. No entanto, a estrutura de comando, que priorizava a produção de bens militares, fez com que os outros setores fossem ineficientes em prol da conversibilidade da produção em caso de guerra. A pouca dinâmica desse complexo, no caso soviético, foi, em parte, pela falta de entrosamento entre as partes que compunham o complexo. Essa organização impedia que se tivesse o fenômeno do transbordamento para outros setores que não o militar. Os institutos de pesquisa também eram ligados diretamente ao Complexo Industrial Militar e não passavam pela academia. Dificilmente essas inovações chegavam a ter utilidades fora dos objetivos militares. O objetivo do GOSPLAN era manter o crescimento absoluto da produção e não o crescimento do produto interno de forma abstrata. Essa falta de investimentos nas modernizações das fábricas incorporando novas técnicas e novo maquinário acarretou em problemas estruturais. O olhar exageradamente militarizado da economia soviética acabou tendo outra consequência negativa. A dispersão das fábricas foi a forma que encontraram para defender a indústria em caso de guerra dispersando as fábricas no território e impedindo maior integração da produção.

A relação do CIM soviético e o desenvolvimento de novas pesquisas também sofria com a rigidez militarista. Consequência da necessidade de uso dual para uma guerra iminente. Como o importante era manter essa estrutura em vista da iminência da guerra, não havia incentivo para a pesquisa e o desenvolvimento de novas tecnologias. A inovação estava presente somente em casos de armas estratégicas e da aviação militar. A P&D soviética era mais defensiva. Buscava somente manter a paridade com os americanos e, para isso, era suficiente copiar os designs ocidentais. Embora o investimento em pesquisa fosse alto e a qualidade dos centros de pesquisa alta, a militarização do conhecimento dificultou a troca de conhecimentos entre os cientistas além de criar cisões nessas instituições. Enquanto os países ocidentais e em desenvolvimento incorporavam novas tecnologias no seu sistema produtivo, os soviéticos mantinham a rigidez militar. A estrutura criada durante os anos em que os recursos eram abundantes não respondia a nenhum incentivo para modernizar-se. Por isso as mudanças necessárias não surtiam grande efeito. A tentativa de reorganizar a estrutura produtiva soviética, modernizando-a e promovendo um ciclo de acumulação intensivo culminou nas reformas da perestroika e glasnost. Esse novo ciclo demandaria investimentos pesados em tecnologia para aumentar a produtividade dos trabalhadores em níveis comparados aos de trabalhadores dos países capitalistas.

A transição para o capitalismo foi uma ruptura total com as estruturas do passado. A partir do momento que a União caiu, foi implementada na Rússia uma “terapia de choque”. A fase capitalista russa pode ser dividida em 2 fases. A primeira indo de 92-98 e a outra de 99-08. A primeira fase é marcada pela implementação das políticas liberais. A venda de ativos do Estado, abertura comercial e a abertura financeira tiveram como consequência o sucateamento do Estado e das políticas sociais. A abertura comercial promovida durante a perestroika desorganizou a economia e aumentou a vulnerabilidade externa. As forças armadas eram reiteradamente sucateadas durante os anos 90. O descaso com as forças era tão grande que durante a década de 90 a doutrina militar não foi reformulada. Eram apenas cartas de intenções como se forças armadas soberanas não fossem necessárias no caso da Rússia. A Guerra da Chechênia mostrou o perigo do sucateamento das forças armadas russas. Era importante demonstrar que a Rússia podia se encaixar no novo modelo econômico e que as forças armadas tinham menor peso econômico. A liderança do mercado impedia que o orçamento da defesa aumentasse de forma que as forças armadas pudessem manter seu nível de atuação. O avanço da OTAN na década de 90 fez parte do projeto de liberal de enquadramento da Rússia.

Enquanto internamente as medidas liberais eram aplicadas, no que se refere à geopolítica a OTAN mantinha seu avanço em direção ao vácuo de poder deixado pela União soviética. O Complexo Industrial Militar continuou recebendo poucos investimentos e as forças armadas não eram equipadas com armas novas. O novo ideal de globalização tinha como proposta a maior interdependência econômica e política entres os Estados no sistema internacional. As lideranças russas acreditavam na possibilidade de uma inserção nos mercados globalizados de forma pacífica e autônoma. Nessa conjuntura, as forças armadas são vistas como sendo de pouca utilidade.

Os dois atores principais dessa retomada do Estado e do projeto nacional da Rússia foram Primakov e Putin. Primakov resgatou a sentido de potência russa. Por mais que a Rússia estivesse passando por um projeto de desmonte do Estado, o país ainda detinha um arsenal nuclear herdado da URSS além de vastos recursos naturais. O primeiro passo foi resgatar a capacidade do Estado de interagir na política interna, principalmente no que diz respeito à economia. A soberania monetária foi o primeiro passo dado para se resgatar as capacidades do Estado. A internalização do câmbio, a moratória da dívida e o fim das políticas monetárias liberais seguiram o objetivo estratégico do novo projeto nacional russo. A desvalorização do rublo seguiu o mesmo projeto. Essa desvalorização teve um impacto positivo nas contas do Estado russo.

Com a chegada de Putin ao poder, o projeto nacional de Primakov foi implementado e aprofundado. O projeto de Putin tinha como princípio a modernização do parque industrial russo para diversificar a economia. A alta do preço do petróleo foi importante para aumentar a capacidade fiscal do Estado e promover essas mudanças estruturais. A herança recebida da URSS também foi fundamental no crescimento rápido observado no primeiro governo Putin. Na Síria, a intervenção russa na guerra civil síria representa um passo suplementar na reafirmação geopolítica russa porque se trata de uma operação de grande porte num teatro de operação que não pertence ao ex espaço soviético e nem é fronteiro com o território russo. Demonstra, portanto, uma capacidade de projeção geopolítica que não era concebível na década de 90, no auge do desmonte militar geopolítico russo. O sucesso das operações militares conduzidas pela Rússia no conflito sírio a partir de 2015, demonstrou a capacidade operacional do exército russo e o nível tecnológico avançado do seu armamento. Um exemplo da sofisticação tecnológica dos equipamentos bélicos russos é oferecido pelo sistema de defesa anti-aérea S-300 e S-400 amplamente demonstrado no teatro de operação sírio. (MASON, R. & SUCHKOV, M.A. 2020)

O tema do Complexo Industrial Militar tem uma característica única que é o envolvimento de áreas do conhecimento que normalmente não se entrelaçariam. Dentro do debate das relações internacionais, por exemplo, um olhar realista sobre o tema pode ser insuficiente para entender por completo as motivações que estão por trás da criação desse complexo. O Estado como “caixa-preta”, não funciona nesses casos com um dado, ele precisa ser construído. Como consequência devemos observar como se distribui o poder dentro desse Estado e quem o controla.

É necessário também olhar para o lado econômico do tema, visto que o debate sobre a alocação de recursos do Estado é muito importante para entender a possibilidade de se construir esse complexo industrial-militar. A criação desse instrumento tem no seu olhar para fora um viés de soberano no que tange a sua capacidade de prover a defesa e segurança de um país em caso de guerra. Porém, olhando para dentro podemos observar a contribuição dada para o desenvolvimento econômico da nação visto que um complexo industrial-militar está intimamente relacionado a inovação tecnológica.

O caso da Rússia é revelador de muitos desses aspectos. Como herdeira da URSS, esse país tem no petróleo seu maior instrumento de captação de divisas internacionais o que a torna vulnerável às oscilações dos preços internacionais. Então, esse complexo, também herdado, pode ser uma via de diversificação da pauta exportadora visto que é uma área em que esse país está na vanguarda. A conjuntura, ao contrário época da Guerra Fria, possibilita que o Estado russo opere dentro dos mercados mundiais.

A relação entre os dois países vem se deteriorando após o fim da URSS. 2014 foi o ponto de inflexão dessa relação conturbada com um pano de fundo geopolítico que tinha como adversários diretos os Russos, americanos e europeus. O conflito com a Ucrânia foi o a materialização de uma nova potência russa. Culminando na exação da Crimeia, importante posto estratégico para os russos.

A importância da Ucrânia para a Rússia tem vinculações históricas, sociais e geopolíticas. No ensejo da expansão da OTAN para o Leste Europeu, a Ucrânia teve um papel central. A visão ocidental, na qual a Rússia continua sendo uma ameaça à segurança da Europa tem no território ucraniano o espaço perfeito para conter a Rússia nas suas pretensões europeias. Portanto, a expansão da OTAN culminaria na Ucrânia, tendo até 2009, incorporado grande parte do Leste europeu, países que faziam parte da ex-URSS e que eram vistos como espaço natural de influência russa. No entanto, o conflito com a Ucrânia teve como estopim o avanço da União

Europeia para o Leste Europeu com a promessa de desenvolvimento econômico. Segundo Walker (2015), esse projeto de incorporar os países do Leste europeu tinha como objetivo impedir que a Rússia pudesse promover um arranjo semelhante com esses países criando a União Econômica Eurasiática (UEE).

Essa política de integração, tanto econômica quanto militar, com a Europa tende a minar as capacidades do Estado Russo. Integrar-se economicamente ao Ocidente teria consequências para as indústrias do Leste Europeu. Estas teriam de se adequar aos moldes do capital europeu/americano se estabelecendo dentro da hierarquia da divisão do trabalho já estruturada pelos países desenvolvidos da Europa. As indústrias, dessa forma, se vinculam aos objetivos estratégicos ocidentais respondendo aos seus estímulos e as suas ameaças. A Integração desses países em arranjos militares, no entanto, é mais preocupante. Impedindo que os países tenham soberania em promover suas políticas exteriores e integrá-los à um conceito de segurança coletiva, que responde aos objetivos estratégicos das potências regionais, impacta negativamente no Complexo Industrial Militar russo e impacta positivamente no Complexo Industrial Militar dos países ocidentais. Para Walker (2015), o advento da integração dos países do Leste Europeu ao guarda-chuva de segurança da OTAN, esses países puderam diminuir seus orçamentos militares e, ao mesmo tempo, modernizaram suas forças armadas. Nesse sentido, O Complexo Industrial Militar é uma agenda de pesquisa que trará frutos para o estudo das Relações Internacionais e da Economia Política Internacional.

Esse trabalho, ousado em seu objetivo, deixa em aberto algumas linhas de pesquisa para serem trabalhadas. A relação das doutrinas militares com os complexos é fundamental para entender de forma mais profunda as implicações da concepção da guerra e seus desdobramentos na indústria. Outra linha de pesquisa que se abre é a relação entre a ciência e tecnologia e as relações internacionais. O investimento em ciência e tecnologia, vinculado ao poder do Estado, é, muitas das vezes, visto somente pelo lado econômico e não pelo estratégico. O desenvolvimento desse setor científico passa pelo apoio às pesquisas de base que proporcionam o conhecimento necessário para a quebra de paradigmas e é um dos pilares do poder do Estado Nacional.

REFERÊNCIAS

- AKCHURINA, V. & DELLA SALA, V., 2018. **Russia, Europe and the Ontological Security Dilemma: Narrating the Emerging Eurasian Space.** *Europe-Asia Studies*, 70(10), pp. 1638- 1655.
- ALDIS, A. & MCDERMOTT, R., 2003. **Russian Military Reform: 1992-2002.** Londres: Frank Cass.
- ALLEN, R. C. (2003) **Farm to Factory. A Reinterpretation of the Soviet Industrial Revolution.** Princeton: Princeton University Press.
- BITZINGER, R. A., 2016. **The future ain't what it used to be: strategic innovation in the global defense industry.** Em: *emerging critical technologies and security in the asia-pacific.* cingapura: Palgrave Macmillan, pp. 154-167.
- BLANK, S. & KIM, Y., 2014. **Arms Sales and Russia's Future as an Asian Power.** *Asian Politics & Policy*, 6(2), pp. 267-284.
- BRAUN, A., 2008. **Enlargement and the perils of containment.** Em: A. Braun, ed. *Nato-Russia relations in the twenty-first century.* Nova York: Routledge, p. 219. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHAN, S., 1992. **Defense, Welfare, and Growth.** Em: A. M. Steve Chan, ed. *Defense, Welfare, and Growth: Perspectives and Evidence.* Londres: Routledge, pp. 1-21.
- COHEN, S. B., 2015. **Geopolitics The Geography of International Relations.** 3 ed. Londres: Rowman & Littlefield .
- COOPER, J., 2013. **The Russian Economy Twenty Years After the end of the Socialist Economic System.** *Journal of Eurasian Studies*, Volume 4, pp. 55-64.
- DE HAAS, M., 2001. **An analysis of Soviet, CIS and Russian military doctrines 1990–2000.**
- DE HAAS, M., 2010. **Russia's Foreign Security Policy in the 21st Century Putin, Medvedev and beyond.** Nova York: Routledge.

DE HAAS, M., 2011. **Military Reform in Russia: Success or Failure?**. *Security Index: A Russian Journal on International Security*, 17(1), pp. 95-102.

DOMBROWSKI, P. & GHOLZ, E., 2006. **Buying military transformation: technological innovation and the defense industry**. Nova York: Columbia University Press.

ERICKSON, J. **The Soviet High Command: A Military-Political History, 1918–1941**, 3rd ed. London: Frank Cass, 2001

FÂNZERES, J. M. F., 2014. **Geopolítica e Geoestratégia da Federação Russa: A Força da Vontade, a Arte do Possível**. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional.

FIORI, J. L. **Sobre o Poder Global**. *Novos Estudos, CEBRAP*, v. 73, Novembro 2005, pp.61-72.

FROLOV, K. V., 2007. **Dual-Purpose Technologies in View of Diversification of the Military- Industrial Complex of Russia**. *Journal of Machinery Manufacture and Reliability*, 36(2), pp. 107-109.

GAIDAR, Y. (2003) **The Soviet Collapse: Grain and Oil**. Washington: American Enterprise for Public Policy Research.

GILL, G. & YOUNG, J., 2012. **Routledge handbook of Russian politics and society**. Nova York: Routledge.

GILPIN, R. **The political economy of the international relations**. Princeton: Princeton University Press, 1987

GILPIN, R., 1988. **The Theory of Hegemonic War**. *The Journal of Interdisciplinary History*,

GORODETSKY, G, 2003. **Russia Between East and West: Russian Foreign Policy on the Threshold of the Twenty-First Century**. Londres: Frank Cass.

GRYGIEL, J. J., 2006. **Great powers and geopolitical change**. Maryland: The Johns Hopkins University Press.

HAKVAG, U., 2017. **Russian defense spending after 2010: the interplay of personal, domestic, and foreign policy interests**. *Post Soviet Affairs*, 33(6), pp. 496-510.

HEDENSKOG, J. et al., 2005. **Russia as a Great Power Dimensions of security under Putin.**

HIGHAM, R; KAGAN, F. W., eds. **A Military History of the Soviet Union.** New York, Palgrave, 2002.

HUANG, C. & HOOLE, F., 1992. **Military Burden and Economic Hegemonic Decline: The case of the United States.** Em: A. Mintz, ed. *The Political Economy of Military Spending in the United States.* Nova York: Routledge, pp. 238-260.

IMF (International Monetary Fund) (2020) *International Financial Statistics.* Available at: <<http://data.imf.org/?sk=5DABAFF2-C5AD-4D27-A1751253419C02D1&ss=1409151240976>>. *International Security*, 22(4), pp. 88-134.

IZYUMOV, A., KOSALS, L. & RYVKINA, R., 2000. **Defence Industry Transformation in Russia: Evidence from a Longitudinal survey.** *Post-Comunist Economies*, 12(2), pp. 215-228.

IZYUMOV, A.; KOSALS, L. (2011) **The Russian defence industry confronts the market: findings of a longitudinal study.** *Europe-Asia Studies*, v.63, n.5, p. 733-756.

KINDLEBERGER, C. **The world in depression, 1929-39.** Berkeley: University of California Press, 1975

KNORR, K., 1973. **Power and Wealth: The Political Economy of International Power..** 4^o ed. Londres: Palgrave Macmillan.

KOSALS, L., IZYUMOV, A. & KEMELGOR, B., 2018. **From the Plan to the Market and Back—The Organisational Transformation of the Russian.** *Europe-Asia Studies*, pp. 1-22.

KRAUSE, K., 1992. **Arms and the state: patterns of military production and trade.** Cambridge: Cambridge University Press.

KURÇ, Ç. & BITZINGER, R., 2018. **Defense industries in the 21st century: A comparative analysis—The second e-workshop.** *Comparative Strategy*, 37(4), pp. 255-259.

LE TORRIVELLE, X., 2017. 1917-2017: **Où va la Russie? Une Puissance Eurasienne Dans Un Nouveau Monde.** *Hérodote*, Volume 166-167, pp. 81-96.

LOPEZ, G. & GERARDO BRACHO, C. (2005) **The economic collapse of Russia**. *Quarterly Review Banca Nazionale del Lavoro*, Roma, n.232.

LUKIN, A., 2018. **China and Russia: The New Rapprochement**. 1° ed. Cambridge: Polity.

MANKOFF, J., 2009. **The Return of Great Power Politics**. Nova York: Rowman & Littlefield.

MASON, R. & SUCHKOV, M.A. (2020) **Russia in Syria and the Middle East: Tactics Disguised as a Strategy**. In: Mason (Ed.) *Transnational Security Cooperation in the Mediterranean*. London: Palgrave, pp. 147-161.

MAZAT, N. & SERRANO, F. (2017) **A macroeconomia da federação russa: do tratamento de choque à recuperação nacionalista? Uma interpretação heterodoxa**. *Revista Tempo do Mundo*, v. 3, p. 217-256.

MAZAT, N. & SERRANO, F., 2013. **A potência vulnerável: padrões de investimento e mudança estrutural da União Soviética à Federação Russa**. Em: R. Bielschowsky, ed. *Padrões de Desenvolvimento Econômico (1950-2008): América Latina, Ásia e Rússia*. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, pp. 755-892.

MAZZUCATO, M., 2014. **O Estado Empreendedor: Desmascarando o mito do setor público vs. setor privado**. 1° ed. São Paulo: Schwarcz.

MEARSHEIMER, J. J., 2014. **The Future of the American Pacifier**. *Foreign Affairs*, Volume 80, pp. 46-61.

MEARSHEIMER, J. 1995. **The False Promise of International Institutions**. *International Security*, 19(3), pp. 5-49.

MEDEIROS, C. **O Desenvolvimento tecnológico militar americano no pós-guerra como um empreendimento militar**. In: FIORI, J.L. (Org.). *O Poder Americano*. 2 ed. Petrópolis. Vozes 2005. 454 pg.

MEDEIROS, C.; SERRANO, F (2004) **“o desenvolvimento econômico e a retomada da abordagem clássica do excedente”**. revista de economia política vol 24, nº 2, março, são paulo;

- MILLER, C., 2018. **Putinomics: Power and Money in Ressurgent Russia**. 1 ed. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- MILLER, S. & TRENIN, D., 2004. **The Russian Military: Power and Policy**. Cambridge: The MIT Press.
- MILWARD, A. S. **War, Economy and Society**. Allen Lane, Great Britain.
- MINTZ, A., 1992. **Political Economy and National Security**. Em: T. & Francis, ed. *The Political Economy of Military spending in the United States*. Nova York: Routledge, pp. 1-15.
- MOROZOVA, N., 2009. **Geopolitics, Eurasianism and Russian Foreign Policy Under Putin**.
- MOSKOS JR, C. C., 1974. **The Concept of the Military-Industrial Complex: Radical Critique or Liberal Bogey?**. *Social Problems*, 21(4), pp. 498-512.
- NALBANDOV, R., 2016. **Not by bread alone: Russian foreign policy under Putin**. Nebraska: Potomac.
- PAUL, C. M. "The Military Revolution in Russia, 1550– 1682," *Journal of Military History* 68, 1 (January 2004), pp. 9–46,
- PIVETTI, M. (1989) **Military Expenditure and Economic Analysis: A Review Article**. *Contributions to political economy*, 8, pp. 55-67.
- PIVETTI, M., 1992. **Military spending as a burden on growth: an 'underconsumptionist' critique**. *Cambridge Journal of Economics*, 16(4), pp. 373-384.
- POPOV, V. (2007) **Russia Redux?** *New Left Review*, London, n°244.
- RADVANYI, J., 2017. **Quand Vladimir Poutine se fait Géographe Hérodote**, Volume 166-
- RENTZ, B., 2014. **Russian Military Capabilities after 20 Years of Reform**. *Survival: Global Politics and Strategy*, 56(3), pp. 61-84.
- ROE SMITH, M. **Military enterprise and technological change**. The MIT Press, Cambridge Mass, Cambridge.
- ROSEFELDE, S., 2004. **RUSSIA IN THE 21ST CENTURY: The Prodigal Superpower**. Nova York: Cambridge University Press.

ROSSTAT - **FEDERAL STATE STATISTICS SERVICE** (2020) *Russia in Figures*. Moscow. Disponível em : <http://www.gks.ru>.

RÜHLE, M., 2014. **NATO Enlargement and Russia: Discerning Fact from Fiction**. *American Foreign Policy Interests: The Journal of the National Committee on American Foreign Policy*, 36(4), pp. 234-239.

RUTLAND, P. **An Unnecessary War: The Geopolitical Roots of the Ukraine Crisis** In: PIKULICKA-WILCZEWSKA, A & SAKWA, R (Org.). *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. 1ª ed. Bristol, UK. E-International Relations Publishing. 275 pg.

SAKWA, R. (2015) **Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands**. London: i.B.tauris.

SANCHEZ-SIBONY, O. (2015) **Red Globalization: The Political Economy of the Soviet Cold War from Stalin to Khrushchev**. New York, NY: Cambridge University Press.

SERRANO, F (2004) “**Relações de poder e a política econômica americana, de Bretton Woods ao padrão dólar flexível**” In: José Luis Fiori. (Org.). *O Poder Americano*, Vozes, 2004

SERRANO, F (2017) **Garegnani's svimez report, development economics and the role of government spending in long run growth**. Mimeo UFRJ. Disponível em: <https://franklinserrano.files.wordpress.com/2017/03/serrano-on-garegnani-1962-and-fiscal-policy-english-march-2017.pdf>.

SERRANO, F. M. C., 2004. **O Desenvolvimento Econômico e a Retomada da Abordagem Clássica do Excedente**. *Revista de Economia Política*, Abril-Junho, pp. 238-256.

SIPRI (2017) **Military Expenditure Database**. Available at:<http://www.sipri.org/research/armaments/milex/milex_database >.

SMITH, R., 2009. **Military Economics: The Interaction of Power and Money**. Nova York: Palgrave Mcmillan.

SMITH, R; DUNNE, P. **Is military spending a burden? A 'Marxo-marginalist' response to Pivetti** *Cambridge Journal of Economics* Vol. 18, No. 5 (October 1994), pp. 515-521

SOLOV'EV, A. M., 2014. **Studies on Russian Economic Development**, 25(5), pp. 478-484.

- SPEGELE, R. D., 1996. **Political Realism in International Theory**. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- STONE, D. R **Hammer and Rifle: The Militarization of the Soviet Union** Lawrence: University Press of Kansas, 2000.
- STONE, R. D. **Military History of Russia: From Ivan the Terrible to the War in Chechnya**. Londres. Preager Security International. 2006. 281 pg.
- STRANGE, S., 1996. **The Retreat of the State: The Diffusion of Power in the World Economy**.
- STRANGE, S., 2015. **States and Markets**. 1 ed. Nova York: Bloomsbury.
- THIRLWALL, A. P. **The balance-of-payments constraint as an explanation of international growth rate differences**. Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review, p. 45-55, mar. 1979.
- TREISMAN, D. **The Return: Russia's Journey from Gorbachev to Medvedev**. New York: Free Press, 2011.
- TRENIN, D., 2001. **The End of Eurasia: Russia on the Border Between Geopolitics and Globalization**. Moscou: Carnegie Moscow Center.
- TSYGANKOV, A. P., 2012. **Russia and the West from Alexander to Putin : honor in international relations**. Nova York: Cambridge University Press.
- TSYGANKOV, A. P., 2013. **The Russia-NATO Mistrust: Etnophobia and the double expansion to contain "the Russian Bear"**. *Communist and Post-communist studies*, 29 Janeiro, pp. 179-188.
- TSYGANKOV, A. P., 2014. **The Strong State in Russia: Development and Crisis**. Nova York: Oxford University Press.
- TSYGANKOV, A., 2009. **Russophobia Anti-Russian Lobby and American Foreign Policy**.
- TSYGANKOV, A., 2016. **Russia's Foreign Policy: Change and Continuity in National Identity**. 4° ed. Londres: Rowman & Littlefield.

WALKER, E. **Between East and West: NATO Enlargement and the Geopolitics of the Ukraine Crisis.** In: PIKULICKA-WILCZEWSKA, A & SAKWA, R (Org.). *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives.* 1^a ed. Bristol, UK. E-International Relations Publishing. 275 pg.

WALTZ, K., 2000. **NATO expansion: A realist's view.** *Contemporary Security Policy*, 21(2), pp. 23-38.

WEITZ, R., 2010. **Illusive Visions and Practical Realities: Russia, NATO and Missile Defence.**